ANO 37.º SEXTA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 1957 N.º 12.345

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

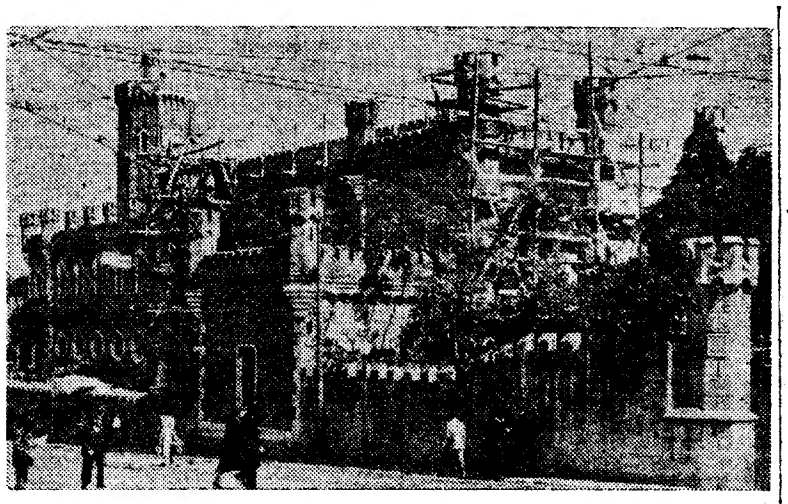
As conjecturas *sobre a venda* do Parque de Palhavã à Fundação Gulbenkian

Um dos nossos colegas da manhã noticía, hoje, que o frondoso parque de Palhavã, em parte do qual funcionou, nos ultimos anos, a Feira Popular, fora vendido á Fundação Gulbenkian, para esta ali construir o palácio-museu destinado a recolher as obras de arte do famoso coleccionador que passou os ultimos anos da sua vida no nosso País.

Como se sabe, o parque de Palhavã é — ou era — pertença do sr. conde de Vilalva, que o herdou de seu pai, o qual, por sua vez, o recebera em herança de sua mãe, a sr.ª D. Patrocinio. Desmembrada já a magnifica propriedade criada por José Maria Eugénio, com a venda do velho palácio para o Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, ficou ainda uma ampla zona arborizada, entre as Avenidas Marquês da Fronteira e de Berne. Ali existe outro palácio, onde, depois da ultima feira popular, se começaram a fazer obras, com a instalação da familia do sr. conde de Vilalva.

Entretanto, é no decorrer destas obras que surge a noticia de que o proprietário teria vendido o parque — no todo ou em parte — á Fundação Gulbenkian. Sabe-se que o encerramento definitivo da Feira Popular está ligado ao desejo do sr. conde de Vilalva de dar outro destino ao parque, aproveitando-o, porventura, pelo menos em parte, para edificações.

(Continua na 6.ª página)



Uma rede de andaimes, envolvendo a construção de configuração acastelada, fez erguer-se, com excessiva facilidade, a ideia de que no local poderiam empreender-se próximamente grandes obras para um destino diferente

Nota do dia

Povoamento

Angola pede mais colonos metropolitanos. Na ultima reunião do Conselho Legislativo, em que se discutiu o projecto do Estatuto do Trabalho, o vogal Américo Aleixo insistiu na necessidade, cada vez mais instante, de fomentar o povoamento daquela vasta provincia ultramarina por colonos brancos. A política de ocupação do território por uma população metropolitana que torne mais apertados os vinculos que ligam Angola á Mãe-Pátria tem sido defendida e seguida pelo nosso Governo através das numerosas dificuldades que oferece. É do mais alto interesse nacional prosseguir nela e intensificá-la quanto possível. O apelo que vem agora de Angola, que aquele vogal do Conselho Legislativo considera com justa razão «o portuguesissimo prolongamento da Nação lusitana no continente africano», coincide com o fecho dos trabalhos da 30.ª reunião do I. N. C. I. D. I., em que mais uma vez se prestou justiça ao génio expansionista da nossa raça e ao espírito de missão que caracterizou o nosso convivio com outras civilizações e outras raças. Se quisermos manter em África o prestígio e a continuidade do nome português, o processo mais seguro consiste, sem duvida, em vincular ao território uma população branca que prolongue a Nação metropolitana e perpetue as virtudes da raça.

O ministro das Corporações recebe hoje sir Guildhaume-Evans

O sr. dr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações, recebe esta tarde sir Guildhaume-Evans, presidente do conselho de administração do Bureau Internacional do Trabalho e subsecretário permanente do Ministério do Trabalho e do Serviço Nacional da Grã-Bretanha.

Sir Guildhaume-Evans, que está hospedado no Estoril com sua esposa, lady Elizabeth Myrddin, visita o nosso País a convite do sr. ministro das Corporações, de acordo com o Plano de Acção Social e Corporativa.

«Pensamento e acção» — colectânea de discursos do dr. Trigo de Negreiros

Dr. T. de Negreiros

Nos dezasseis anos em que ocupou cargos ministeriais, o sr. dr. Trigo de Negreiros teve ocasião de proferir numerosos discursos. Alguns deles, há que reconhecê-lo, revestem-se de excepcional importancia, tanto pela forma, como pelo conteudo e, principalmente, pela unidade de pensamento que os caracteriza. Seria, por isso, de lamentar que muitos desses documentos políticos não tivessem a consagração que merecem, ou seja a sua publicação em volume. Embora sem o seu conhecimento, houve porém quem se lembrasse, e em boa hora o fez, de reunir uma colectânea dalguns deles, escolhidos, conforme se declara no prefácio da obra, «quase ao acaso entre centenas de discursos proferidos pelo sr. dr. Trigo de Negreiros nas ocasiões mais diversas e

(Continua na página seguinte)

Visado pela Comissão de Censura

A política de Kruchtchev não se modificou quanto ao fundo — *concluem em Moscovo* as esferas diplomáticas ocidentais

MOSCOVO, 19 — No entender das esferas diplomáticas desta cidade, a posição pessoal de Kruchtchev e de Bulganine parece ter-se reforçado depois das recentes conversações com os dirigentes das democracias populares, conversações que principiaram em Novembro, em Moscovo, Com Gomulka, e findaram anteontem com a assinatura do comunicado sovieto-albanês.

No plano interno, todas as reformas estão ligadas directamente ao nome de Kruchtchev: as decisões económicas do Plenário do Directório do Partido, em Fevereiro, as «teses» lançadas em Março, tendo em mente a completa reorganização da industria, a decisão de suprimir os empréstimos e congelar por 25 anos o reembolso das obrigações subscritas anteriormente, são outras taritas medidas cuja iniciativa é atribuida ao primeiro secretário do Partido.

No plano internacional, Bulganine e Kruchtchev desempenharam o papel de vedetas nas conversa-

(Continua na 6.ª página)

O canal de Suez deve ficar desobstruído na semana que vem

CAIRO, 19.—O general Raymond Wheeler, que tem dirigido os trabalhos de desobstrução do canal de Suez, tenciona encerrar o quartel-general de Ismaília a 29 do corrente, dando como terminados os trabalhos naquela via marítima, segundo se afirma hoje.

Parte das funções até agora desempenhadas pelo quartel-general de Wheeler ficarão a cargo de uma Junta nomeada pelo Governo egipcio.

Alguns dos barcos salvadegos já deixaram o Egipto, a caminho dos seus países.

Um informador da O. N. U. disse hoje que as possibilidades de navegação pelo Canal são satisfatórias e que os trabalhos de dragagem já permitem a passagem de navios até 7 metros de calado.— (A. N. I.).

Recomeçam os incidentes na fronteira sírio-israelita

DAMASCO, 19 — A propósito do incidente israelo-sírio, ocorrido ontem, um informador do Exército da Síria fez á Imprensa a seguinte declaração: «Ontem, ás 16 e 30, uma patrulha israelita penetrou na zona desmilitarizada e fez fogo sobre a guarda local da aldeia de Shamalne que respondeu ao ataque. A patrulha, depois de receber reforços, continuou a fazer fogo até ás 18 e 45. Não há vítimas do lado sírio. Os observadores da O. N. U., informados desta nova agressão israelita, dirigiram-se para o local do incidente, a fim de procederem a um inquérito». — (F. P.).

(Ler mais telegramas na 6.ª página)

Uma queda de água descoberta na selva a 200 km. de Malange

LUANDA, 19 — A duzentos quilómetros da cidade de Malange, foi descoberta, em densa floresta inexplorada, no rio Luacho, uma queda de água de 120 metros de altura, muito superior ás famosas quedas do Duque de Bragança.

Muito perto da nova queda de água, ouve-se um ruído enorme, parecendo haver nas proximidades outra catarata maior. No entanto, a região é muito difícil de alcançar. — (A. N. I.).

A três séculos *de distância*

LONDRES, 19 — O veleiro «Mayflower II» partiu de Dartmouth, esta madrugada, para Plymouth, onde carregará víveres e mercadorias, antes de iniciar a travessia do primeiro «Mayflower» que, em 1620, levou para a América os primeiros colonos britanicos.

A largada para Plymouth (no Massachussets), está marcada para amanhã ou domingo. — (F. P.).

O novo sistema militar *previsto para a Grã-Bretanha*

por EMANUEL SHINWELL

antigo ministro da Defesa

Se a nova política militar da Grã-Bretanha significa alguma coisa é que foi completamente posta de parte a ideia de preparar a guerra com forças e armas clássicas. Estas foram substituidas pela «capacidade de represália», quer dizer pela bomba A, pela bomba H, pelos projécteis teleguiados de longo e médio raio de acção e pelos foguetões, em resumo pelo equipamento nuclear. O que já sabemos leva á conclusão de que, além dessas, outras armas ainda mais terriveis estão a ser preparadas, embora os próprios cientistas e técnicos continuem

(Continua na 15.ª página)

«Diário de Lisboa»
PUBLICA HOJE
24 PÁGINAS
8 das quais incluem a nossa secção habitual
VIDA LITERÁRIA

A ARTE E A VIDA

O crítico musical *João de Freitas Branco* depõe no inquérito do «Diário de Lsboa»

João de Freitas Branco, filho do grande compositor Luís de Freitas Branco, é hoje, com 34 anos apenas, um dos primeiros críticos musicais portugueses. Mesmo fora do domínio orfeico, a sua harmoniosa cultura, a sua profunda receptividade ao fenómeno estético, nos seus aspectos plurais, um sobranceiro e reflectido temperamento de ensaísta, tornam-no uma das mais interessantes e sólidas figuras da sua geração.

Dedicou-se á musica desde muito cedo. Frequentou o Conservatório (curso superior de piano) e estudou composição com seu pai. Pela longa e íntima convivência que teve com Viana da Mota, pode considerar-se seu discípulo, embora não tivesse recibido lições de piano do grande intérprete português. A par dos seus estudos musicais, tirou o curso superior de Ciências Matemáticas na Faculdade de Ciências de Lisboa, onde se distinguiu como um dos melhores alunos do seu tempo.

(Continua na 7.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Uma semana
de estudos da vida rural
para dirigentes
da Acção Católica

As direcções-gerais dos organismos agrários da Acção Católica Portuguesa, L. A. C., L. A. C. F., J. A. C. e J. A. C. F., no intuito de formarem dirigentes diocesanos, cada vez mais aptos ao desempenho da sua missão de chefes e de orientadores de acção e apostolado, vão promover em Fátima uma «Semana de Estudos», a qual decorrerá entre 22 e 27 do corrente mês.

O programa das teses que vão ser apresentadas é o seguinte:

1.º dia — A Crise Religiosa: «Situação religiosa do meio rural», pelo rev. padre eng.º Manuel Falcão, professor do Seminário dos Olivais; «Problemas do apostolado no meio rural», por D. Maria Adriana. 2.º dia — Questões Agrárias: «O Progresso técnico e a vida rural», pelo eng.º agr. Eugénio Castro Caldas, professor do Instituto Superior de Agronomia; «Migrações cíclicas no nosso País. O problema dos ranchos», pelo eng.º agr. José Miranda Magalhães.

3.º dia — Questões Agrárias: «Trabalho, salário e produtividade», pelo eng.º Galamba de Oliveira; «Problemas da propriedade rural e da sua exploração», pelo eng.º agr. Marcelino Pereira da Rocha.

4.º dia — Moral Social: «Deveres dos proprietários rurais», pelo dr. José Adriano Paquito Rebelo; «Miséria merecida», alocução pelo sr. D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto.

Além destas teses, serão apresentadas algumas comunicações e testemunhos, destinados a contribuir para o estudo de outros problemas do meio agrário.

Uma Páscoa feliz

passará V. Ex.ª no acolhedor ambiente do **MAR-LINDO**, Praia de Santa Cruz, telef. 6, que prima por apresentar uma alimentação esmeradíssima e dispõe de aposentos maravilhosos.

«Pensamento e acção»

(Continuação da página anterior)

versando os temas mais variados».

Nela se encontram elementos que nos ajudam a reconstituir a notável acção que aquele homem publico tem desenvolvido no Governo, quer como subsecretário das Corporações, ajudando a consolidar a estrutura da organização que engloba as actividades nacionais; quer como subsecretário da Assistência, na colaboração que prestou ao ministro em muitas reformas levadas a cabo com êxito, entre as quais convem não esquecer a contribuição dada para a solução do problema da assistência psiquiátrica em Portugal; e por fim como ministro do Interior, tanto pela firmeza como pelo espírito de tolerancia que tem posto sempre na resolução de todos os assuntos que correm pela sua pasta, entre os quais convem salientar os que se relacionam com a ordem, a assistência e a saude publicas.

De simples presidente de uma Camara Municipal de província, onde revelou logo qualidades que o haviam de inculcar para o exercício de mais altas funções, até ás cadeiras ministeriais, que tem ocupado com tanto brilho como competência, o sr. dr. Trigo de Negreiros tem mantido através da sua vida publica uma linha de coerência e uma reputação de probidade que ninguém de boa fé ousará contestar. Como governador civil do Porto, realizou uma obra de pacificação e de concórdia em que se revelava já o espírito conciliador e a vontade firme que mais tarde o haviam de impôr á admiração dos amigos e ao respeito dos adversários.

A colectânea dos seus discursos, embora reunida sem preocupações de selecção, documenta sobejamente as qualidades que o distinguem como homem de governo, cuja acção tem sido por mais de uma vez posta em justo relevo pela Imprensa.

No prefácio que escreveu para o livro, o sr. dr. Higino Borges de Meneses, seu antigo chefe de gabinete, que acompanhou durante um largo período a carreira ministerial do sr. dr. Trigo de Negreiros, colaborador dedicado e testemunha inteligente dos seus actos, define melhor do que nós o poderiamos fazer a lição que se colhe e as conclusões que se tiram desta importante e oportuna colectânea, que vem enriquecer a nossa literatura política: «A primeira noção que se depreende dos discursos é uma lição de serenidade e de tolerancia. E essas mesmas características ressaltam ainda, apesar de tudo, nos discursos das campanhas eleitorais, nos quais, não obstante a vivacidade com que os assuntos são tratados, se não descobrem vestígios de má vontade ou agravo pessoal, antes se exaltando quanto tende a unir os Portugueses e a cimentar a sua confiança no destino da Pátria.

«Através de uma experiência já longa, a actuação do senhor doutor Trigo de Negreiros tem-se desenvolvido sob o signo da compreensão, do bom senso, da bondade e do espírito de justiça, qualidades que os próprios adversários lhe reconhecem,

«Por índole avesso a violências inuteis e a transigências comprometedoras, o autor dos discursos, independente de grupos e de interesses, reune um conjunto de qualidades que lhe permite julgar os homens e apreciar os acontecimentos com a maior independência e imparcialidade».

Quer dando posse a altos funcionários do seu ministério, quer inaugurando serviços, quer nos mais diversos actos publicos em que teve de usar da palavra, dos discursos do sr. dr. Trigo de Negreiros fica sempre alguma coisa de construtivo, de esclarecedor e de patriótico. Não é o momento de apreciar em conjunto a obra realizada por ele nos três departamentos ministeriais que sucessivamente dirigiu, mas sobretudo á frente do Ministério do Interior, para o exercício de cujas funções seria dificil encontrar quem reunisse as qualidades que nele concorrem para o desempenho dessa dificil tarefa. Quando as paixões políticas se acalmarem e os despeitos ou os interesses feridos perderem o carácter de agressividade que os caracteriza, far-se-á inteira justiça á sua acção governativa.

Há que louvar, desde já, sem reservas a sua dedicação á causa publica, que tem servido com o melhor da sua inteligência, da sua formação jurídica e das nobres qualidades de carácter que o distinguem—e que continuará, certamente, a servir, pois não somos tão ricos de valores que se possa dispensar a colaboração de homens como o sr. dr. Trigo de Negreiros.

Escritos num estilo sóbrio, elegante, expressivo, com uma economia de palavras e uma riqueza de pensamento que lhes confere um lugar àparte na literatura política dos nossos dias, alguns discursos do sr. dr. Trigo de Negreiros são modelos no género. Neles se estabelecem princípios, se expõem ideias, se definem posições, se equacionam problemas ou se exaltam actos políticos sempre com uma dignidade exemplar, uma argucia notável, um conhecimento de causa perfeito e uma elegancia moral que não se pode pôr em duvida.

«Pensamento e acção» ficará como o espelho político de uma época e a expressão fiel de uma linha de conduta que orientou toda uma acção governativa.

E. U. A. CANADÁ, ESPANHA
ITÁLIA, GRÉCIA E EGIPTO

SÃO PAISES SERVIDOS DIRECTAMENTE DE LISBOA

PELA TWA EM

PRIMEIRA CLASSE

Refeições e Bebidas da melhor qualidade, Poltronas reclináveis, Ar condicionado segundo o sistema mais moderno e Tripulações experimentadas são factos a bordo dos mundialmente famosos Constellations, as Aeronaves mais elegantes e confortáveis ao serviço da Aviação Comercial

PREÇOS TURISTICOS A PARTIR DE LISBOA

MADRID	824$40	NOVA IORQUE	9.007$10
ROMA	2.633$80	MONTREAL	8.852$60
ATENAS	5.176$10	TORONTO	9.419$10
CAIRO	6.587$20	CALIFÓRNIA	11.952$90

Inc. TAXAS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A AV. DA LIBERDADE, 258 — LISBOA — TELEF. 58123 TWA

A nova auto-estrada
Lisboa—Vila Franca

O programa da construção da auto-estrada Lisboa-Vila Franca de Xira continua a executar-se com a regularidade prevista quando se projectou a importante obra. Anuncia-se, agora, o concurso para a adjudicação da empreitada de construção do sublanço da referida auto-estrada (estrada nacional n.º 1), entre a Encarnação e a margem direita do rio Trancão, que deve efectuar-se no dia 7 de Maio, pelas 15 horas, na Junta Autónoma de Estradas.

A construção deste sublanço está orçada oficialmente em 9:191.950$00.

///

A folha oficial publicou hoje a lista de antiguidades dos funcionários da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

VIDA RELIGIOSA

O cardeal-patriarca de Lisboa
presidiu às cerimónias
de Sexta-feira Santa

Os oficios de Sexta-feira Santa, efectuados em quase todos os templos da capital, registaram grande concorrência de fieis. Na Sé Patriarcal, sob a presidência do cardeal-patriarca de Lisboa, as cerimónias revestiram-se da maior e mais luzida pompa liturgica. De manhã apenas se realizou o Oficio de Trevas. O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que chegou ao templo pouco antes das 10 horas, foi recebido pelo clero e fieis. Uma vez no seu camarim, paramentou-se e dirigiu-se para a capela-mor, tomando lugar no solio. Estavam presentes os cónegos e os beneficiados do cabido, clero regular e secular, seminaristas e componentes da Irmandade do Santíssimo. O cardeal-patriarca presidiu ao Oficio solene de Matinas e Laudes, com responsórios cantados pela «Schola Cantorum» do Seminário de Cristo-Rei, nos Olivais. A parte polifónica foi regida pelo rev. José Viçoso Freire e a gregoriana, pelo rev. José Ferreira. A cerimónia terminou já passava do meio-dia e foi dirigida pelo beneficiado Eugénio Santos.

A solene comemoração da Paixão e Morte do Senhor

Pelas 15 horas, no referido tempo começou, também, sob a presidência do cardeal-patriarca de Lisboa, a solene comemoração da Paixão e Morte do Senhor. Cantou-se a Paixão, apresentando-se os entoantes com alva e estola negra. Para depois do canto, foi marcado o sermão da Paixão. Em seguida, com o cardeal-patriarca ladeado pelos cavaleiros da Ordem do Sepulcro, envergando os seus hábitos, e com a assistência dos componentes do cabido e mais clero, as cerimónias prosseguiram com a adoração da Cruz, precedida das nove orações solenes chamadas também «orações dos fieis», em que se pede por todas as necessidades da Igreja e pela sua hierarquia, pelos governantes e dirigentes dos povos, para que tenham paz e concordia.

Depois do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira se ajoelhar diante da cruz, fazem também adoração da cruz os cónegos e os beneficiados, os seminaristas, o clero diocesano e regular, os componentes da Irmandade. Os cavaleiros da Ordem do Santo Sepulcro são os ultimos a oscular Jesus crucificado. Também aos fieis será dado o crucifixo a beijar.

Durante a referida cerimónia e por determinação da Santa Sé, far-se-á a colecta para os lugares santos, acto que é extensivo a todas as igrejas onde se realize a cerimónia da adoração da Cruz. Um membro do rev. cabido oficiará depois e em cortejo, sob a umbela que será conduzida pelo sr. marquês de Rio Maior, um diacono conduzirá da capela do Santíssimo Sacramento para o altar-mor a Sagrada Reserva anteontem consagrada na missa solene.

O cardeal-patriarca comungará e o celebrante dará aos componentes do cabido e mais clero, seminaristas e Irmandade a comunhão. Os fieis também podem comungar.

As cerimónias de amanhã

Amanhã, ás 10 horas, haverá na Sé Patriarcal, com a assistência do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Matinas e Laudes a cargo da «Schola Catorum» do Seminário dos Olivais. Ás 22 horas começará a solene Vigilia Pascal, seguida da bênção do lume, do cirio, e da água do baptismo, renovação das promessas do baptismo e pontifical com comunhão geral dos fieis.

Os altares permanecerão sem qualquer ornamentação até que, depois da celebração da missa nocturna da Ressurreição, se cante a Aleluia, á meia-noite.

A Semana Santa em Sevilha

SEVILHA, 19.—Já com Sol recolheram hoje ás igrejas de San Lorenzo e de S. Gil as imagens do Senhor de Gran Poder e da Virgem da Esperança, que ontem dali saíram, depois da meia-noite, encerrando a série das numerosas procissões da Semana Santa. Uma e outra imagem foram antes visitadas pela esposa do chefe do Estado, recebido nos dois templos pelo actual arcebispo de Sevilha, dr. Mourreal, e aclamada carinhosamente pela multidão aglomerada especialmente no bairro da Macarena.—(Efe).

Congresso Mundial da Pax Romana

CIDADE DO VATICANO, 19—Sua Santidade o Papa recebe, na próxima quarta-feira, os dirigentes da Pax Romana que tomam parte nos trabalhos do congresso do Movimento, que se inicia no próximo dia 23 e termina a 28.

Na terça-feira próxima, o Conselho da Pax Romana-MIIC (dos intelectuais) e o «Comité» Directivo da Pax Romana-MIIC (dos estudantes), este presidido pela engenheira portuguesa D. Maria de Lourdes Pintassilgo, reunem-se para tratar dos preparativos do Congresso Mundial da Pax Romana que se realiza em Viena, em 1958, subordinada ao tema «Universidade e Liberdade».—(A. N. I.).

CONFERENCIAS

No dia 25, ás 21 e 30, o sr. eng.º Octávgio de Veiga Ferreira, profere na Casa do Algarve, uma conferência sobre «A Arqueologia Pré-Histórica do Algarve», com projecções luminosas.

LEITE PASTEURIZADO «VIGOR»
EM GARRAFAS DE 1, 1/2 E 1/4 DE LITRO

O único leite autorizado a usar a designação de *pasteurizado*.

Proveniente de estábulos apetrechados com o mais moderno material de colheita e arrefecimento e produzido por animais seleccionados isentos de qualquer doença transmissivel ao homem com assistência veterinária permanente.

Controlada oficialmente pela Direcção-Geral dos Serviços Pecuários e Direcção-Geral de Saude.

Para garantia de pureza, o público deve exigir que lhe sejam fornecidas garrafas devidamente capsuladas, verificando a sua integridade.

O fecho das garrafas do leite pasteurizado «VIGOR» passou a ser feito com cápsulas de cor verde.

AS CÁPSULAS DEVEM SER INUTILIZADAS PELO CONSUMIDOR

De ontem para hoje

AUTORIDADE NÃO É ISSO

SE Herculano vivo fosse, bateria palmas aos camaristas de Olhão, por tão seguros se mostrarem da lembrança dos foros e franquias municipais. Andaram por lá fiscais da Emissora, que, pelos modos, exageraram a sua missão, suscitando indignações tais que um deles foi metido algumas horas no calabouço — para acalmar os ímpetos. A vereação reuniu-se e elaborou sobre o caso uma exposição á Assembleia Nacional. Em verdade, fiscalizar não é entrar, sem mais tir'-te — nem — guar'-te pela casa de cada um. A noção e o sentimento de autoridade fazem parte da própria estrutura social — qualquer que seja e onde quer que exista — mas precisamente a sua noção tem de se revestir de uma grandeza própria e incontrovertível, que não pode nem deve diluir-se nas prepotências de qualquer cabo de ordens que se julgue rei da esquina de rua onde o postaram de vigilancia.

LEMBRANÇA ESQUECIDA

O pai, José Joaquim Vicente, foi tratar de uns animais. A mãe, Elisa da Conceição, foi velar o morto. Todos em Estevais (Mogadouro), vão tratar da sua vida. As crianças ficam, porém, entregues a si próprias — e até ao esquecimento dos que deixam os seus tesouros ao abandono da sua inconsciência. Por isso a pequena Ester de 6 anos, ao tocar na candeia, entornou o petróleo sobre as roupas. O petróleo incendiou-se e a menina fez-se tocha em carne viva. Os irmãozitos (um de 9 outro de 4 anos) gritaram, acudiram os vizinhos, mas a menina renunciou aos direitos de viver. Triste, dolorosa e bem involuntária renuncia, afinal.

SINAL DA VIDA E DO TEMPO

NÃO se sabe quem eram nem como aquilo foi possível. A Polícia sabe apenas o que lhe foi participado, isto é, que os gatunos arrombaram uma janela das traseiras da loja do armeiro (Rua do Andaluz, n.º 9). O dono, Sotero Gomes Fernandes, fez mais tarde o inventário. Roubaram-lhe dezasseis pistolas e seis revólveres, no valor de 20 contos. Vinte e duas armas para quê e para quem? Talvez a surpresa pareça ingénua, mas uma tal facilidade de quem quer que seja ter arma sua — muito mal faz pensar da nossa própria sociedade, da vida e do tempo.

QUERER OU NÃO QUERER «PRISÕES»

FORAM ao Registo Civil — mas teriam ido?... —, assinaram todos os papéis, passaram a viver na sua casa, dentro da sua felicidade. Alcide Alves Boal foi feliz e deu felicidade áquela que levara ao Registo Civil, D. Maria Adélia de Carvalho Amaral. Não tinham filhos, não tinham pendências judiciais, não fizeram viagens ao estrangeiro, jamais foi necessário provar o casamento. Simplesmente, ao cabo de dezassete anos, a farsa do Registo Civil revelou-se. O farsante (a cena passou-se em Vila Real e Justes, donde o casal é natural) teve de confessar que não dera em termos legais o seu nome áquela que se julgava sua sposa. E como, mesmo a destempo, se negou a cumprir o seu dever, a vítima foi á Polícia que o remeteu a juizo. Como não quis prender-se pelos laços matrimoniais, teve desde já de largar 150 contos, se quis ficar condicionalmente. sem a prisão de grades da cadeia.

JORNAL PEQUENO

DA crónica da dia-á-dia, escrita a letras de fogo: morreram duas crianças, com as chamas da lareira, a Maria Cidália, de 4 anos, filha de Mário Celestino Valente (Vila Chã, Vale de Cambra) e Hermínia, de 8 anos, filha de Joaquim Andrade Serodio (Dornelas, A guiar da Beira); na Damaia, devido á explosão do petróleo de um fogareiro, arderam quatro humildes barracas, pertencentes a António Maia, Manuel Dias, Augusto Ferreira e Joaquim Maio. ✱ Em Lourenço Marques, morreu num acidente de automóvel, D. Maria Julieta Nunes Taborda Ramos, de 21 anos, filha do professor liceal dr. Patrício Simão e casada há um mês com o eng.º Caldeira Taborda Ramos. ✱ Na passagem de nível do Chelet (Alfarelos) um comboio de mercadorias colheu uma camioneta de carga. Ficou gravemente ferido Fratuoso Redondo (Alfarelos), que seguia na cabina da camioneta por ele fretada. ✱ O subsecretariado da Aeronáutica cedeu ao Aero Clube da Beira três aviões de treino. ✱ Lagarta dos pinheiros está a devorar os pinhais novos de Viseu, responsabilizando-se o Inverno, seco e sem neves, pelos graves danos. Chamam, pelo facto, a atenção dos serviços competentes.

A falta de alojamentos

levou a Câmara a pormenorizar a autorização de uma obra sem dependência das relações de zona

Um dos capítulos mais interessantes, para o publico, do relatório anual da gerência da Camara Municipal de Lisboa, é sempre o referente á Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras, á frente da qual se encontra, já há muito tempo, o engenheiro Oliveira e Sousa.

No que respeita ao ano passado, fornece o referido capítulo, entre outras, as seguintes informações:

«A apreciação dos pedidos formulados ao Município, dado o facto de, presentemente, já se encontrarem na Repartição de Urbanização e Expropriações estudos-bases aprovados para largas zonas, torna-se difícil porque, ao autorizar-se desde já a obra pretendida, vai-se, por assim dizer, procedendo á pormenorização que compete á Repartição executar, com os riscos inerentes. Mas parece não haver outra alternativa a seguir, pois a pormenorização total de zonas tão vastas é trabalho muito moroso e incompatível com a velocidade de crescimento da cidade. Há, pois, que arriscar alguma coisa, mas, dada a notória falta de alojamentos na cidade, parece ser esse o caminho a seguir».

Durante o ano de 1956, foram elaborados, naquela Repartição, os seguintes estudos:

Arruamentos do Bairro das Furnas; alteração ao estudo do Largo de S. Sebastião da Pedreira; prolongamento das ruas do Bairro Azul; arranjo do terreno ocupado pelo Sanatório da Ajuda; estudo do Largo da Estrela; alinhamento das ruas do Patrocínio e Santo António, á Estrela; continuação do estudo da Avenida Infante Santo; acesso á Rua Joaquim Bonifácio—Bairro Catarino; ligação Lumiar-Ameixoeira; acesso e ajardinamento de grupo habitacional no angulo Norte das Avenidas do Aeroporto e D. Rodrigo da Cunha; acesso ao Ateneu Comercial; arruamentos da Picheleira; pormenor da Rua D. João V; revisão do estudo da Rua Possidónio da Silva; placa central da Parada do Alto de S. João; prolongamento da Rua José Acursio das Neves; estudo da Travessa de Santa Quitéria; estudo da Travessa Rebelo da Silva; zona da Rua da Bombarda; estudo da Avenida dos Estados Unidos da América; Rua da Bica do Sapato; Rua Alves Torgo; zona do Regueirão dos Anjos; zona compreendida entre as Ruas Gomes Freire e Rua Luciano Cordeiro; Rua Garcia de Orta; zona compreendida entre a Travessa das Águas Boas e a Rua Duarte Galvão; dimensionamento de gaveto da Rua D. Vasco e Travessa da Boa Hora; zona da Calçada do Poço dos Mouros; cruzamento da Avenida Dr. António José de Almeida com as ruas General Sinel de Cordes e Bacelar e Silva; Caramão da Ajuda; Praceta da Travessa do Outeiro; estudo da zona da Quinta de Santa Teresinha; Rua dos Caetanos e Rua Luz Soriano; plantas e perfis das ruas Sampaio Bruno, Azedo Gneco, Padre Francisco e Coelho da Rocha; perfil da Avenida Rio de Janeiro; Feira das Industrias Portuguesas, e perfis transversais do terreno destinado ás futuras instalações da Emissora Nacional.

Além destes estudos foram elaborados muitos outros de menor importancia nomeadamente os seguintes:

Rectificação do alinhamento da Rua do Olival e Presidente Arriaga, planta e perfil do prolongamento da Rua Almeida e Sousa, idem das ruas António Nobre, Abel Botelho e António Feijó, estudo dos arruamentos do Bairro do Grilo, estudo da zona marginal Poente da Avenida Gomes Pereira, estudo dos acessos ao Mercado de Xabregas, ampliação do Bairro da Quinta do Jacinto, estudo do acesso ao lote da C. C. F. L., estudo da implantação de um lote da Rua Alves Torgo, estudo dos alinhamentos da Rua da Penha de França e Avenida General Roçadas, estudo da zona compreendida entre a Avenida 5 de Outubro e a Avenida de Roma, divisão em lotes da Avenida dos Estados Unidos da América, estudo dos acessos á Escola Francisco Arruda, estudo da Praceta da Rua Silva Carvalho, estudo do alargamento da Estrada de Casolas e Calçada do Galvão, estudo dos arruamentos do Bairro da Guarda Nacional Republicana, acesso aos lotes da Avenida 28 de Maio, estudo da Rua Ferreira Borges e das Amoreiras, e estudo de cérceas da Rua de Arroios.

Os estudos-bases em curso

Foram enviados á Repartição, pelo Gabinete de Estudos de Urbanização, os seguintes estudos-bases:

Campo dos Mártires da Pátria e Rua de Santo António dos Capuchos; urbanização da zona da Graça, Barbadinhos e Calçada de Santa Clara; remodelação do Campo Grande; urbanização dos Olivais; arranjo da Zona do Quelhas; urbanização da Madre de Deus, Marvila e Poço do Bispo; urbanização do Casal Ventoso; urbanização da Picheleira; urbanização de Benfica; remodelação da zona da Rua do Arco do Cego—Avenidas Barbosa du Bocage, Marconi e João XXI; e remodelação da Avenida da Republica.

Acerca deles, diz-se no relatório:

«A pormenorização destes estudos, trabalho muito moroso por se tornar necessária a recolha de elevado numero de elementos de inquérito, parcelamentos, classificação das construções existentes, levantamentos topográficos para o estudo de implantação de prédios e do traçado de arruamentos, etc., está a ser feita continuamente, procurando sempre que possível, dar satisfação aos pedidos de construção formulados ao Município».

Processo sumário

Réus condenados e captores processados

Lei e justiça para todos e não só para um lado! E' este o caminho que o Tribunal de Polícia está a trilhar, com a intervenção sempre oportuna, esclarecedora e desassombrada do Delegado do Procurador da Republica, animado de um são e sereno espírito de justiça. Desde a constituição do Tribunal de Polícia que os casos de queixa contra determinados excessos sobre os arguidos, não eram tomadas em consideração, mas apenas os delitos pelos mesmos cometidos. Para uns e para outros, o delegado do Procurador da Republica pede a aplicação da lei. Senão vejamos: Numa casa de bebidas, da Rua Maria, entrou um cliente, Alberto Pereira, e pediu um copo de vinho. O dono da casa ou porque reconhecesse o estado de embriaguez do cliente, ou por qualquer outro motivo, recusou-se a satisfazer o pedido. O homem insistiu e, por fim, já se contentava com um café. Nem assim o dono do estabelecimento se demoveu, talvez para evitar disparates da parte do cliente, visto já o conhecer. Optou por chamar um guarda que passava á paisana, mas em serviço de vigilancia. O guarda já conhecia o referido indivíduo e este também o conhecia. Mandou-o sair, o que o homem fez. Mas parece que o guarda pronunciou uma frase pouco feliz, quando o mandou sair do estabelecimento, segundo disseram algumas testemunhas ao arguido, e daqui o rastilho para uma discussão que acabou com a prisão do arguido e de outro amigo que fizera reparos á dita frase do guarda. O Alberto queria que o guarda provasse a verdade do que dissera e ameaçou-o de se queixar. O amigo, Joaquim António Maria, também comentou a frase. Ambos tinham no seu cadastro algumas prisões por vários delitos.

Os arguidos eram acusados de injurias ao captor e a mais três guardas que estavam na esquadra, ao sub-chefe e ainda de agressão, da qual não tinham resultado ferimentos. Perante o tribunal relataram, quando interrogados pelo magistrado, o que se havia passado. E, no final, o Alberto despiu o casaco, levantou a camisola na parte das costas e mostrou o dorso ao magistrado. O mesmo fez o outro réu.

—Não estamos a julgar as agressões. Se foram agredidos, queixem-se superiormente.

Falou então o delegado do Procurador da Republica, dizendo que os arguidos se constituiram autores de quatro crimes — desobediência, ofensas ao captor e ao sub-chefe, tentativa de agressão ás testemunhas de acusação — e apontou a sucessão de crimes, para os quais evocou os artigos do Código Penal em que os reus estavam incursos. Requereu ainda que fosse comunicada á Polícia Judiciária, onde o reu Alberto tem pendente um processo, o resultado da sentença.

O magistrado condenou os arguidos, na pena unica de dois meses de cadeia, não remiveis, e 50$00 de impostos.

Estes depois de ouvirem ler a sentença voltaram a referir-se á agressão de que foram vítimas.

O delegado do Procurador da Republica mandou-os aproximar para verificar os ferimentos e, no final, requereu que se levantasse auto da queixa de agressão e observou que os reus podem apresentar, na cadeia, queixa a quem de direito.

O delegado do Procurador da Republica disse que o Tribunal não pode deixar de tomar conhecimento, dentro da lei, da queixa de uma infracção e, por isso, requeria que se enviasse ao promotor de justiça do Tribunal Militar Territorial de Lisboa um auto a referir a queixa apresentada em julgamento pelos reus, contra os guardas e o sub-chefe que participaram na sua captura, em virtude dos ferimentos que os reus apresentam nas costas.

O magistrado deferiu o requerimento. E' a primeira vez que o Tribunal de Polícia manda proceder em casos desta natureza. A uma pergunta do delegado ao sub-chefe, este respondeu que para o processo levantado contra ele e os guardas ter seguimento era necessária autorização do comandante da Polícia. O representante da Justiça respondeu-lhe que o caso já não era com ele nem com o Tribunal.

Pescador atacado

por um tubarão

BEZIERS (França), 19 — Um tubarão gigante, de duas toneladas, apanhou, na noite passada, o pescador Emile Lacube e tê-lo-ia tragado se não fosse a rápida intervenção de outros vinte pescadores, que andavam na faina do atum.

Lacube não viu o monstro na sua rede até que ele veio á superfície e investiu furiosamente. Aos desesperados gritos de socorro de Lacube, acudiram imediatamente os outros pescadores, que espancaram o tubarão até o matarem.

A carcaça do monstro foi oferecida a uma fábrica de fertilizantes. — (A. N. I.).

Volta o folhetim

do homem das neves

KATHMANDU (Nepal), 19. — O «homem das neves» parece ter dado mais uns passos das regiões lendárias em que tem vivido até aqui para se aproximar da realidade.

É, pelo menos, o que se deduz das declarações do explorador Tom Slick, regressado agora da sua longa perseguição ao lendário «yeti» nas altitudes até agora inexploradas do Himalaia.

«Fotografámos pégadas de 3 metros e 25, de 2 metros e meio e de 2 metros e 90, e encontrámos também testemunhas muito convincentes. Vimos, além disso, alguns ruminantes mortos pelo «yeti».

«A nossa expedição em busca do «homem das neves» percorreu cerca de 160 quilómetros quadrados».

A expedição recomeça no próximo ano as suas pesquisas, mas tenciona «equipar-se melhor». — (A. N. I.).

LOBOS DO MAR

Fados e Danças Regionais com o

«Rancho da Nazaré»

ALMOÇOS AO DOMINGO

Calçada de Carriche, Telf. 051145

AUTOMÓVEIS

novos e usados. Auto-Boavista, Ld.ª Rua da Boa Vista, 81-B. Telef. 666124. Consulte os nossos serviços.

Cozinha Velha

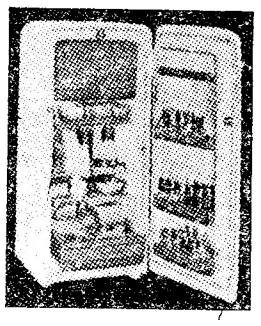
RESTAURANTE, BAR, SALÃO DE CHÁ

Palácio Nacional de Queluz, Telef. 091232

Domingo de Páscoa, almoços e jantares com menú especial

Para que os nossos habituais clientes não fiquem privados de mesa, agradeciamos que fizessem a sua marcação com antecedência.

A GERÊNCIA



Kelvinator

Frigoríficos de superior qualidade

MODELO 1957-1958

(232 litros)

PREÇO SENSACIONAL

ESC. 8.990$00

prestações desde 263$50

EM EXPOSIÇÃO:

«SABEL» — Av. Praia Victoria, 1-B—Tel. 59338

Teatros e Cinemas

Fecham hoje

todos os teatros de Lisboa

Hoje, Sexta-Feira Maior, fecham-se os teatros de Lisboa, cedendo as horas de convívio espiritual ás horas de meditação. Lisboa respeita a solenidade do dia e da noite, preparando-se para ir amanhã ao teatro.

O Nacional, que anuncia a estreia de «Dona Inês de Portugal», para quarta-feira, apresentará «Castro», de António Ferreira; o Trindade, á noite, «A vida particular da mamã», e, á tarde, o espectáculo infantil «O mistério da fábrica de chocolates», de José António Ribeiro, e «Maria Trapalhona», de Thais Bianchi; o Avenida continuará o êxito de «A desconhecida», de Pirandello; o Monumental, de tarde, o espectáculo infantil «Sapatinho de cristal» e á noite, a farsa «Quando elas se encontram»; o Maria Vitória, a revista «Toca a musica»; o Variedades, a revista «Há horas felizes»; e o ABC a revista «Já cá canta!», em ultimas representações.

Este é o cartaz de Lisboa, para amanhã, sábado de Aleluia: quatro espectáculos declamados, três revistas e dois espectáculos infantis.

Atrás do reposteiro

Uma nova organização de teatro declamado, está a ser preparada pelo empresário Vasco Morgado, para actuar a partir de Junho próximo, tendo já vários artistas recebido convite nesse sentido.

—Por enquanto, ainda não está assente a participação da actriz Eunice Muñoz no desempenho da peça «O Cardeal», em ensaios no Teatro Avenida.

—Por alguns dos artistas, que a desempenharam no Teatro Avenida, ingressarem noutros elencos ficou prejudicada a ida ao Porto, do grupo que deveria, no Teatro Sá da Bandeira, representar a peça «O Palco da Vida».

—A companhia Maria Della Costa, que se encontra no Porto, antes de regressar a Lisboa só deve realizar espectáculos em Aveiro e Coimbra.

—Carmélia Alves e o seu conjunto, apresentam, no sábado e domingo, em Coimbrões, o «show», «Aqui Brasil».

—E' provável, que a digressão da companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro ao Ultramar fique circunscrita á Província de Angola.

—Intitula-se «Mulheres» a comédia que vai entrar em ensaios no Teatro Variedades.

Consta que o cómico brasileiro António Spina não poderá ingressar no elenco que, no Teatro Monumental, há-de desempenhar a revista «Musica, mulheres e...».

—Intitula-se «O João Valentão», a comédia lírica de grande espectáculo, em 2 actos e 13 quadros, original de Amadeu do Vale, com musica de Jaime Mendes, Carlos Dias e Tavares Belo, que brevemente se começará a ensaiar no Teatro Maria Vitória.

—Vindo de Madrid, é esperado hoje o empresário espanhol D. Joaquín Gaza, que vem assistir áestreia, no Coliseu, da Companhia Internacional de Revistas.

«Camilo e Fanny»

em ensaios no Trindade

Os intérpretes, masculinos da peça «Camilo e Fanny», de Manuela de Azevedo, que deve ir á cena num dos primeiros dias de Maio, no Teatro da Trindade, são, por ordem de entrada, Igrejas Caeiro (Camilo Castelo Branco); Augusto de Figueiredo (José Augusto Pinto de Magalhães); Luís de Campos (dr. Marcelino de Matos); (António Sacramento (Joaquim); Canto e Castro (dr. Joaquim Ferreira); e Samwell Dinis, este na figura do dr. Manuel Negrão, companheiro e amigo de Camilo, não obstante a diferença de idades e de temperamentos que parecia separá-los. Foi ele quem, anos antes do episódio agora teatralizado, salvou a vida ro romancista, enredado numa teia de amor em que duas mulheres o disputavam.

A CESARIA

O MAIS TÍPICO RESTAURANTE DA CAPITAL

Devido á solenidade do dia, hoje, os jantares e ceias são servidos sem fados e guitarradas.

AMANHÃ, SABADO DA ALELUIA, apresenta o seu habitual elenco com os melhores artistas do género.

RUA GILBERTO ROLA, N.º 20 (Antiga Rua Velha) em Alcantara
Telef. 665745 — LISBOA

Selecção rigorosa
Maiores de 17 anos

«Maria Trapalhona»

ámanhã, no Teatro da Trindade

Estreia-se amanhã, no Teatro da Trindade, a peça em um acto, «Maria Trapalhona», original da escritora brasileira Thais Bianchi. E' apresentada pelo Teatro de Gerifalto, dirigido por Manuel Couto Viana, e foi escrita e representada no Brasil, com intenções pedagógicas, por professores, para as crianças das escolas que intervinham na acção, tal como o farão agora, por certo, os pequeninos espectadores do Trindade.

A abrir o mesmo programa, representar-se-á, ás 18 e 30, «Soldadinho de Chocolate», uma peça muito curiosa, encenada por Couto Viana.

Teatro Experimental

«A Farsa de Inês Pereira», esta noite, no Clube Estefania

No Clube Estefania, continua a apresentar-se o Teatro Experimental de Lisboa, com a admirável peça de Anouilh, «Antígona», versão moderna da tragédia de Sófocles, em presença da tragédia da França ocupada. Amanhã, para quantos á entrada do teatro, se inscrevam sócios do novo agrupamento teatral, será apresentada a «Farsa de Inês Pereira», de Gil Vicente, numa encenação de Jacinto Ramos, com cenários e figurinos de Sá Nogueira, máscaras de Margarida de Avila e assistência musical de Nuno Barreiros e do violista Santos Rodrigues.

Glicinia Quartim, Grece de Castro, Fernanda Coimbra, Alexandre Passos, João Sarabando, Manuel de Oliveira, Jacinto Ramos, Gabriel Pais, Paulo Rodrigues, Maria Virginia de Aguiar, Margarida de Avila, Oscar Alves e Delfim Brás, têm a seu cargo o desempenho da peça.

As inscrições podem ser solicitadas pelo telef. 42249 ou na bilheteira do teatro, Rua Alexandre Braga, 24-A, repetindo-se o espectáculo nos dias 21 e 23 do corrente.

No Trindade

«A vida particular da mamã»

A deliciosa comédia de Victor Ruiz Iriarte «A vida particular da mamã», um dos espectáculos mais alegres dos ultimos anos, apresentados em Lisboa, tem atraído milhares de pessoas ás bilheteiras do teatro da Trindade. O elenco, de excepcional categoria, engloba os nomes prestigiosos de Alma Flora, Josefina Silva, Isabel de Castro, Maria Albergaria, Samwel Diniz, que é o director artistico, Augusto Figueiredo, Luís de Campos e Canto e Castro. Este espectáculo apresenta-se todas as noites, ás 22 horas, para maiores de 17 anos. Hoje, devido á solenidade do dia, não haverá espectáculo.

Teatro de amadores

No Grupo Cénico de Cascais começaram os ensaios da revista, «Costa do Sol em Marcha», da autoria de João Reis, Mário Duque e Luís de Barros, com versos de Fernanda Santos. O primeiro acto tem os seguintes quadros: Cortejo do Mar; O que o Mar nos trouxe; Estoril ao Sol; A pesca ao candeio; Ronda Aragonesa; Portas brazonadas; De rua em rua; Vidas errantes; Duas épocas; Viva o lixo; Parada de Desportos; e A grande regata.

Ópera

«André Chénier», em S. Carlos

Subiu á cena no nosso belo teatro lírico a ópera «André Chénier», de Humberto Giordano, com a reaparição em Lisboa do tenor Franco Corelli no protagonista; do barítono Tito Gobbi, também ansiosamente aguardado, no papel de «Gérard», e, em estreia, para o exigente palco de S. Carlos, a soprano Gioliola Frazzoni, no papel de «Madeleine de Coigny». Devemos sublinhar que os três intérpretes constituiram um magnifico equilibrio musical e estético, dando-nos cada um de per si uma brilhante demonstração de arte vocal dramática, segura, afinada, eficiente.

Pedro de Freitas Branco, que assumia a responsabilidade da direcção, adaptou-se por sua vez estreitamente ao estilo caprichoso da partitura e á sua movimentação variegada, que é porventura a sua melhor qualidade.

Voltaremos brevemente a ocupar-nos desta ópera, da sua montagem e do desempenho que obteve, não só de parte de Gioliola Frazzoni, Franco Corelli e Tito Gobbi, mas também de vários outros intérpretes que intervieram na representação. — F. B.

Um bailado moderno

que vem de Londres a Lisboa

«Chicago», o bailado que foi a maior sensação de Londres na presente temporada, no Teatro e Televisão, pelo seu inéditismo e pelo seu extraordinário realismo, vai ser apresentado em Lisboa pelo «ballet» que o criou naquela capital: Buddy Bradley. Este bailado, que começa num refugio de «gangsters» e termina num terraço de um arranha-ceus de Chicago, será apresentado em Lisboa com todo o seu rigor de montagem e guarda-roupa originais.

Primeiras exibições

«Istambul», no Roma

Istambul, vista do ar, tal como o apresenta o cinemascópio, parece um polvo, enorme, imenso e negro, estendendo os seus tentáculos por sobre braços de mar, eriçados de mesquitas escuras e arredondadas, que criam a ilusão perfeita de ventosas circulares, amolecidas e pegajosas. Istambul, segundo o filme que escolheu para título o próprio nome da cidade, é pura e simplesmente essa deturpada vista aérea, que marca o início e o fim da acção, toda desenrolada em interiores sem acentuadas características turcas, em hoteis, bares e vielas iguais aos hoteis, bares e vielas de todo o Mundo, na Europa ou na América, em Casablanca ou em Lisboa.

E' pena, pois «Istambul», que ontem se estreou no Roma, podia ser algo mais que mero filme de aventuras, aproveitando todas as sugestões de beleza e mistério da cidade cujo nome basta para despertar turbilhões de curiosidade e exaltado trabalho de imaginação. Tanto mais que o argumento de «Istambul» se prestava, ás mil maravilhas, com a sua enredada história de diamantes roubados, noivas que sofrem de amnésia, policias cumpridores e sentimentais, profissionais do crime e ambientes empestados de fumo e más intenções. Sendo complicada, a história, todavia, conta-se em meia duzia de palavras: um aviador comercial (Errol Flynn) encontra, em Istambul, onde trabalha, a mulher dos seus sonhos (Cornell Borchers); quando resolve casar-se, o primeiro vê-se envolvido, involuntáriamente, no roubo de uma colecção de diamantes, ao mesmo tempo que a noiva, vítima de uma agressão, fica caída dentro de um hotel enquanto este é devorado pelas chamas; o aviador parte de Istambul, deixando os diamantes em bom recato e, anos depois, quando volta para os buscar, vem encontrar na cidade as mesmas caras e os mesmos interesses de quando a abandonara; e as violências repetem-se. Há, ainda, um par de pormenores que não citamos, reservando-os como surpresa aos futuros espectadores do Cine-Roma.

Entre os complementos exibe-se um documentário italiano — «Ilha de fogo» — que foi premiado no Festival de Cannes. Trata-se, realmente, de uma verdadeira obra-prima de reportagem cinematográfica. — *Visor 25.*

«Um anjo negro», no Odéon

O anjo-negro deste filme é aquele festejado actor mexicano que há dias perdeu a vida num desastre de aviação e cujos restos mortais e avultados bens materiais foram disputados pela mãe, pela mulher legítima, de quem se divorciara, e por aquela com quem viveu e também parece que já não vivia. Vida acidentada até final foi a do bom actor que no cinema Odeon foi admirado em vários filmes e agora, na semana da sua morte, por este que Joselito Rodriguez realizou sobre um tema dramático: uma branca que tem um filho negro e o despreza como um bastardo até que... Enfim, melhor será não revelar completamente a solução do problema rácico em que intervêm Emília Guin, a mãe branca; Rita Montaner e Titina, duas negras que mereciam ser brancas. — *Visor 60.*

«O rei do laço», no São Jorge

Temos aqui uma sátira ao *western*, seus tipos, ambientes e climas, colorida e musicada, com dois novos herois-cómicos, Dean Martin e Jerry Lewis, uma dupla que já se desfez. Filme sorridente e movimentado, «O rei do laço» é uma caricatura bem traçada de uma categoria cinematográfica já solene e clássica, com toda uma mitologia e significado, a estoirar de transcendência. Ao vaqueiro granitico e invencível opõe-se esse curioso *clown*, a construir fisionomias patuscas na sua cara oblonga, que é Jerry Lewis. Nomeado «sheriff», ele vai atravessar todos os conflitos, afito e bamboleante.

Dean Martin é um cantor neo-romantico, que rola as vogais na boca com gozo visivel, e que toma as coisas a sério e salva o companheiro de trapalhadas e barafundas. «O rei do laço» é, dentro do género, uma pelicula excelente, um grito de alegria e também uma sátira.

Bons documentários. — *Visor 100.*

CAMPO PEQUENO

O PUBLICO GOSTOU DO «CARTEL» DE DOMINGO DE PASCOA

e está a acorrer com invulgar entusiasmo á bilheteira dos Restauradores, 7, onde há bilhetes à venda desde 12$50 !

9 TOIROS DO SR. ALBERTO PATRICIO, DE CORUCHE

Mestre Simão da Veiga
Pedro Louceiro

E O EMOCIONANTE MANO-A-MANO ENTRE OS DOIS MAIORES NOVILHEIROS PORTUGUESES

José Trincheira e Armando Soares

Pegas pelo Grupo de Tomar, de MANUAL FAIA
Presta provas para praticante o amador ANTÓNIO GARÇOA
o espectáculo começará ás 16,30 e é para maiores de 6 anos

ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO
Teatro AVENIDA—Teatro MONUMENTAL

ATENDENDO A' SOLENIDADE DO DIA, HOJE NÃO HA' ESPECTACULOS

Amanhã, ás 21,45 h.
«A DESCONHECIDA»
com
EUNICE
BRUNILDE
ASSIS
ALVES DA COSTA
(17 anos)

Amanhã, ás 18,15 h.
Matinée» infantil (4 anos)
O SAPATINHO DE CRISTAL
A's 21,45 h.
QUANDO ELAS SE ENCONTRAM
com LAURA ALVES
(17 anos)

RITZ CLUB
R. da Glória, 57—T. 25140—Adultos

DEVIDO À SOLENIDADE DO DIA, ESTE DANCING ENCONTRA-SE HOJE ENCERRADO

AMANHÃ: GRANDE NOITE DE FESTA E DE ESTREIAS

Boris Christoff

Boris Christoff — um dos mais extraordinários cantores do nosso tempo — está de novo em Portugal. Ouvimo-lo, há um ano, cantar um inexcedível «Dom Carlos» e um extraordinário «Boris Goudonov». Vamos este ano vê-lo e ouvi-lo também em duas óperas: «Simão Bocanegra» (com Tito Gobbi) e «Kovantchina», de que é apontado como um dos maiores intérpretes.

As estreias de hoje

No Eden

Título — «Nossa Senhora de Paris».
Produção — Francesa.
Realização — Jean Dellanoy.
Intérpretes — Gina Lollobrigida e Anthony Quinn.
Argumento — Versão do romance de Vitor Hugo.
Processo — Cinemascópio e técnicolor.
Distribuição — Mundial Filmes.
Classificação — 17 anos.

No Avis e no Condes

Título — «A ultima valsa».
Produção — Alemã.

(Continua na 13.ª página)

VARIEDADES

Telefone 26037
EMPRESA ARTISTICA DE ESPECTACULOS, L.da

HOJE EM VIRTUDE DA SOLENIDADE DO DIA NÃO HÁ ESPECTACULO

AMANHÃ e DOMINGO DE PÁSCOA

A' TARDE, A'S 16 HORAS—A' NOITE, A'S 20,45 e 22,45 HORAS

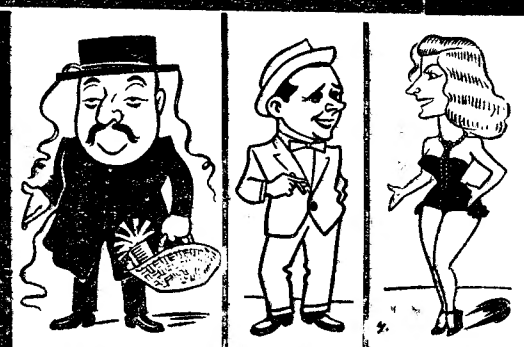
HA' HORAS FELIZES!

A REVISTA POPULAR DE

MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS!

UM ESPECTÁCULO DESLUMBRANTE E CHEIO DE ALEGRIA!!!

MAIORES DE 17 ANOS



Amanhã nas 2 Matinées e à Noite

NO POLITEAMA

UM ESPECTÁCULO DE SENSAÇÃO

Maria Vitória

Emp.ª «Eugénio Salvador e Rui Martins, Lda.»

HOJE, DEVIDO A' SOLENIDADE DO DIA, NÃO HÁ ESPECTÁCULO

AMANHÃ

EM 2 SESSÕES, ás 20,30 e 22,45

PROSSEGUE A SUA VITORIOSA CARREIRA A MELHOR REVISTA DE

SALVADOR

COM A POPULAR VEDETA

BEATRIZ COSTA

TOCA A MUSICA!

PARA MAIORES DE 17 ANOS

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo de Vide, no «Salão Royal»

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE NÃO HÁ ESPECTACULO NESTE TEATRO. ATENDENDO A' SOLENIDADE DESTE DIA

Sábado e domingo, ás 21,45

CASTRO

De ANTÓNIO FERREIRA

A PREÇOS POPULARES

4.ª-feira, 24 — Em segunda récita da assinatura especial

DONA INÊS DE PORTUGAL

de **Alejandro Casona**

Cantinho da Mãe Preta

DE

MARIA DA CONCEIÇÃO

ALFAMA — TELEF. 366183

HOJE, DEVIDO Á SOLENIDADE DO DIA, NÃO HÁ ESPECTÁCULO

AMANHÃ SABADO E TODAS AS NOITES, GRANDIOSO PROGRAMA DE FADOS E GUITARRADAS

CASINO ESTORIL

Devido á solenidade do dia está ENCERRADO O CASINO

AMANHÃ — Sábado de Aleluia

Estreia de

RENÉE LAMY

Vedeta da canção francesa

(Maiores de 17 anos

TRINDADE

HOJE, devido á solenidade do dia, não há espectáculo

AMANHÃ, ás 22 horas continua a triunfal carreira da deliciosa comédia

A VIDA PARTICULAR DA MAMÃ

DOMINGO DE PÁSCOA ESPECTACULO A' TARDE ás 16 horas

Empresa Teatral Avenida, Lda., subsidiada pelo Fundo do Teatro

AMANHÃ ás 18,30

Sábado de Aleluia: Estreia — NO NOVO ESPECTACULO —

INFANTIL

composto por 2 sensacionais peças

«O MISTÉRIO DA FÁBRICA DE CHOCOLATES»

«MARIA TRAPALHONA»

DOMINGO DE PÁSCOA

2.º ESPECTACULO ás 18,30 horas

PARA MAIORES DE 4 ANOS

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

NO ABC

Telef. 366783 (Soc. Artistica)

AMANHÃ E DOMINGO DE PASCOA

À TARDE e À NOITE

A's 16 h. A's 20,45 e 22,45

ULTIMAS, DEFINITIVAS

representações com a popular revista

Já Cá Canta!

com AIDA BATISTA e um óptimo elenco

HOJE em virtude da solenidade do dia não há espectáculo neste teatro.

BREVEMENTE:

PARA CRIANÇAS sensacional reaparição do famoso **Teatro de Marionettes.**

ESTREIA da nova revista popular

LÁ VAI LISBOA!

para reaparição de ELVIRA VELEZ

Espec. para maiores de 17 anos

Cartaz dos Cinemas

ANTE-ESTREIA — NOSSA SENHORA DE PARIS — EDEN

ESTREIAS — O MARTIR DO CALVARIO — TIVOLI

DE HOJE — A ULTIMA VALSA — CONDES, AVIS

SÃO LUIZ
TEL 27172
(12 anos)

Devido á solenidade do dia, hoje não há espectáculo
AMANHÃ
15.15 - 18.15 (Preç. red.) e 21.30
2.ª SEMANA
FERNANDEL e GINO CERVI
num novo filme de uma série famosa
DON CAMILO E AS ELEIÇÕES
com CLAUDE SILVAIN

EDEN
TEL. 20768

HOJE - ás 21.30
Ante-estreia
de beneficência
com o patrocínio do «Diário Popular»
NOSSA SENHORA DE PARIS
EM CINEMASCOPE
com GINA LOLLOBRIGIDA e ANTHONY QUINN
A's 15,30 e 18,30:
ENAMORADOS
Para maiores de 17 anos

IMPÉRIO
TEL. 55134/5

Hoje não há espectáculos, mas as bilheteiras estão abertas das 13 ás 22 horas
Amanhã, ás 15,15 e 21,00 (12 anos)
A prodigiosa realização de
GEORGE STEVENS
O GIGANTE
Rock Hudson, Elizabeth Taylor e James Dean

MONUMENTAL
TEL. 55131

A's **15,15 e 21,30** (Maiores 12 anos)
Mário Lanza, Joan Fontaine e a beleza mexicana **Sarita Montiel** em
SERENATA
Cor por Warnecolor

ALVALADE
TEL. 763080

Devido á solenidade do dia, hoje não há espectáculo
AMANHÃ
A's 15.15 (Preç. red.) e ás 21.30
2.ª SEMANA
FERNANDEL e GINO CERVI
num novo filme de uma série famosa
DON CAMILO E AS ELEIÇÕES
com CLAUDE SILVAIN
(12 anos)

AVIS
TEL. 47164

A's 21,30 - **Estreia** (12 anos)
Um romance de sonho na alegre Viena das valsas
A ULTIMA VALSA
com **Marianne Kock** e **Michael Cramer**
CINEMASCOPE EASTMANCOLOR

ROMA
TEL. 727778

A's 15,30 (P. red.) ás 21,45 (17 anos)
Um romance de amor na cidade dos mil segredos
ISTAMBUL
c/ **Errol Flynn** e **Miss Cornell Borchers**
CINEMASCOPE TECHNICOLOR

TERRASSE
TEL 20912

A's 21 (12 anos)
O RECRUTA E O GAIATO
GOLGOTHA (Vida de Cristo)

TIVOLI
TEL. 50595

SÓ HOJE: A's 3 e 6.15 e 9.30 da noite
O MARTIR DO CALVÁRIO
A vida de Jesus Cristo com uma interpretação magistral de
Henrique Rambal
De tarde: para maiores de 6 anos.
A' noite: para maiores de 12 anos.
Em complemento:
O BALÃO VERMELHO

POLITEAMA
TEL. 26305

A's 18,15 (6 anos)
A's 21,30 (12 anos)
Em despedida:
O RAPAZ E A BICICLETA

AMANHÃ, ás 15,15, 18,15 e ás 21,30
ESTREIA do filme em Cinemascope
A MULHER REBELDE
com **Jane Russell** (17 anos)

CONDES
TEL. 22523

A's 21,30 - **Estreia** (12 anos)
Um romance de sonho na alegre Viena das valsas
A ULTIMA VALSA
com **Marianne Kock** e **Michael Cramer**
CINEMASCOPE EASTMANCOLOR

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

HOJE
Devido á solenidade do dia não há espectáculos
AMANHÃ
15,15-18,15 e 21,30
(Maiores 12 anos)
O REI DO LAÇO
com **Dean Martin** e **Jerry Lewis**
A maior parada de canções e gargalhadas
VISTAVISION TECHNICOLOR

ODEON
TEL. 26283

A's 15,30 e 18,15 (Pr. red.) e 21,30
Um filme diferente arrancado á vida real
UM ANJO NEGRO
(Maiores 12 anos)
com **Pedro Infante, Emilia Guiu** e **Titina**

CAPITÓLIO
TEL. 27493

A's 21,30 (12 anos)
3.ª SEMANA
o filme monumento do cinema francês! A mais célebre obra de JÚLIO VERNE
MIGUEL STROGOFF
CINEMASCOPE EASTANCOLOR
Curd Jurgens e Genevieve Page

CINEMA IDEAL

A's 21 (12 anos)
O MILAGRE DE FÁTIMA
SOMBRAS NA CIDADE

ROYAL

A's 21,15 (17 anos)
Em continuação de estreia
VAMOS DANÇAR O ROCK?
No programa: **A FERA**

LIDO
TEL. 48560

A's 21,15 (12 anos)
A TÚNICA
c/ **Victor Mature**

A CRISE NA JORDÂNIA

A posição de Israel perante a hipótese de uma intervenção estrangeira

TEL AVIV, 19. — Uma forte tensão reina desde ontem nas fronteiras de Israel. Além de violenta escaramuça que se registou na fronteira da Siria, houve numerosos incidentes ao longo da fronteira israelo-jordana.

Nos meios oficiais, confirma-se que acabam de efectuar-se conversações acerca da Jordania entre Israelitas e Britanicos, não só em Londres como em Jerusalém. Os Israelitas recusam-se a esclarecer qual será a sua atitude no caso de uma intervenção estrangeira na Jordania, limitando-se a afirmar que não serão certamente os primeiros a intervir.

No entanto, uma coisa há que inquieta Israel mais do que os incidentes da fronteira e a situação na Jordania: é a posição americana quanto á liberdade de navegação no canal de Suez e no golfo de Akaba. Não só — afirma-se em Tel Aviv — os Estados Unidos parecem ter capitidado, frente a Nasser, no caso do Suez, mas parecem ter recuado quanto á questão de liberdade de navegação. As ultimas declarações do presidente Eisenhower não são tão claras como as que fez quando Israel acedeu a evacuar as suas forças e receia-se que, sob pressão do Egipto e da Arábia Saudita, o Governo de Washington faça novo recuo.

Trata-se, afirmam a maior parte dos observadores, de uma questão de extrema gravidade. Os Israelitas só tiveram um ganho com a campanha do Sinai: a abertura do golfo de Akaba. E, no caso de se convencerem de que mesmo este ganho se encontra ameaçado, será para recear que o desespero os leve a actos cujas consequências são dificeis de prever. — (F. P.).

Intransigência absoluta do Egipto quanto à partilha da sua soberania sobre o Canal

PARIS, 19. — É impossível levar o Egipto a admitir a partilha da sua soberania sobre o canal de Suez com uma sociedade dos utentes, porque isso seria lesar o exercicio pelo Egipto da sua plena e integral soberania» — escreve o «Al Ahram», citado pela emissora do Cairo. Acrescenta: «Ligar o Egipto pelos seis principios que foram ditados pelo Conselho de Segurança, deixou de ser oportuno, uma vez que a agressão tripartida ao Egipto fez caducar o acordo de principio relativo áqueles seis pontos... A nacionalização do Canal de Suez de modo nenhum prejudica a Convenção de 1888, que garante, a liberdade de navegação no Canal». — (F. P.).

A declaração do novo governo jordano

PARIS, 19—Khadili, novo primeiro-ministro jordano, esteve ontem á noite no palácio real, para dar conhecimento ao soberano das deliberações do Conselho de Ministros, convocado pela tarde em reunião extraordinária — anuncia a emissora do Cairo, citando a agência do Médio Oriente.

O Governo jordano voltará a reunir-se hoje, para estudar o orçamento geral do país.

A mesma emissora anuncia: «A declaração ministerial jordana só será lida no Parlamento depois das festas de Aid-Seghir, isto é, nos primeiros dias de Maio, e a seguir a acordo prévio quanto ao seu conteudo com os diferentes grupos políticos». Acrescenta que nessa declaração serão tratados os problemas de política interna e externa do país.—(F. P.).

O general Abu Nuwar será nomeado embaixador numa capital árabe

DAMASCO, 19—Confirma-se que o general Ali Abu Nuwar se demitiu do cargo de chefe do Estado-Maior do Exército jordano, comunicando esta decisão ao general Mohamed Mayta, director da Polícia jordana, que chegou ontem a Damasco.

Informam que aquele militar recebeu em contrapartida a promessa do rei Hussein de ser eventualmente nomeado embaixador numa das grandes capitais árabes. — (F. P.).

O embaixador do Paquistão eleito presidente do Conselho Permanente do Pacto de Bagdad

BAGDAD, 19 — O Conselho Permanente do Pacto de Bagdad reuniu-se ontem nesta cidade e, pela primeira vez, os embaixadores da Turquia e do Irão tomaram parte nas deliberações. O embaixador do Paquistão no Iraque foi eleito presidente do Conselho Permanente para 1957-1958.

Consta de boa fonte que se estudou a eventualidade de convidar oficialmente os Estados Unidos a tornarem-se membros do Pacto de Bagdad. O convite seria dirigido a Washington durante a Conferência de Carachi, nos fins de Maio. — (France Presse).

Um enviado especial de Habib Burguiba encontra-se na Síria

DAMASCO, 19—Mohamed Saleh Sayadi, enviado especial do presidente Habib Burguiba, chegou a esta cidade, onde foi recebido pelo chefe do Governo e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros.

O «Al Ray al Aam» escreve a propósito que Sayadi «conferenciará com os dirigentes sírios sobre uma união federal entre certos países da Africa do Norte».—(F. P.).

Foram hoje vendidos a sociedades egípcias os bancos franceses e ingleses do Cairo

CAIRO, 19—Os bancos e as companhias de seguros francesas e inglesas, arrolados desde Novembro do ano passado, foram hoje vendidos a sociedades egípcias, conforme a política de nacionalização das empresas estrangeiras do Governo egípcio—informa o correspondente da BELGA. — (F. P.).

A hipótese de transformação do Parque de Palhavã

(Continuação da 1.ª página)

E' certo que, por um antigo contrato celebrado com a Camara Municipal de Lisboa, os proprietários do antigo parque de Palhavã ficaram com o direito de construir ali 15 moradias, comprometendo-se, ao mesmo tempo, a permitir o acesso do publico áquele recinto aos sábados e domingos. Não foi qualquer destas cláusulas inteiramente cumprida, não só pelo que respeita ás construções, mas também, no que se refere a abertura ao publico. O funcionamento da Feira Popular, no entanto, justificou, de sobejo, durante largos anos, o não cumprimento da obrigação de franquear o parque ao publico, dois dias por semana, visto que se encontrava aberto todos os dias, durante três meses.

Mas, em virtude desta cláusula, é de crer que a Camara Municipal não se haja desinteressado completamente do destino do parque e, agora, ao surgir a oportunidade de uma transacção, é natural que o Município tenha sido ouvido e intervenha, pelo menos, na solução do arranjo urbanístico do local, que a Fundação Gulbenkian, com os seus vastos recursos e seu programa de construção de um grande imóvel, pode realmente valorizar muito. Como as obras no palácio que fica situado na zona do parque que dá para a Rua Marquês da Fronteira prosseguem por conta do sr. conde de Vlalva, é de supor que a venda de que se fala agora se refira á faixa Norte que acompanha a Avenida de eBrne, onde, em estudos anteriores levados a efeito pelos Serviços de Urbanização da Camara Municipal, se admita a construção do edifício.

Ameaça russa à Espanha se esta aderir ao Pacto do Atlântico

LONDRES, 19. — A União Soviética incluiu hoje a Espanha na lista dos países escolhidos para serem alvo da série de «ameaças atómicas» contra a Organização do Tratado do Atlantico Norte.

No seu «aviso» — difundido, esta manhã, em língua espanhola, pela Rádio de Moscovo — a Russia preveniu o Governo e o povo espanhois de que, no caso de aderir á N. A. T. O. a Espanha seria incluida na lista dos países que se arriscam a um possível ataque nuclear soviético.

Há já algumas semanas que consta na Europa Ocidental que a Espanha será convidada, em breve, a aderir á Aliança Atlantica.

Na opinião dos círculos londrinos, o facto da Espanha ter recebido hoje aquela «prevenção» do Kremlin—que já avisara, recentemente, vários países da N. A. T. O., de que poderiam ser atacados por aviões soviéticos equipados com armas atómicas, se consentissem que os seus territórios servissem de base para tropas norte-americanas e projécteis teleguiados—talvez seja o sinal de que se projecta uma nova «ofensiva» contra o Governo do general Franco.

Acentua-se que, ainda na semana passada, a União Soviética respondeu com evasivas, que não são mais do que uma recusa, ás diligências da Espanha para que lhe seja restituido o oiro que os dirigentes vermelhos enviaram para Moscovo durante a guerra civil espanhola. — (A. N. I.).

A atitude de Kruchtchev e um discurso de Tito sobre as relações russo-jugoslavos

(Continuação da 1.ª página)

ções com Chu en Lai e os dirigentes das democracias populares. O mesmo se verificou com todas as declarações importantes relativas á política geral do bloco socialista ou á atitude quanto á Jugoslávia. As iniciativas dos ultimos tempos que interessam o Ocidente e as recentes declarações de Bulganine e Kruchtchev a este respeito, que parecem inspirar-se no empenho em regressar ao «espírito de Genebra», reflectem—no entender dos mesmos círculos diplomáticos—tendências análogas ás patenteadas por aqueles dois políticos logo que tomaram posse das suas funções actuais, em Fevereiro de 1955.

E chegam á conclusão de que, apesar dos acontecimentos do Outono passado, a política soviética não se modificou quanto ao fundo e que, nos planos interno e externo, as teses kruchtchevianas, ou mais exactamente ao do 20.º Congresso, continuam a prevalecer. Quanto ás substituições de personalidades (nomeação de Gromyko para o Ministério dos Negócios Estrangeiros e transferência de Chepilov para a direcção do sector ideológico) que já se verificaram ou virão a ser anunciadas, seriam, aparentemente, resultado do empenho numa «melhor utilização das competências», segundo as vicissitudes do momento».—(F. P.).

O discurso de Tito

BELGRADO, 19 — No discurso que proferiu ontem em Brioni, na reunião do Plenário da Aliança Socialista, o marechal Tito lembrou as razões por que a Jugoslávia se recusou a entrar no «campo socialista»:

«Não pudemos aderir ao campo — afirmou — porque, se o fizesse, a Jugoslávia teria desistido do papel que desempenha no Mundo, papel que nos permite manter uma posição de independência e exprimir as nossas opiniões sobre todos os assuntos de política interna e externa. E é isso que tanto exasperou os nossos camaradas soviéticos.

«Embora a U. R. S. S. tenha, em certa medida, modificado as suas relações com os países socialistas, ainda há tendências estalinianas enraizadas na política soviética, tanto relativamente á Jugoslávia como a outros países. A atitude de alguns dos seus dirigentes nesta ordem de ideias mostra que não conseguem alhear-se das suas antigas teorias.

«Convém não dramatizar este conflito—disse ainda o marechal Tito. Não persistirá por muito tempo, porque os camaradas soviéticos acabarão por compreender que a Jugoslávia, tal como é, nenhuma razão tem para alterar a sua politica. Modificá-la, seria prejudicial, não só para nós, mas para o desenvolvimento da ideia socialista no Mundo.

«Os Russos hão-de compreender mais tarde que a atitude que a Jugoslávia adoptou não só não ameaça a União Soviética, mas, pelo contrário, é da sua vantagem e da vantagem de quantos aspiram á paz».

O marechal Tito criticou violentamente a campanha desencadeada pela Albania quanto ás minorias albanesas na Jugoslávia. Considera esta situação «mais inquietante» do que as divergências ideológicas. Afirmou: «E' difícil acreditar-se que este caso seja unicamente obra dos dirigentes albaneses. No meu entender, é uma táctica gizada á pressa que tem por fim enfraquecer a Jugoslávia na sua qualidade de Estado, e diminuir o seu prestígio».

Sublinhou ainda que iguais reivindicações poderiam ser apresentadas pelos Hungaros, «para quebrantar a nossa unidade interna, com respeito ás minorias hungaras na Voivodina. E afirmou: «Nestes casos, reagiremos com uma atitude digna, e sem enveredarmos pelas polémicas».—(F. P.).

POUPAR A SAÚDE?

Os abstémios e os jocosos

Os artigos dos diários trazem quase sempre algumas *gralhas* que escapam no afã da composição. Não tenho procurado rever as provas, e assim lá vai aparecendo um erro ou outro. Há dias saiu: *concepções* por *consequências;* mas o leitor avisado será bem capaz de comprender o sentido e ver onde escapou uma *gralha.* No primeiro artigo sobre o tabaco houve uma, curiosa: como foi manuscrito, na palavra *tromboangiitis,* o tipógrafo supôs que os dois *is* seguidos eram um *u* com trema. Passaram a ser escritos á máquina.

Um erro ou outro tem até a vantagem de servir de pasto ao maledicente, que fica entretido nele, enquanto chupa o seu cigarro, incrédulo. Pois se lhe sabe tão bem!

Não quer pensar que, se se tivesse habituado a roer as unhas ou a chupar no dedo, sentiria esse mesmo falso *prazer;* e, como há-de acabar por se certificar de que só temos empenho em o ajudar a livrar-se do erro em que caiu, porá o tabaco de parte (antes que o médico, assustado, quase a perder o cliente, lhe diga que não pode continuar a fumar) e passará a fazer longas e profundas inspirações, perto de uma janela aberta, aprendendo a ser apreciador do bom ar puro, e assim se livrando daquela camada de fuligem que se agarrou aos seus pulmões, como nas boquilhas ou nas chaminés.

Não esteja o fumador irritado comigo, supondo que terei prazer em o contrariar, não acreditando que possa saber bem aquilo que começou por o engasgar e entontecer, e a que teimou em se habituar. Estou mesmo convencido de que o fumador não é um egoista, em geral, pois teima sempre até em oferecer, aos outros, um cigarro. E' sempre um bom amigo.

Pelo contrário, nos inquéritos que faço, tenho notado que alguns abstémios são de um egoismo verdadeiramente desumano: estão satisfeitissimos por não fumar, conhecem bem o mal de que se livraram, mas são incapazes de acudir até aos próprios amigos, que vêem enganados com tão pernicioso hábito.

O fumador é sempre um iludido, um *poeta do fumo,* que chega a arquitectar as razões mais estapafurdias para se enganar a si próprio. Alguns entorpeceram de tal forma as ideias que chegam a julgar-se no direito de fumar em toda a parte; de soprar o fumo para a cara dos outros; de deitar beatas para soalhos encerados, como se só merecessem um chão de terra batida.

Pois há abstémios, sabendo isto, que não são capazes de os esclarecer. Vêem com cinismo o amigo a envenenar-se; chegam a não soprar o fumo, que lhes deita para a cara, só para que não perceba que está a fazer uma tolice. Como podem ficar sossegados com a sua consciência?

Perguntando a uma criatura, já de certa idade, se fumava, respondeu-me: «Já há uns vinte anos que pus de parte. Estava a fazer-me um mal horrivel á garganta e deixei-me disso».

Quando procurei convencê-lo de que a sua obrigação moral era agora acudir aos amigos que ainda estavam iludidos, diz-me: «Mas isso é uma campanha antipatriótica, porque é preciso pagar o imposto».

O figurão achava bem que não pagasse, mas queria que os outros o fizessem, misturando o patriotismo com o crime de envenenamento que se está cometendo.

Também um outro me disse: «Eu não fumo, não senhor, mas deixe-os fumar; eles que paguem, é muito bem feito». São desta força muitos dos que tiveram a sorte de escapar ao vício insidioso do fumo: não pagam, mas querem que os outros paguem, até com a própria vida.

O homem, em geral, não morre: mata-se. E isto é absolutamente verdadeiro com o fumador. O que é mais triste é que sempre tenho

(Continua na 11.ª página)

Pensa poder resistir 107 dias à fome

S. PAULO, 19 — O faquir brasileiro Silki, declarou que irá tentar bater o «record» mundial da fome e conquistar o título em poder do francês Burman, o qual permaneceu sem comer encerrado numa urna 105 dias. Silki tenciona permanecer também numa urna sem comer 107 dias. — (L.).

Pablo Casals não piorou

SÃO JOÃO DE PORTO RICO, 19 — Continua estacionário o estado de saude de Pablo Casals, segundo declararam esta manhã os médicos que o tratam.

Um electrocardiograma mostrou hoje que a área atingida do coração é ligeiramente maior do que aquela que apareceu no cardiograma de quarta-feira.

A noite passada, dois édicos estiveram longo tempo á cabeceira do doente, vigiando atentamente possíveis sinais de pneumonia, que pode surgir nesta altura.

O dr. Paul Dudley White, o médico que tratou o presidente Eisenhower durante a sua ultima doença, chegou esta madrugada de avião, vindo de Houston, a fim de examinar Pablo Casals. — (A. N. I.).

Duzentos feridos no funeral de Pedro Infante

CIDADE DO MEXICO, 19. — Duzentas pessoas ficaram feridas, incluindo 29 em estado grave, quando uma agitada multidão de 150.000 cinéfilos fanáticos lutou furiosamente para ver passar o funeral do actor cinematográfico mexicano Pedro Infante, falecido na segunda-feira ultima em consequência de um desastre de aviação.

Cerca de 10 milhões de pessoas no México ouviram ou viram pela rádio ou pela televisão, o funeral do artista. — (A. N. I.).

O depoimento de João de Freitas Branco

no nosso inquérito sobre «A arte e a vida»

DR. JOÃO DE FREITAS BRANCO

> O estilo da vida portuguesa de hoje reflecte-se na criação artística, e sobretudo na literária, em certa moleza, numa brandura de ideias e de maneiras de expôr toda feita de meios termos, comedidos e sensatos, no seu baixo voo, não ofendendo ninguém e deixando todos indiferentes

(Continuação da 1.ª página)

Foi redactor principal da revista «Arte Musical» e, em 1940, começou a colaborar com seu pai nas funções de crítico musical de «O Século», que mais tarde passou a exercer efectivamente e que ainda hoje desempenha.

Presidiu á comissão organizadora da «Juventude Musical Portuguesa», movimento que não foi ideia sua mas para cuja realização contribuiu grandemente. Tem presidido a todas as direcções daquela associação, desde a sua fundação, em 1948. Foi por sua iniciativa que, em 1951, se reuniu em Portugal o primeiro congresso internacional de musica. Por mais de uma vez foi eleito para a direcção da Federação Internacional das Juventudes Musicais. Faz actualmente parte do juri internacional para escolha de obras a editar da autoria de compositores novos. E' também neste momento o presidente da direcção da Academia de Amadores de Musica. Tem desenvolvido intensa actividade como autor de artigos e de programas radiofónicos, como crítico musical e como conferencista. Tem participado em vários congressos internacionais de musica e foi convidado para delegado oficial ao Congresso Internacional de Viena deste ano, integrado nas comemorações do duplo centenário de Mozart. Deste ligeiro escorço biográfico se inferem o importante papel e a projecção de João de Freitas Branco na vida musical portuguesa.

Seguem-se as perguntas do nosso inquérito e as suas respostas.

1 — Se é certo que a literatura, mesmo quando definida como «intemporal», está sempre impregnada de um tom de época, vinculada ao ambiente em que nasce, não é menos verdade que inversamente ela afecta o viver dos leitores, com maior ou menor intensidade, consoante a sua força e as circunstancias do momento. A situação material, o estado social e económico de determinada comunidade, a sua temperatura intelectual, o modo de amar, de rir (ou de não rir), de sofrer, de lutar, de gozar, ou de ficar indiferente, os coeficientes de fé, de acatamento e de revolta serão assim condições da literatura, por sua vez capazes de inspirar aos homens atitudes, modas, etc. Pergunta-se:

a) Em que medida e em que sentido as condições e o estilo ou estilos da vida portuguesa de hoje pesarão sobre a criação literária?

—Penso que o estilo ou estilos da vida (para usar os precisos termos em que a pergunta me é posta) pesam sempre na criação literária, em Portugal como em outras nações, hoje como ontem.

Em períodos normais, de equilibrio social, de naturalidade, digamos assim, nas relações entre mandantes e mandados, de não erupção dos problemas fundamentais (condições económicas, deveres e direitos sociais, liberdade de expressão de opinião, independência entre os poderes legislativo, executivo e judicial, etc.) esse «peso» exerce-se de maneira imperceptível, como lei constante que ninguém atenta nela. Uma lei de gravidade que, de tão natural, não chama já a atenção dos que lhe estão sujeitos.

Nos períodos anormais, esse «peso» faz-se sentir como se a massa da terra aumentasse consideràvelmente, entrando e permanecendo na zona psicológica do consciente. Então, o «estilo da vida» actua (suponho eu) não só de maneira imediata, mas também por fenómenos secundários. O escritor A *quer* pôr a sua inquietação intelectual e artística ao serviço de uma causa; *quer* contribuir para que determinado problema social encontre solução; *quer* descrever certas realidades na sua crueza. Consegui-lo, ou não o conseguir (por incapacidade própria, por impedimento exterior á sua vontade, ou por qualquer outro motivo) é sempre, ao que se me afigura, de algum modo, reflexo do «estilo da vida». E até aqueles escritores que se alheiam voluntàriamente desses problemas da actualidade, encerrando-se em sistemas de ideias abstractas, ou entregando-se á pura poesia, ou, ainda, entretendo-se em compor prosa floreada sem qualquer fundo de ideias ou sopro de emoção poética, como que cultivando jardins em cemitérios (a imagem não é minha)—até esses reflectem fatalmente certos aspectos do «estilo da vida».

Compreende, portanto, em que grande medida as condições e esse «estilo» ou «estilos» me parecem pesar sobre a criação literária portuguesa. E não só quanto ás obras literárias em si, mas também no que concerne á sua expansão, possibilidades de edição, tiragens, métodos de distribuição, procura do publico leitor.

Em que sentido?, pergunta-me também. Como influência imediata — quero dizer, no ambito daquele processo de acção primária exercida pelo momento histórico — vejo, preponderantemente, uma certa moleza, uma brandura de ideias e de maneiras de expor toda feita de meios-termos, comedidos e sensatos no seu baixo voo, não ofendendo ninguém e deixando todos indiferentes.

Como influência imediata, têm surgido desvios dessa média anodina, tendentes para diversos extremos: a literatura de penetração psicológica individualista, fechando-se num mundo todo interior e representando em geral uma atitude de menosprezo dos actuais problemas da vida colectiva; a literatura realista, no sentido de focar, principal e sistemàticamente, esses problemas, tais como se apresentam na realidade (ou como o autor supõe que se apresentam); uma literatura de símbolos e abstracções, que de algum modo pertence á esfera da primeira a que me referi, ainda que pareça inteiramente outra. São, também, as manifestações a que, genèricamente, poderemos chamar sobre-realistas, representando, em alguns casos, uma fuga defensiva do concreto, noutras um propósito de chamar a atenção pela originalidade, noutras, ainda, uma convicção de ser esse o caminho próprio da nossa época. Em todos os casos, transparecem a não aceitação de um nacionalismo hermético e a persuasão de que a importação de ideias estrangeiras não só é de admitir como é necessária.

E não esqueçamos outra classe de literatura—o ensaio, a crítica, a análise — sobre a qual, evidentemente, o nosso «estilo» de vida tem influído, com refluxos notáveis (mas não muito numerosos).

b) Quais os autores e obras (se os há) susceptíveis de haver influído na vida colectiva, nos gestos, no gosto, na linguagem corrente, etc.?

—A resposta que entendo dever dar a esta questão pode parecer impertinente, dita por quem de forma alguma é autoridade na matéria. Mas os inquéritos fizeram-se para coligir opiniões sinceras, e a minha é de que não há autores nem obras, na nossa produção contemporanea, susceptíveis de haver influido na vida colectiva, no gosto, etc., etc.

Não me baseio no valor dos escritores e dos escritos, que os há sem duvida notáveis, mas sim, principalmente, em numeros. Quais são as grandes tiragens literárias em Portugal? Qual é a massa da população leitora? Os numeros certos, não os possuo, mas sei que a sua ordem é tão pequena (mesmo em relação á total população portuguesa) que não permite ilusões. Se, na nossa produção recente, apareceu alguma obra susceptível de conquistar, pelas suas qualidades intrínsecas, o sufrágio de um publico leitor numeroso o suficiente para poder representar a opinião nacional, não creio que essa obra tenha, realmente, sido expandida em grau correspondente á possível massa ledora.

Depois da inegável influencia que a saborosa adjectivação e o verbo picante de escritores oitocentistas exerceram — influencia que ainda hoje se nota, não só em prosadores que geralmente não ultrapassam um epigonismo de baixo preço, mas também na simples conversação — não creio que algum escritor português tenha podido produzir semelhante efeito. Há certo modo de expressão lírico-impressionista, formando a componente poética de alguma literatura realista, que tem conhecido certa voga entre nós. Mas não—suponho eu —para além do círculo da rádio e do magazine, sem consequências consideráveis nos hábitos dos ouvintes ou leitores.

A letra de forma que verdadeiramente corre população relativamente numerosa, sem falar dos jornais desportivos, é a da meia-duzia de diários de Lisboa e Porto. Em meu entender, esta é a realidade que urge explorar, para que se crie o sempre necessário contacto entre os artistas e intelectuais de uma nação e a própria nação. Todos sabemos a medida enorme em que a Imprensa de grande tiragem actua sobre a formação das populações. Pois bem: creio que uma revisão dos critérios de paginação e de relacionação de espaços, nos jornais diários portugueses, produziria relevantíssimos progressos naquele sentido. Primeiras páginas, grandes títulos e espaços de composição e de gravuras para as manifestações de ordem superior, e, está bem de ver, para o noticiário dos acontecimentos importantes. Notícias desportivas, meras curiosidades sem qualquer significado, reduzir-se-iam ás suas naturais proporções. Em poucas palavras, trata-se de fazer ver ao grande publico que o aparecimento de um novo romance de Aquilino importa mais do que o facto de o jogador X. ter metido um golo na véspera, ou uma senhora ter dado á luz dez gémeos. Isto, está claro, nas linhas muito gerais compatíveis com a resposta a um inquérito. Porque, evidentemente, havia muito mais a dizer.

Sei que este ponto de vista pode ser considerado utópico. Se um só dos nossos jornais resolvesse adoptar aquela orientação muito provàvelmente viria a fechar as portas, por falta de leitores. Mas já não seria assim se a mesma orientação se estabelecesse como norma de todos os diários portugueses. Não é verdade que em Portugal se não publicam, em jornal algum, relatos circunstanciados e romanceados (como os que se lêem, por exemplo, nos jornais franceses) de crimes ocorridos entre nós, em obediência a uma norma que tenho por acertada? E não é também verdade que, nos países onde medidas análogas se tomam, as estatisticas acusam importante diminuição de crimes? Ora não me parece que essa diminuição represente maior benefício nacional do que o estímulo do grande publico para as manifestações de verdadeira cultura.

O que, como princípio, me parece impor-se é a colocação dos grandes meios de expansão modernos (não só o jornal impresso, mas também a rádio e a televisão) ao serviço dos valores culturais. E que isto se faça á margem de condicionalismos ou receios de ordem extra-cultural. Em vez de impedir a expansão de uma obra, por força de algum preconceito ou receio exterior á inteligência e ao sentido artístico, que se criem condições para uma crítica de larga escala, exercida em inteira liberdade. Se de alguma coisa estou certo, é de que o dogmatismo a-priorístico, qualquer que seja a sua cor ou tendência, é o pior inimigo de uma verdadeira cultura. Que as obras de arte se produzam livremente e que, *depois*, as critiquem o mais copiosa e rigorosamente possível. Sobretudo, que a crítica se exerça fora daquele reino do meio-termo a que me referi, próprio de bem comportados colegiais e tendo como máximos expoentes os robustos talentos dos Pachecos.

Sei, também, que esta prática não se adquire fácilmente em Portugal, onde o amor ás ideias sucumbe quase sempre sob a tirania do amor-próprio. Se, por este motivo, a crítica e a polémica podem fácilmente conduzir a resultados desgostantes, aqui temos mais uma valiosíssima função educadora da Imprensa diária, exercida, pela escolha de colaboradores e pela orientação de ética intelectual a estes sugerida.

2 — Quanto ás artes plásticas, como relaciona com a vida envolvente as manifestações de abstraccionismo, naturalismo socializante, pós-impressionismo, sobre-realismo e academismo na pintura e na escultura moderna portuguesa?

—As minhas respostas vão longas e quiçá fastidiosas. A esta pergunta creio poder responder aproveitando o que já disse. Na verdade, penso que se aplica, mutatis-mutandis, ao problema das artes plásticas e ás suas diferentes manifestações. Penso, nomeadamente, que as nossas artes têm enfermado de a-priorismos expressos em discussões (as mais das vezes estéreis ou baseadas em erros) como sejam as que incidem sobre os conceitos de tema, conteudo e forma, classicismo e romantismo, realidade e abstracção, etc. Se, em geral, essas doutrinações soam vazias (ou, pelo menos, de nenhum efeito na comunidade portuguesa, ponto de que especialmente trata este inquérito) não é tanto por culpa dos artistas como pela já mencionada falta de meios de expansão.

3 — Quais as condições e as possibilidades do teatro e do cinema em Portugal? Que direcção ou direcções se vislumbram ou estariam indicadas, a seu ver, entre nós, para estas duas artes, hoje as de mais ampla comunicação e porventura de maior significado social, quando conseguidas?

—Ao teatro e ao cinema deviam caber papeis de primordial importancia na vida cultural portuguesa. Também aqui se aplica muito do que disse há pouco. No teatro, e talvez mais ainda no cinema português, tem dominado lamentàvelmente o espírito anodino que de tantos outros modos se manifesta.

Resumindo, direito que me parecem medidas indispensáveis a tomar pelo Estado:

—auxiliar em escala muito maior o teatro e o cinema nacionais;

—condicionar esse auxílio ás aptidões artístico-técnicas dos beneficiários, fora de todas as considerações estranhas á Cultura;

—fomentar a expansão do espectáculo de teatro pela Província. Isto, além do que, em termos de maior generalidade, aventei sobre a função da Imprensa.

4 — Quanto á musica e á dança, se é válido para estas formas de arte o enunciado anterior, qual o seu aspecto em Portugal, dentro da vida de hoje e do feitio artístico nacional?

—A musica, disso não tenho duvidas, podia ser factor de cultura de primeira linha na vida portuguesa. Actualmente não o é, apesar de uma iniciativa notável ter conhecido prosseguimento raro entre nós. Refiro-me aos concertos promovidos pela Camara Municipal de Lisboa.

Uma casa editora estudou o mercado do livro sobre musica no nosso País. O ficheiro de pessoas provàvelmente interessadas resumiu-se em 10.000 fichas (mais, em todo o caso, do que se supunha). Se considerarmos que dessas 10.000 pessoas, 6.000 são membros de associações lisboetas e 1.000 de associações portuenses, ficam 3.000 para toda a Província! Os primeiros passos a dar, creio que deveriam ser no sentido de reformar radicalmente o ensino da musica nas escolas primárias e secundárias, dignificando a disciplina de canto coral e lançando mão do poderoso meio que é hoje o disco. Deveria haver um programa oficial da musica ensinada nesses estabelecimentos, á base do nosso folclore autêntico e de obras dos melhores compositores, do passado e de hoje. Deveriam também criar-se cursos especiais de execução de instrumentos, facultativos, para os estudantes que mostrassem vocação para a arte dos sons.

Quanto á dança, é, talvez, o género de espectáculo que mais imediatamente atrai a atenção do grande publico. Esta afinidade, haveria que aproveitá-la para expandir uma arte de bailado categorizada, sem esquecer, uma vez mais, que Portugal não é só Lisboa, ou Lisboa e Porto. A orientação geral dessa acção seria, ainda, a mesma que apontei, falando da literatura, das artes plásticas, do teatro, do cinema e da musica.

Afinal, o problema é só um, na variedade poliédrica por que se nos apresenta.

Neste inquérito foram já recolhidos os depoimentos do romancista Fernando Namora, do ensaista Mário Dionisio e do poeta Armindo Rodrigues. A seguir: o depoimento de Fernando Amado.

Vem à Europa

uma comissão de estudo de parlamentares americanos

NOVA YORK, 19. — Uma sub-comissão de inquérito da Camara dos Deputados, composta de três democráticos e um republicano e presidido pela senhora Edna Kelly, do Partido Democrático, partiu a noite passada para Paris, devendo visitar também, além da França, a Austria, a Alemanha e a Grã-Bretanha.

Antes de partir, a senhora Kelly declarou aos jornalistas que a missão tinha por objectivo estudar o plano de segurança mutua na Europa e os meios de cooperação com os países-membros da N. A. T. O. e países europeus, em geral, «com vista a reforçar os elementos da luta pela liberdade, independência e estabilidade do continente europeu».

A comissão é acompanhada pelo coronel Bounds, da secretaria de Defesa, e George Gardiner, da secretaria do Estado. — (F. P.).

O 42.º ANIVERSÁRIO

da Casa das Beiras

Passa no próximo dia 1 de Maio o 42.º aniversário da fundação da Casa das Beiras, que será comemorado no dia 5 daquele mês, com um almoço de confraternização dos Beirões, sócios e amigos da agremiação, e um acto de variedades, á noite, seguido de baile.

Aprenda a dançar

Todas as danças modernas com professoras competentes. Av. Alm. Reis, 73, 1.º, esq. Telef. 730704.

LUZES DE CIDADE

Lisboa fialhesca

Apesar da rajada irresistível do progresso, a velha cidade que Fialho de Almeida pinta magistralmente, ainda um pouco «consoante Beckford a aguarelou nas suas Memórias», quase não se modificou naqueles recantos onde as tradições resistem á onda inovadora. Espraiou-se pelo arrabalde, adquiriu novos aspectos nos bairros modernos, mas a alma permaneceu naqueles aglomerados sombrios, judengos e moiros da impressiva crónica fialhesca, que lhe foram berço—torvelinho de ruelas tortuosas e escusas, despenhando-se do alto das colinas nostálgicas para o labirinto do vale onde vem coalhar na baixa pombalina o vespeiro zumbidor da multidão atarantada.

Subindo pelo apinhoado da Mouraria ao monte de São Gens, ali se no depara a mesma quietude sonolenta de um largo de aldeia, com a sua capela de alpendre rústico, o carcomido obelisco alusivo á fundação da nacionalidade, a árvore venerável, lá no alto, retalhos de hortejos em quintalórios de prateleira pela encosta. E sente-se a mesma «paz de presbitério, onde ao cair da noite alguma alma anelante vem comungar seus devaneios».

Talqualmente como no tempo em que Fialho ali morou, na viziuhança do antropologista Ferrás de Macedo, o «Ferrás de Macedo dos Crânios», recordando, mais tarde, o escritor as divagações «naquelas noites bêbedas de Lua, em que, vista de adro, a casaria emerge á beira do golfo, como de um banho azul fosforescente».

Tinha o bom Ferrás de Macedo um viveiro de rouxinóis que alegravam o seu tugúrio e davam a nota poética á existência solitária do cientista, ao mesmo tempo que despertavam no artista as magoadas nostalgias do aldeão sonhador e contemplativo. Nas madrugadas amenas ficavam eles no terreiro ermo, ao parapeito sobre a cidade adormecida, o sábio com as suas abstracções e o cronista, em mangas de camisa, pena atrás da orelha, cansados os olhos de escrever, ambos enlevados no «cântico divino» dos tenores alados e «contemplando, lá baixo, a Babilónia em coma e farta de gozar»:

«Em baixo, ao redor de nós, até ás mais dilatadas fimbrias do horizonte, Lisboa» — como surgia aos olhos do escritor e á sua imaginação se dramatizava — «tinha um arquejo de monstro agitado por maus sonhos, imensa, ladeirenta, grandiosa, enigmática, cheia de hipocrisias e de lepras, com precipícios, com cerros, fossos de ruas, pelourinhos de campanários, bastilhas de conventos — e toda enodoada de tectos, muralhas, quinas e cafurnas...». A luz do gás punha revérberos de esverdeadas agonias no cenário fantasmagórico e o cronista da «Cidade do Vício», sentindo-lhe o arfar sobressaltado, ansioso e dolorido, adivinhava a «vida íntima dos prédios».

Quem se debruçar lá das alturas observará o panorama nocturno, com as mesmas sugestões e agora com alguns pormenores avivados pelos clarões afogueados do néon, em vez dos bocejos moribundos do gás, que acentuam as expressões cruas da tumultuária cenografia.

Na quietude do terreiro o mesmo silêncio dormente de lugarejo provinciano, onde se sente palpitar o coração oprimido da cidade, cheia de inquietações, angustias e desesperos. Dali, como de uma varanda rasgada para a vastidão dos largos horizontes com que sonham as almas cativas no burgo tentacular e egoista, também se abarca o soberbo panorama descrito por Fialho, «tão extenso, que com um óculo veríeis longe, sobre a mancha alvaçã do mar do Tejo, a ponte de Santarém para Almeirim», permitindo, num relance do olhar, «abranger, como de um púlpito, a Baixa toda, e as casarias de além vale, sobre a Estrela e as encostas longínquas de Buenos Aires, Ajuda e Boa Morte, e a faixa despolida do rio, a barra, e os montes secos do Lazareto e Trafaria, por cima dos quais, do adro, se vê soluçar nas noites pretas a luz intermitente do farol do Cabo Espichel».

Merecia, certamente, o cronista da «Lisboa Garante», o artista singular, o vigoroso panfletário (e que bem nos faz reler as suas páginas estuantes de rebeldia!), merecia ele a singela homenagem da cidade para lhe perpetuar a memória. Mesmo que não fosse «um busto, entre os silêncios, sob um perfume de sonho, reverso ás familiaridades da plèbe feroz», pois esta, como o sabia o escritor, «não entende a gratidão». Talvez (como sugerimos há anos) uma simples legenda ou fragmento de alguma das suas páginas lapidares em pedaço de mármore — ali nas alturas da Senhora do Monte, sobranceiras á Lisboa fialhesca.

CÉSAR DOS SANTOS

As ossadas de Gonzaga

o lírico de Marília

que se julgavam no Brasil

estão na ilha de Moçambique

Este artigo não é consequência de nenhuma efeméride nem tão-pouco procura ser o panegírico dos árcades. De maneira nenhuma. Antes detudo é um grito de revolta contra a mesquinhez e a fatuidade dos homens que nos confortáveis salões das Academias ou numa desordenada vagabundagem literária se referem ao Dirceu de Marilia sem uma vez sequer terem curado saber se os ossos do poeta repousam dignamente na terra que o abrigou no exílio.

Já passaram quase dois séculos depois que foi julgada a «Inconfidência Mineira». Os Portugueses, prendendo os revolucionários de Vila Rica, estavam no seu plenissimo direito. De acordo. Mas hoje o poeta de língua portuguesa não se encontrará, para nós, acima do revolucionário? E para os Brasileiros, o revolucionário e o poeta não merecerão respeito e admiração?

Meia duzia de anos passaram sobre uma tormentosa viagem a essa inesquecível Ouro Preto, a cidade da arte, do amor e do sacrifício. Cruzamo-nos nas suas ruas com os fantasmas de Aleijadinho, Dirceu e Tiradentes. E se o génio do primeiro transparece a cada instante na pedra dolorida como os seus membros comidos pela lepra, o ambiente é de poesia, dessa poesia cantada por Dirceu, elo que liga a beleza tantas vezes angustiosa de António Francisco Lisboa ao tumultuoso telúrico encarnado por Joaquim José da Silva Xavier.

Os séculos passaram sobre Vila Rica, sem lhe causarem outro dano que não seja a mudança de tabuleta á entrada da cidade. E, assim, quem quiser ouvir Tomás António Gonzaga nos seus lamentos, nas suas queixas de amor á jovem Marília, que se perca nas ruas dessa terra arrancada á Europa velha, erguida no coração do Brasil. O corpo do revolucionário partiu um dia coberto de grilhetas, mas o espírito do poeta permaneceu e permanecerá eternamente ligado a Ouro Preto.

...Um dia, chegámos a vila Rica com os olhos cheios de um Brasil «made on séc. XX». Bandeira e Jorge de Lima tinham-nos dito muito, tudo, da terra do frevo e da mãe negra, que ainda hoje palpita sob o calor dos trópicos. Ouro Preto falou-nos, pela boca de Dirceu, do Brasil colonial, da terra onde os jogos palacianos e as palavras rendilhadas para as Marílias parecem não ter desaparecido ainda, onde o silêncio das noites calmas tem algo de opressivo e nos faz correr pela estrada de Minas, caminho liberto iluminado pelos pedaços esquartejados de Tiradentes. A capital mineira setecentista impressionou-nos. Foi Dirceu que fez reviver a cidade para que a compreendessemos.

Mais tarde, na quietude de uma aldeia junto do Porto, cidade que é fonte inesgotável de ideias de libertação e onde o poeta nasceu, lemos pela primeira vez os versos tristes e simples (entendemo-los assim) e tivemos a sensação de que alguém, num dia distante, nos tinha lido a Marília de Dirceu.

Tomás António Gonzaga e Ouro Preto nunca mais nos fugiram da memória e a ilha de Moçambique, que guardou o poeta no seu exílio e depois de morto era uma realidade tão distante, que nunca pensámos poder tocar. Mas num dia quente de África, que os meses não conseguem afastar, os nossos olhos puderam vê-la, girando como um pião na moldura azulada do mar. O avião deixou-nos no Lumbo e a lancha conduziu-nos ràpidamente até á nesga de terra que guardou para Portugal, durante vários séculos, o caminho das Indias.

A «ilha-museu» parou no tempo. A mudança de capital para Lourenço Marques, a perda do ceptro regional a favor de Nampula e o inevitável desvio da navegação cocercial para Nacala evitaram e evitarão uma transfiguração desse marco quinhentista da nossa fixação em África.

Não fomos de riquexó até á fortaleza, porque nos desagrada essa reminiscência de escravatura. Fomos a pé. Junto á capela de Nossa Senhora do Baluarte, olhámos o mar tal como o fez o nosso poeta; esquecemos os olhos sobre a coroa de pedra que eterniza a simples mas bela capelinha e sentimos a tortura de Gonzaga, longe de tudo o que amou, afastado da terra que queria libertar. Pela mente, passou-nos a ideia de que um anátema foi lançado contra as duas terras que guardaram Tomás António Gonzaga. Se elas permaneceram paradas no tempo, foi porque quiseram transmitir-nos uma mensagem ou porque os deuses as quiseram castigar?

Será que não sabemos ler essa mensagem ou que não cumprimos o nosso dever de homens frente a um homem?

Um aspecto do local onde está se

Se alguém chegar á ilha de Moçambique e perguntar pelo local onde se encontra sepultado Tomás António Ganzaga...

Ao lado do edifício onde funciona o Tribunal e onde se ergueu uma igreja de dominicanos, amontoam-se madeiras junto de paredes arruinadas. Sob esse chão coberto de detritos, onde ainda não há muito tempo foram encontradas ossadas

«LISBONENSE INFANTIL»

Sapataria especializada em calçado para crianças, com secção ortopédica

RUA DA ASSUNÇÃO, 55
RUA AUGUSTA, 204

OURO, PRATA, JOIAS, RELOGIOS E ANTIGUIDADES

Não compre sem ver o grande sortido da
Ourivesaria Nascimento & Pinto
PRAÇA DA FIGUEIRA, 4-A
Agência oficial — Omega e Tissot

A lava do Etna

já percorreu

cerca de 700 metros

CATANA, 19 — A erupção do Etna continua. Depois da cratera Sueste, a central entrou por sua vez em actividade. Fortes explosões, á cadência de cinco ou seis por minuto, e jactos de cinzas e matérias incandescentes, atingindo cerca de trezentos metros de altura, precederam o aparecimento de lava que desce lentamente em direcção do vale de Leone. Se bem que tenha já percorrido cerca de setecentos metros, a lava não ameaça, por enquanto, as cabanas dos pastores e rachadores de lenha que vivem nas encostas do Etna. Contudo, é atentamente vigiada pelos observadores do Instituto de Vulcanologia de Catana, que lembram que, em 1950, a ultima erupção importante começou justamente nesta época. — (F. P.).

Charcuteria Francesa
RESTAURANTE
Avisa os seus Exmos clientes e amigos que estará aberto no Domingo de Páscoa
RUA DO CARMO, 23-25
Telefone 27683

COM POUCO DINHEIRO E SEM TRABALHO!

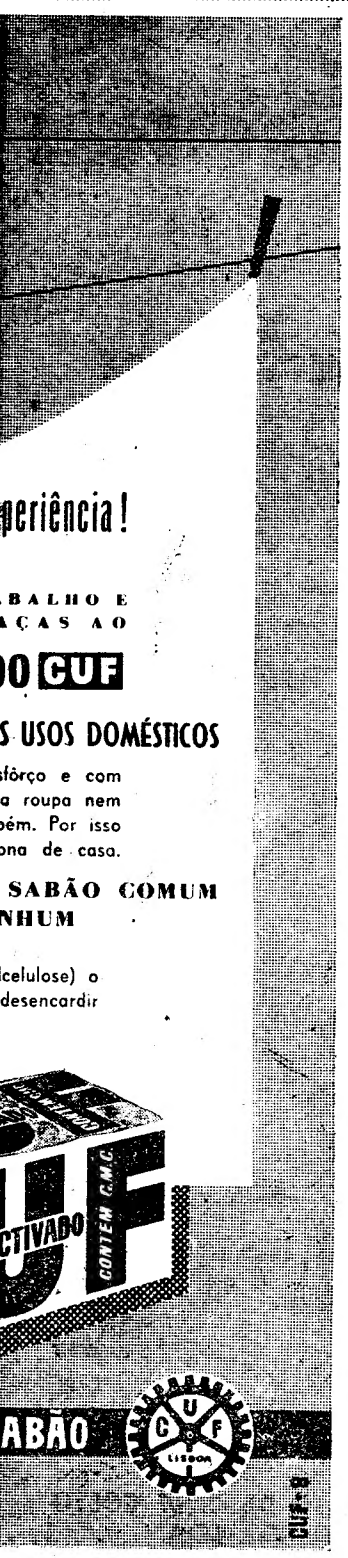
Prepara-se um delicioso prato de Corn Flakes Kellogg's em 30 segundos apenas. Não vai ao lume nem há tachos para lavar. Experimente-o hoje mesmo. Cada pacote Kellogg's dá para oito refeições e custa só 7$50!

RELÓGIOS OMEGA
AGENCIA OFICIAL
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253—Telef. 2 4564

ultado Tomás António Gonzaga

árias (de quem?), há que pro-urar, há que encontrar aquele que s Portugueses degredaram e Por-gueses e Brasileiros esqueceram. Sob as ruínas da antiga igreja ominicana da ilha de Moçambique z abandonado, desprezado, sem ma pedra que o recorde, um poe-a: Tomás António Gonzaga.

SANTOS SIMÕES



De um entendimento na ONU
sobre a questão da fiscalização
parece depender o bom êxito
das negociações para o desarmamento

LONDRES, 19. — Depois de cinco semanas de negociações, a sub-comissão do Desarmamento da O. N. U. chegou a um ponto em que as probabilidades de acordo parecem depender de um compromisso sobre a questão da fiscalização, no entender das esferas competentes.

Os delegados americano e russo, chegado a este ponto da discussão, parece terem sentido ambos a necessidade de consultar os seus Governos, e resolveram ir passar uns dias nas capitais respectivas. Os delegados ocidentais entendem que, em consequência da mutua desconfiança entre Governos, se deveria elaborar e instalar um sistema de fiscalização, antes de se dar inicio a qualquer medida de desarmamento. A delegação russa, pelo contrário, entende que é preciso chegar a acordo quanto ás reduções de efectivos e armamentos, e quanto á proibição das armas atómicas, antes de começar a aplicar as medidas de fiscalização.

O Governo russo propôs até agora um sistema de inspecção terrestre, e aprovou — limitando-a a uma zona de 800 quilómetros de um lado e do outro da ilha de demarcação na Europa — a proposta do presidente Eisenhower para se poder fazer fotografia aérea sobre países estrangeiros. Os ocidentais elaboraram — no plano franco-britanico — um projecto minucioso de fiscalização de todas as fases do desarmamento. Recentemente, os Estados Unidos propuseram um sistema de fiscalização da produção futura do material nuclear, fazendo notar que é impossivel fiscalizar a existência dos «stoks» de armas nucleares acumulados até agora.

O segundo escolho das negociações é a questão das experiências nucleares, questão intimamente ligada á da fiscalização. A U. R. S. S., que preconiza a interdição absoluta das armas nucleares e a destruição dos «stoks» existentes, propõe a suspensão permanente ou temporária das explosões experimentais. A tese ocidental é que, no estado actual de coisas, só uma fiscalização efectiva no próprio local poderia registar as eventuais infracções a um acordo acerca da limitação das experiências. Por isso o Governo americano propôs a reunião de uma comissão de peritos das cinco nações participantes nas negociações, comissão que se encarregaria de determinar o sistema de fiscalização nuclear a aplicar a partir de 1 de Março de 1958. A delegação soviética ainda não se pronunciou acerca da proposta de reunião de uma comissão de peritos. — (F. P.).

Selos brasileiros
comemorativos da visita
do presidente Craveiro Lopes

RIO DE JANEIRO, 19. — A Administração dos Correios do Brasil vai emitir cinco milhões de selos, na altura da visita do presidente da Republica Portuguesa. Os selos destinam-se ao correio aéreo. E' tradição, no Brasil, fazer emissões filatélicas especiais, quando o país recebe a visita de um Chefe de Estado estrangeiro. — (F. P.).

A vocação expansionista
do génio português
exaltada pelo comodoro Sarmento Rodrigues

Ao encerrar os trabalhos da 30.ª essão do INCIDI, o sr. comodoro Sarmento Rodrigues proferiu um notável discurso cujas conclusões sintetizam admirávelmente, tanto o pensamento que orientou a reunião, como a nossa própria posição perante os problemas que se debateram. Limitamo-nos a transcrever os períodos finais desse discurso que exprimem com lucida clareza as razões de orgulho que podemos invocar quando exaltamos a missão civilizadora de Portugal no Mundo:

«Tanto a mensagem do sr. Presidente do Conselho como a oração do prof. Marcello Caetano, como as judiciosas palavras dos relatores e oradores são concordes. A pluralidade étnica e cultural é aconselhável, é exequível, está aprovada pela experiência.

Pelo que respeita a este País em que nos encontramos, creio bem que em bem pouco ou em nada teria que alterar a sua tradicional, inata, política de coexistência se decidisse adoptar fielmente os princípios das conclusões aprovadas nesta memorável sessão. Mais do que isso, nesta Nação, repartida por vários continentes, não se ficou na definição de princípios, porque logo no início da expansão e construção da nacionalidade se passou á prática. O exemplo de harmonia entre as tendências naturais do povo—pela sua formação social e cultural—e as instruções dos reis e governadores foi perfeito. Os homens da Europa fraternizaram, sempre que puderam, com os povos a cuja presença eram levados pelos ventos cujas leis os Portugueses se empenharam em desafiar, para chegar aos novos mundos. E esse sentimento de pura fraternidade, sem ideia de superioridade, manifestou-se nas relações entre os homens, que chegaram ao ponto dos casamentos dos homens e mulheres europeus com os nativos; na atribuição de cargos na administração, indistintamente a uns e outros; na persuasão pater-

(Continua na 14.ª página)

Os homens do ar
e os homens
de bata branca

PARIS, 19 — Pela segunda vez, em poucos dias, o Aero Clube de Vannes pôs-se á disposição de um médico para cumprir uma missão de que dependia a vida de uma criança.

Da primeira vez, um pequeno avião transportou, do hospital de Vannes para Belle-Ile, plasma-sanguineo necessário para uma intervenção cirurgica urgente.

Agora, foi preciso levar de Vannes para o hospital infantil de Paris uma criança recém-nascida com uma oclusão intestinal. A operação, que devia ser levada a cabo no prazo de quarenta e oito horas, só podia ser efectuada num hospital especializado.

O avião do Aero Clube de Vannes cobriu a distancia até Paris em duas horas e a criança salvou-se graças á colaboração dos «homens do ar» com os «homens de bata branca». — (A. N. I.).

Novo material
para os caminhos de ferro de Luanda e Moçamedes

No gabinete do sr. subsecretário de Estado do Ultramar, engenheiro Carlos Krus Abecasis, foi hoje assinado o contrato com a firma Sociedade Comercial Romar, Lda., para o fornecimento de diversas máquinas e outro equipamento destinado ás novas oficinas gerais dos Caminhos de Ferro de Luanda e de Moçamedes.

O custo global deste fornecimento está orçado em 1.199.000$00 e o prazo fixado para a sua execução é de doze meses.

Meninos, vamos à bola!

A bola é uma prática radiada em todas as latitudes e longitudes. Não se lhe pode fugir, porque bate a todas as portas, ainda áquelas que imprevistamente se lhe abrem, como sucedeu no colégio inglês de St. Joseph, em Degenham, Essex. É certo que a madre Vincent é calorosa defensora das práticas desportivas. Mas quem havia de dizer que todos os dias, com o seu «team» predilecto—a selecção do colégio—madre Vincent correria para o campo relvado a dar o sinal da arbitragem? As três gravuras inédita e pitorescamente o documentam. Madre Vincent, a caminho do campo, através das ruas de Dagenham, leva consigo a pequena multidão dos seus discípulos em futebol. Depois, já no campo, dá-lhes noções exactas sobre a técnica e as regras da bola. Enfim, com tão excelente treinadora, como não hão de os rapazes de Dagenham ser amanhã os campeões de Essex?

OURIVESARIA DA GUIA

(Fundada em 1875)

Um nome conhecido e considerado há quase 80 anos

Uma das principais e maiores Ourivesaria do País

R. Martim Moniz, 2-10
T. 28336
R. da Mouraria, 7-11 (Junto á Capela N.ª Sr.ª da Saúde)

AÇORDA DE SÁVEL

do RIBATEJANO de Salvaterra

FAMOSO PRATO REGIONAL

ONLY YOU

este e outros êxitos do famoso conjunto vocal the Platters

Acaba de chegar nova remessa em discos de 45 e 33 1/3 rot.

Custódio Cardoso Pereira & C.ª

11, Rua do Carmo—Lisboa

NOVAS CARACTERÍSTICAS
• MAIS CAPACIDADE • MAIS SUPERFICIE
• MAIS ECONÓMICO • MELHOR PREÇO

A NOVA LINHA
DOS FRIGORÍFICOS ALEMÃES
BOSCH

MÁQUINA DE COZINHA BOSCH

• AMPLO CONGELADOR "FREEZER" A TODA A LARGURA
• PORTA TOTALMENTE APROVEITADA COM QUEIJEIRA E MANTEIGUEIRA
• PRATELEIRAS ROLANTES COM FACE DOURADA
• TERMOSTATO COM REGULAÇÃO DE TEMPERATURA, COM SEIS POSIÇÕES, E UMA PARA DESCONGELAÇÃO
• PORTA COM CHAVE
• ILUMINAÇÃO AUTOMÁTICA
• MÁQUINA HERMÉTICA, ECONÓMICA E SILENCIOSA, "BOSCH"
• 5 ANOS DE GARANTIA

Refrigeração
POLAR LIMITADA · R. DA EMENDA, 66, 1.º · LISBOA · TEL. 22396 367211

BOSCH
SEMPRE NA VANGUARDA
DO DESENVOLVIMENTO TÉCNICO

NOVOS PREÇOS PARA OS FRIGORÍFICOS BOSCH!!!

A venda nos revendedores autorizados

AGORA A PREÇOS FIXOS:
110 T — 6.250$00
125 S — 6.990$00
170 S — 7.990$00
170 S G — 8.490$00
215 S — 9.490$00
215 S G — 9.990$00

VEJAM TODOS OS MODELOS DA LINHA **BOSCH** NAS SALAS DA NOSSA SEDE

ALTA QUALIDADE
BAIXO PREÇO

NOVO FRIGORÍFICO

Com prateleiras rotativas

11,5 pés cubicos
12.950$00

Modelo LB-12P

UM FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA
• PORTA MAGNÉTICA DE SEGURANÇA
• DUAS PRATELEIRAS ROTATIVAS
• CONGELADOR A TODA A LARGURA
• TABULEIRO A TODA A LARGURA
• GAVETA ESMALTADA A FOGO
• MANTEIGUEIRA E SUPORTES PARA OVOS

9 MODELOS DESDE 8.750$00 a 22.950$00
À VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

GEP

Caramelos da sorte

Previnem-se os interessados de que não se recebem mais envoltórios para troca de brindes a partir do dia 20 do corrente.

ESTAÇÃO DE OIÃ

Em 31 do mês findo, foi inaugurada a estação de Oiã, situada na linha do Norte.

Esta estação presta serviço completo de passageiros e mercadorias e tal facto traduz, para as populações locais, a satisfação de uma velha aspiração e um grande benefício, pois deixam de recorrer ás estações colaterais para o despacho e recepção das suas mercadorias.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO BRANCO, na casa António de Sá Rodrigues.

MONTARGIL

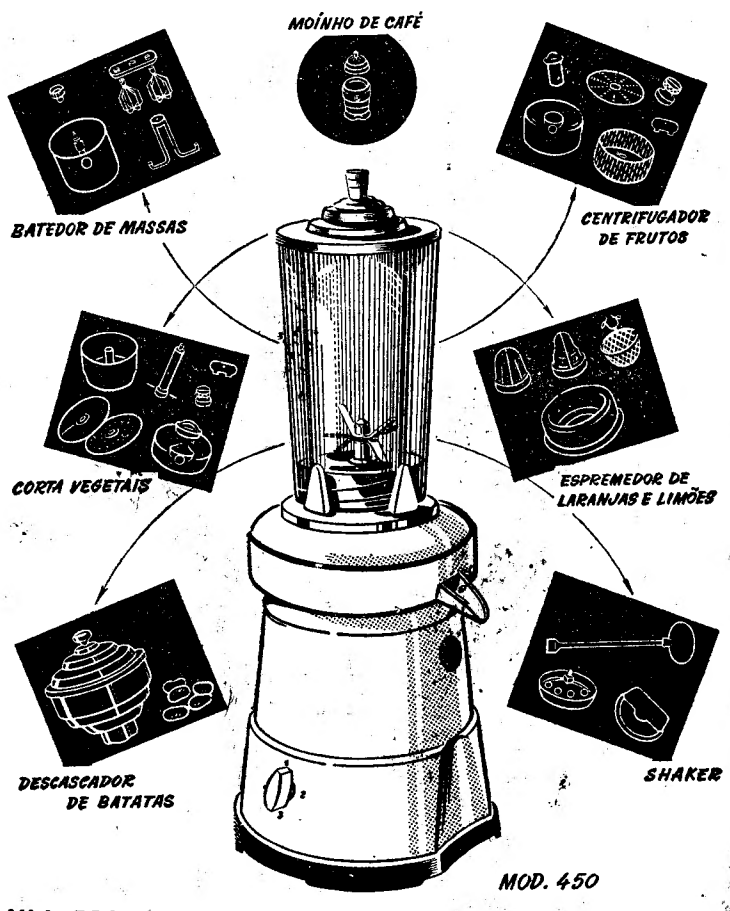
+

Maria Dias da Costa

FALECEU

Maria de Jesus da Costa Macara, Cristovão João Macara, participam o falecimento de sua estremosa mãe e sogra e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, para o cemitério local.

TURMIX



UM BRINDE DE PÁSCOA ÚTIL E DE BOM GOSTO
Dist. Gerais: MARÇAL CORRÊA, LDA.
Rua Serpa Pinto, 15 — Telefone 26076

Publicações

«Condicionamento Industrial», pelo dr. Humberto Pelágio

Com a lucidez que revela geralmente em todos os seus trabalhos, o dr. Humberto Pelágio estudou o problema do «Condicionamento Industrial» e tratou-o numa conferência que proferiu, primeiro na Associação Industrial de Angola, em Luanda, e, depois, na Associação Industrial Portuguesa, em Lisboa.

Foi essa conferência, de uma oportunidade flagrante, que o dr. Humberto Pelágio agora publicou, em separata do «Boletim da Associação Industrial de Angola».

Visto o problema pelos seus multiplos aspectos o autor estuda a evolução do condicionamento em Portugal e justifica a sua existência, considerando uma vasta série de pontos, de importancia capital para a compreensão do nosso desenvolvimento industrial. Vendo-se que conhece o assunto, em profundidade e extensão, o dr. Humberto Pelágio situa, com notável clareza, o condicionamento no conjunto da nossa vida económica e, tirando conclusões inteligentes da forma como se tem feito a sua aplicação, faz uma análise construtiva da política do condicionamento, como chave de progresso e emancipação económica, atendendo ás circunstancias especiais de que se revestem as actividades produtoras dos nossos dias.

«Cascais e os seus lugares»

Dirigida pelo nosso colaborador dr. Augusto d'Esaguy foi publicada a revista de Cultura e Turismo «Cascais e os seus lugares», com uma excelente apresentação gráfica. São numerosos os artigos aqui inseridos, sendo os seus autores o dr. Augusto d'Esaguy, Ferreira de Andrade, dr.ª Adelaide Felix, Lorenzo López Sancho, dr. Camara Reis, Vidal de Caldas Nogueira, José Mantero Alonso e Alfredo Farinha. Entre as ilustrações uma bela fotografia a cores do Teatro de S. Carlos, quando da visita de Isabel II de Inglaterra.

«Vértice»

Foi distribuido o numero 160.161 do «Vértice», revista de cultura dirigida por Raul Gomes, com colaboração de Alberto Ferreira, A. Brás, Eduíno de Jesus, Orlando Neves, Luís Capdevila, Luís Eugénio Ferreira, J. Seabra Dinis, Mário Sacramento, Jaime Rodrigues Viana, J. F. Gulias, Mário Vilaça, J. A. Maia, Gabriel Le Brás, Jacques Alibert, Manuel José de Noronha Marques, Armando Bacelar, J. J. Cochofel, Mário Braga, Renano Henriques, Gomes Soares e Jorge de Sena.

Propaganda turistica da Bélgica

Do sr. Jean Mulders, director, para a Península Ibérica, do Comissariado Geral do Turismo, recebemos cinco interessantes folhetos, profusamente ilustrados, de propaganda da Bélgica, intitulados: «Villes d'Art»; «Le Litoral»; «Ardennes»; «Ostende»; e «Belocil».

«Boletim do Auto-Clube Médico Português»

Tem muito interesse este boletim editado pelo Auto-Clube Médico Português, que reune colaboração de cientistas portugueses e estrangeiros. Destacamos os artigos dos profs. Reynaldo dos Santos e Diogo Furtado sobre Van Gogh e uma conferência do prof. Ayres de Sousa sobre congressos.

«Revista do Comércio Português»

É profusamente ilustrada e reune excelente colaboração a «Revista de Comércio Português», orgão da Associação Comercial de Lisboa, que é dirigida pelo dr. Elísio Vilaça. Este numero da publicação é dedicado ás relações luso-britanicas.

«Revista da General Motors»

A General Motors tem um boletim em lingua portuguesa que edita em São Paulo e que reune artigos sobre as actividades desta organização industrial. Recebemos o ultimo numero desta publicação, muito bem apresentado e profusamente ilustrado.

«Boletim da Bedford»

Esta publicação da fábrica Bedford inteira o publico das suas realizações e dos seus empreendimentos e insere um estudo de muito interesse sobre motores, com várias ilustrações elucidativas do seu funcionamento e modificações a tentar.

«Gazeta do Mobil Clube»

Atingiu já o numero 95 a revista «Gazeta do Mobil Clube», que se publica sob a direcção de José Martinho de Campos e que insere artigos sobre a actividade da Mobil Oil.

Vão ser extraditados

os assassinos do casal Carroll

CARACHI, 19. — O grupo de bandidos persas que assassinou dois funcionários norte-americanos em serviço no Irão, a mulher de um deles e os seus dois guardas iranianos será extraditado, a fim de ser julgado em Teherão pelos crimes cometidos.

Os bandidos, incluindo Ahmad Xá, que confessou ter assassinado a sr.ª Anita Carrol, o seu marido e outro norte-americano, chamado Wilson, foram presos pela Polícia da fronteira paquistaniana, nas montanhas do Baluquistão, há cerca de oito dias.

Ahmad Xá é irmão do Dad Xá, o chefe da quadrilha, que se diz ter sido morto, quando pretendia fugir á Polícia persa. — (A. N. I.).

Visitou Damão

o governador-geral da India

CIDADE DE GOA, 19. — O governador-geral do Estado da India, general Benard Guedes, acompanhado da esposa e do oficial ás ordens, chegou ontem a Damão, onde foi recebido pelo governador do Distrito adjunto e pelo comissário da Polícia.

Depois de passar revista á guarda de honra, o governador-geral recebeu cumprimentos das principais individualidades, que lhe ofereceram os tradicionais colares de flores.

A população acorreu em peso ao local de desembarque, saudando o general Benard Guedes.

O governador-geral chegou a Damão, ido de Diu, onde a sua passagem foi igualmente assinalada por manifestações populares.

Em Diu, o general Benard Guedes visitou várias obras de fomento do distrito, nomeadamente a nova central eléctrica, o abastecimento de água, a horta experimental da zona agrícola e a nova aldeia de Dores. Depois, deslocou-se a Brancavara, iniciando a visita ás diversas aldeias.

O governador-geral foi por toda a parte recebido com entusiásticas aclamações, lendo-se nas ruas dísticos como estes:

«Vivemos felizes á sombra da bandeira das Quinas»—«Somos Portugueses e morreremos Portugueses»—«Com fé em Deus, nós que somos poucos, venceremos muitos».

Em discursos proferidos, os representantes de todas as comunidades de Diu expressaram o seu agradecimento ao Governo do general Benard Guedes e a sua inabalável lealdade á Nação portuguesa.

O representante da comunidade coja ismaelita saudou o governador-geral, dizendo:

«Todos nós, cojas, juramos inteira lealdade á bandeira das quinas, simbolo da Pátria amada e querida».

Em Gogolá e outras aldeias, repetiram-se as manifestações de jubilo pela visita do general Benard Guedes.

O governador-geral, agradecendo o carinhoso acolhimento que lhe foi dispensado, afirmou:

«Podemos pedir a Deus que nos dirija a Sua Providência para não nos afastarmos do recto caminho que devemos trilhar, caminho tantas vezes percorrido pelos soldados e pelos marinheiros portugueses na India.

«Deus é grande e está connosco, com este punhado de bons Portugueses, amantes da paz, que rezam baixinho — Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade». — (A. N. I.).

Poupar a saúde?

(Continuação da 6.ª página)

visto que só se fuma por ignorar o que é o tabaco. Pois se todos soubessem que estão a ser cumplices no crime que se está praticando, á luz do dia, contra o pessoal que trabalha nas fábricas de tabaco; que estão a ser vitimas inconscientes do próprio envenenamento, em vez de gozarem as *delícias* que imaginaram; quem se meteria a fumador?

Não foi por suporem que se tratava de um *vício inocente*, que o fizeram? Não foi apenas porque viram outros a fumar? Mas não souberam, a tempo, que eles só o faziam porque tinham sido ludibriados, como as pobres mulheres agora também foram. E este novo crime fica ás costas dos homens fumadores: mais uma vez enganaram mulheres.

Felizmente que há ainda muita senhora que se não deixa arrastar, não contribuindo assim para a degenerescência da raça.

* * *

Entrando de visita num quarto de um hospital, onde um muito amigo meu que era médico, vitima de ter sido um grande fumador, estava sofrendo uma transfusão de sangue para poder ser operado, vi, com profundo desgosto, á sua cabeceira, um seu colega, tomando-lhe o pulso, de cigarro na boca. Isso causou-me tão desagradável impressão que comecei a distribuir alguns papeis que lembram que o tabaco é «o inimigo n.º 1 do organismo humano» (Dr. Piqueras).

Procurei discutir o caso com os médicos com quem pude conversar. Encontrei uma linda jovem médica, que evidentemente não fumava, a quem dei dois exemplares e pedi que auxiliasse esta humanitária campanha. Falei com um enfermeiro, de olhar vivo e que depois soube que era competente, que me disse que não fumava, muito admirado até de que alguém o fizesse, quando bastava entrar ali, na enfermaria dos operados da laringe, para ver que se não devia fumar. Não será esta uma das provas, mais evidentes, de quanto vale mais *fazer*, do que apenas *ler*?

Um médico fumador, supondo que isso seria um esmagador argumento, contou que uma *notabilidade* médica estrangeira, que estivera no nosso País, naqueles inumeros banquetes onde vêm desforrar-se da penuria que vai por este Mundo fora, pretendera justificar o seu hábito de fumar — com uma graçola como tantos usam — dizendo que era indiferente que o cancro aparecesse no pulmão ou no recto.

Não me parece que haja essa indiferença: antes creio mais que, aqueles que por qualquer motivo receiam vir a ter um cancro no recto, se porão a fumar vertiginosamente, na esperança de que lhes apareça primeiro o do pulmão, para disfarçar. Tal é já a certeza de que o tabaco produz o cancro.

* * *

Para que não julgues, amigo fumador, que há só partidarismo da minha parte, vou mostrar-te também quais os unicos pretextos que se apresentam para desculpar o tabaco. Entre todos que têm publicado o que se sabe desse insidioso veneno, só de um chefe beduino se encontram estas três justificações:

1.º — Fumando o suficiente, ficareis com tal pitada que nem os cães se aproximarão para vos morder.

2.º — Contraireis um mal nos pulmões que vos fará tossir toda a noite e assim os gatunos não entrarão para vos roubar.

3.º — Morrereis mais cedo e mais depressa gozareis as delicias do Paraíso.

Eis as unicas *vantagens* encontradas até hoje em centenas de obras, todas condenando em absoluto o tabaco. A marca de cigarros que deveis preferir é «Três Vintes»... mas de chocolate.

Séneca dizia: «Procura a satisfação de matar os teus vícios, antes que eles te matem». Sei que alguns, cuja vontade estará embotada pelo tabaco, me dirão: «Estás a perder o teu latim». E' verdade. Já Séneca perdeu o seu com o discípulo que tinha: Nero.

Felizmente que nem todos serão Neros.

RIBEIRO DA FONSECA
(Brigadeiro-aviador)

Apareceu em Florença

um mapa do século XVI

FLORENÇA, 19 — Nos subterraneos de um antigo palácio desta cidade, que está a ser restaurado, encontrou-se um antigo mapa-mundo, feito no século XVI por Cosmo 1.º de Médicis.

Trata-se de uma obra muito notável, da autoria de Fra Ignazio Danti e executada em cabedal e pergaminho sobre armação de madeira. Tem 2,15 m. de diametro. Nele se distingue uma figuração incerta das costas atlanticas do Novo Mundo.—(F. P.).

NO OBSERVATÓRIO DE NEUCHATEL
ZENITH
detém 5 vitórias em 6 anos na categoria de relógios de pulso

ZENITH porto

ALCANENA

Maria da Luz da Silva Cravo Lindim

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Maria José Cravo Lindim, Maria da Conceição Cravo Lindim Silveira de Serpa (São Geão), seu marido e filhos, José Maria Cravo Lindim, sua mulher e filhos, Maria da Luz Cravo Lindim Vassalo, seu marido e filhos, Alda dos Anjos da Silva Cravo, Barão de S. João de Loureiro, sua mulher e filhos (ausentes), Manuel Fernando da Silva Cravo (ausente), José Luciano da Silva Cravo, Abel da Silva Cravo, Joana Maria dos Santos Lindim, Maria da Conceição dos Santos Lindim (religiosa de Santa Dorotea) e mais família participam que foi Deus Servido chamar á Sua Divina Presença sua mãe, sogra, avó, irmã e cunhada, realizando-se o funeral ás 17 horas de amanhã, da Quinta de São Geão, em Torres Novas, para jazigo de família em Alcanena.

P. N. A. M.

PARA UM BOM PRESENTE
DE
PÁSCOA
Ofereça
DISCOS
DA VARIADISSIMA COLECÇÃO
QUE A SECÇÃO DE DISCOS DOS
Grandes Armazéns do Chiado
apresenta
CÔNCERTOS — MISSAS
QUARTETOS — SINFONIAS
SONATAS — ÓPERAS
e FOLCLÓRE MUNDIAL
MUSICA DE DANÇA — JAZZ — CANÇÕES,
etc., etc.
em discos normais e microgravados
Grandes Armazéns do Chiado
Rua Nova do Almada, 112 — Lisboa

PROBLEMAS DE TRÂNSITO — (6)

Outros aspectos que merecem reparos

Há mais de um mês que trago os meus quatro leitores entretidos — ou já talvez enfadados — com os meus mal alinhavados artigos; afirmando-lhes, porém, que todos têm a minha sincera preocupação em poder demonstrar o quanto poderíamos aproveitar destas campanhas que por vezes se levantam, quer na Assembleia Nacional, quer na Imprensa, sobre tão importantes problemas nacionais com o fim a um resultado que nos coloque bem aos olhos de todo o Mundo.

Já disse que nada inventei; recordei o que estudei e aponto o que vi, permitindo-me, sem querer ferir susceptibilidades, referir factos que me pareceram de condenar, erros que devem ser emendados e tudo envolvido numa crítica perfeitamente construtiva que os governantes admitem. Mas conseguir-se-á o nosso desiderato? E' com essa esperança que vou citar ainda mais algumas coisas em ligação com o transito e respectiva educação cívica.

Sinalização luminosa automática :

Julgo que merece ser estudado este sistema de sinalização já usado nas grandes cidades do Mundo.

Na Avenida da Liberdade — unica artéria, creio, onde ela existe — quando está o sinal aberto aos peões e, portanto, passagem consentida com segurança para eles, permite-se que os veículos seguindo na mesma direcção voltem repentinamente para a faixa de rodagem que foi interrompida e vão para cima da faixa que está nesse momento a ser utilizada pelos peões! E fazem-no com tanta imposição e desaforo que os peões têm de parar rapidamente, para os automóveis passarem; e tudo isto é feito na presença do sinaleiro! Que transtorno causaria ao motorista esperar uns dois ou três segundos?

No Porto, pelo contrário, o peão, está realmente bem defendido, tem contudo de esperar, por vezes, demasiadamente, com o espaço livre á sua frente, para poder seguir a sua marcha impedida pelo sinal vermelho.

Julgo que aquela sinalização foi colocada a titulo experimental; e então será licito dar ao peão o direito de ter pressa.

Há ali também outro aspecto que me contaram ser verdadeiro: é que, quando o transito de veículos é manifestamente intenso, como por exemplo para desafios de futebol, cortejos e outras festas, quando realmente se tornaria mais necessário maior atenção e cuidado com o transito da parte do sinaleiro, subordinando uns e outros á disciplina e á obediência do respeito mutuo, é que colocam a sinalização automática no pisca-pisca amarelo! Isto é, deixa-se ao critério dos veículos e peões caminhar ou atravessar quando... possam. E então, naturalmente, é que é ver ali o respeito mutuo: é carregar no acelerador e os peões que... vão passando!

Parques de estacionamento e praças de táxis

A Camara Municipal não se tem preocupado com este problema, bastante urgente, perante o aumento constante de veículos. E' ver os cais das Alfandegas de Lisboa e Porto cheias de carros!

Na zona da Baixa existe já uma tal barafunda com o estacionamento dos automóveis que não se vê solução fácil para os acomodar á vontade de cada um! Mas vejamos este aspecto da questão que me parece poder vir a resolver-se.

Toda a gente quer ter o carro á porta e ali ficam a atravancar a circulação dos outros veículos que têm de circular com todo o direito. Perdem tempo imenso uns poucos de polícias a assentar os numeros dos carros e a riscá-los conforme estão ou não dentro das determinações do tempo de permanência!

Porque não estudam os engenheiros e arquitectos a forma de construção de parques e garagens de recolha? Não se podem construir mais edificios com vários pavimentos, ligados por meio de rampas de acesso a todas as marcas de automóveis? E não se podem construir garagens furando a terra, ora no subsolo, ora nessas sete colinas desta cidade de Lisboa, ou na acidentada cidade do Porto, destinadas a recolher os carros? Proprietários e empresas que as tivessem para exploração estou certo de que ganhariam dinheiro. E essas escavações seriam, em caso de guerra, bons abrigos, indo assim ao encontro do estudo que a Legião Portuguesa está a fazer para defesa do nosso território.

Não temos parques! E por isso, aceita-se que estejamos a utilizar o Terreiro do Paço, essa nossa melhor e mais linda *sala de visitas*, para lá metermos essa quantidade de automóveis particulares — e talvez, bem arrumados, mais caibam — mas permita Deus que seja por pouco tempo, pois aquilo tira-lhe toda a sua imponência! E então, como lá por fora, montados os telefones, por eles se chamam os carros que tenham de vir á hora indicada, á porta do seu proprietário, levados pelos motoristas; ou irão ali buscá-los os que pessoalmente guiem. Se não quiserem ir até ao parque a pé, utilizarão os táxis ou transportes colectivos.

Haveria, estou certo disso, motivos fortes para que a Polícia autorizasse alguns carros á porta dos seus proprietários sem motorista; mas então teriam uma licença especial e bem definida.

À Companhia Carris

Os «eléctricos» que foram no início um progresso para a população de Lisboa — quando já o Porto os tinha de há muito! — estão já a servir de estorvo ao transito em muitas zonas da capital. Breve teremos o Metropolitano — serviço reconhecidamente util, prático e rápido, em todos os países que já o têm há longos anos — e a Carris irá reconhecer que os seus «eléctricos» terão de desaparecer da parte da cidade — Baixa — onde houver maior movimento.

Suponho, pelo que vejo, que a direcção da Companhia Carris de Ferro já não liga grande importancia a este sistema de transporte; os autocarros tomaram a primazia; e muito bem; e é certamente por as suas tarifas serem bem mais elevadas que os desgraçados peões que procuram os «eléctricos» secam ao Sol e se encharcam á chuva naquelas paragens dos Restauradores em «bichas» intermináveis esperando os «eléctricos» com um serviço irregular e desordenado, sujeitando-se tudo ao interesse de horários que não andam a horas e aos interesses do pessoal, por vezes já um pouco ressabiado, tendo a impressão de que lhes falta o ensino das boas maneiras e o interesse pelo serviço a tempo e horas!

Os toldos que abrigam os passageiros dos auto-carros são o sinal da consideração e da atenção que á companhia, merece o publico que os utiliza.

Estou certo de que, se o brigadeiro Tamagnini Barbosa, que foi director da C. C. F. L., ainda existisse, as coisas já se teriam modificado — o meu amigo sr. dr. António Luís Gomes, ilustre delegado do Governo junto da Companhia, não deixará mentir — e quando esse nome é lembrado na camada do pessoal que serviu com Tamagnini Barbosa, é ouvir, como eu, com satisfação, os elogios e justissimas referências a quem tanto fiscalizava, andando nos «eléctricos» para auscultar das exigências justas e do que fosse necessário para bem do publico!

Nestas «bichas» a que me refiro não era natural que a Carris tivesse o seu pessoal habilitado a contribuir para a boa ordem e educação, ao entrar nos seus carros? E' observar o que se passa e avaliar... E a P. S. P. não poderia auxiliar a direcção e seu pesosal dando-lhe guardas auxiliares que poderiam muito bem ser pagos pela Companhia, se houvesse entendimento para se fazer compreender o que seja educação cívica; o respeito pelos outros? Tudo seria a bem do serviço e do País. O pessoal da Carris limita-se a abrir a porta do carro; as pessoas entram muitas vezes de tropel entrando primeiro os... mais espertos e os... mais fortes! A C. C. F. L., com os proventos que tem hoje, bem pode, á sua custa, montar um serviço de ordem nas suas paragens principais e de maior movimento. Uma noite destas, naquele corredor do terminus da linha de Benfica, á saída das fábricas que ali há, nunca vi tanto atropelo e tanta tropelia, como naquele embarque em carro com outro atrelado! E era tão fácil ter ali o expedidor com um polícia auxiliar da P. S. P.!...

Coxias dos carros electricos

Já viram os meus quatro leitores coisa mais desprestigiante, mais falha de tdos os preceitos de uma boa educação civica e disciplina social, tendo de mais a mais um director inglês na C. C. F. L., que sob este aspecto são irrepreensiveis na Inglaterra, já viram coisa mais ridicula para nós todos que um aviso afixado em todos os carros que diz assim: «*Previnem-se os senhores passageiros de que é proïbido estacionar nas coxias*».

Pois, há viagens continuas, principalmente á tarde e de manhã, com as coxias a abarrotar de passageiros; a comprimirem-se de uma forma tal que dificultam a cobrança.

Não era mais sério, mais honesto e mais educativo mandarem tirar aquele *aviso*, para as crianças que lêem aquilo, não ficarem a fazer uma ideia pouco lisonjeira da maneira como se cumprem as ordens dadas?

Rapazio dependurado

Fecharam-se todos os carros abertos! Eram cachos humanos em saídas e entradas de desafios de futebol!

Pois nem assim! Quem é capaz de acabar com esse triste espectáculo? A Polícia melhor que ninguém: mas as várias tentativas falham; porque, abandonada essa repressão que se vê proveitosa, volta a certa altura. Sinal bem triste para a educação no lar!

Em países onde estes problemas de transito são bem considerados são os professores primários que trazem para a rua as crianças, seus alunos, ensinando-lhes como proceder e mostrando-lhes os perigos em que incorrem. E aqui?

* * *

E a terminar, pergunto a mim mesmo: valeu a pena o que alguns deputados disseram e pediram na Assembleia Nacional a bem do transito e dos seus serviços correspondentes?

Valeu a pena este jornal, que tem outros problemas muito mais importantes, interessantes e urgentes para tratar do que estar a aturar-me, ter perdido espaços nas suas enfadonhas *histórias* já vistas e sabidas de toda a gente que anda de automóvel e a pé por essas ruas das cidades e estradas do País? Dos meus quatro leitores, um, que anda sempre de automóvel e o outro que, coitado, anda sempre a pé e tanto procura *furar a vida*, estou a ouvi-los: o primeiro a dizer: «pois sim, rala-te, tu o que tens é inveja do meu *espadalhão* e faz-te engulhos eu viver assim, fazendo tudo quanto quero»; e o segundo «andas tu para aí a prégar loas no deserto sabendo muito bem do que te fizeram passar!»

Razão tem o deputado Paulo Cancela de Abreu acreditando nos doidos que ainda andam cá por fora! Há até um dito de um deles, no manicómio, em que confessa que, ali, no hospital está o «quartel general» dos malucos; que o grosso da coluna, diz ele, anda cá por fora!

E terá razão; mas eu tenho esperanças que de tudo isto alguma coisa se aproveitará.

Cap. SALGUEIRO REGO

Pela Páscoa ofereça um relógio **ZINAL**

À VENDA NAS AGÊNCIAS OFICIAIS

EXIJA O CERTIFICADO DE GARANTIA CONTRA TODOS OS ACIDENTES

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

XXXII — PASTEUR

O imortal Pasteur, vencendo preconceitos e bacilos, modificou o curso da medicina. A secção de hoje também é mais de episódios que de anedotas. Pasteur vivia apenas para o seu laboratório. O ano de 1822 ficará célebre, por ter nascido um pequenino Luís que havia mais tarde de ser o orgulho da França.

De proveniência humilde—seu pai era curtidor de peles e seu avô, servo de uma casa abastada da província—nada indicava nos primeiros vinte anos da sua vida o que ele mais tarde viria a ser.

Era simples, um jovem trabalhador que, estudando Química, não conseguiu mais que um vago «suficiente» em um colégio de Besançon...

✻

Já a caminho da celebridade, Pasteur começou a ser massacrado com perguntas de cultos e incultos. E a um interpelante que teimava em saber como seria possível reconhecer num campo as ervas daninhas e as inofensivas, o sábio respondeu:

—Para distinguir as ervas daninhas das outras, basta muito simplesmente arrancar todas. As que tornarem a nascer, são as daninhas.

Não sabemos se o curioso se deu por satisfeito...

✻

Pasteur não morreu novo. Viveu 73 anos. Já perto do fim da vida, a vista começava a atraiçoá-lo, e ele contava, sorridente, certo episódio que lhe acontecera numa aldeia francesa. Aliás, parece ter sucedido um caso identico a Ibsen, o grande escritor nórdico.

Ao atravessar uma povoação desconhecida, quis saber o nome da terra, mas a tabuleta indicativa estava a uma altura onde não chegavam os seus olhos. E a um aldeão que passava, perguntou:

—Ó homenzinho, o que é que diz aquela tabuleta?

E o homenzinho desculpou-se tristemente:

—Ó meu caro senhor, eu também não sei ler...

✻

Depois das suas experiências vitoriosas, a sua celebridade alastrou pelo Mundo inteiro. Da Russia vieram a França, atraídos pela fama do sábio, 19 mujiques que tinham sido mordidos por um cão hodrófobo. Figuras estranhas, a unica palavra que sabiam dizer em francês, era «Pasteur». A população francesa vibrou de misericórdia pelos infelizes russos.

Pasteur vacinou-os, eles salvaram-se e a sua consagração foi apoteótica.

O czar da Russia mandou ao sábio a cruz de diamantes de Santa Ana e um valioso donativo para dar inicio á construção do Instituto com o seu nome.

✻

Ao completar 70 anos, a Sorbonne recebeu-o solenemente e a emoção foi enorme, quando a Academia o viu entrar pelo braço do presidente da Republica. Em seu nome, foi o filho que leu as lindas palavras que vamos reproduzir e que se podem considerar como uma mensagem dirigida á mocidade:

«Nunca vos deixeis contaminar por um cepticismo estéril, nem desanimar pela tristeza de certas horas sombrias. Procurai viver na paz serena dos laboratórios ou dos livros. Dizei a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? Que tenho feito pelo meu país?».

Podia falar assim, o batalhador incansável que lutara com a desconfiança dos médicos, desde o dia em que salvou as vinhas da França, pelo processo que depois se aplicou ao leite e que ainda hoje se conhece pela «pasteurização», até ao seu êxito finalmente incontestável.

✻

No tumulo de Pasteur pode ler-se esta inscrição:

«Feliz aquele que leva em si um Deus, um ideal de beleza que lhe sirva de guia. Ideal da ciência, ideal da arte, ideal da Pátria, ideal das virtudes evangélicas. Eis aí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções. Em todas se reflecte, iluminando-as, a luz do Infinito».

L. R.

Af uem a Marvão

muitos turistas

mas não há condições para os receber

MARVÃO, 19.—Esta encantadora estancia de repouso é, ao mesmo tempo, um atraente museu, pelas belezas arquitectónicas e arqueológicas que possui. Com as suas ruazinhas estreitas, casas típicas e varandas pitorescas, a vila encontra-se situada a 900 metros de altitude. O castelo, cujas muralhas circundam toda a área do concelho, é um dos mais lindos e grandiosos, com uma vista panoramica surpreendente. Havia ali uma estalagem, que embora fosse acolhedora, necessitava de ser remodelada e dotada de maior conforto. O proprietário da estalagem pediu a colaboração e o patrocinio do Secretariado de Propaganda para as obras de remodelação que se impunham, no sentido de a dotar com 10 quartos com casa de banho, água quente e fria em todas as dependências, uma sala de jantar ampla, um terraço e varanda que circundasse todo o edificio, donde se poderia desfrutar um belo panorama. O S. N. I. deu começo ás obras há dois anos, mas estas ainda este ano se arrastam com toda a lentidão, paralisando uns meses, recomeçando outros. O mais sério é que se está a fazer uma propaganda intensa de Marvão e os turistas acorrem ali em elevado numero. Franceses, Belgas, Espanhois e muitos Portugueses chegam ali com as respectivas bagagens, mas ficam desolados por não terem onde se hospedar, nem tomar sequer uma refeição. Este ano já começaram ali a aparecer turistas estrangeiros a quem tem sucedido o mesmo. Para o caso chamamos a atenção de quem de direito, pois fazer propaganda das nossas belezas turísticas e não ter as condições necessárias para receber os turistas é contraproducente.

Participação russa

na conferência dos afro-asiáticos

MOSCOVO, 19. — Segundo anunciou a agência Tass, a «União Soviética tomará parte activa nos trabalhos da conferência de solidariedade dos países afro-asiáticos, que se realiza no Cairo, no próximo mês de Outubro», e acrescentou: «A comissão soviética de solidariedade entre os países asiáticos, presidida por Mirzo Turson Zade, informou que, no ambito dos preparativos para essa reunião, a U. R. S. S. conta enviar missões de «boa vontade» a vários países dos continentes africano e asiático». — (F. P.).

BODO AOS POBRES

Depois de amanhã, das 10 ás 12 horas, o Grupo de Beneficência «Os Pelikanos» distribuirá um bodo aos pobres, na sede do Grémio Lisbonense. Deste bodo beneficiarão dois pobres protegidos pelo nosso jornal, em nome dos quais agradecemos.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

Realização — V. Tourjansky.
Intérpretes — Marianne Koch e Michael Gramer.
Argumento — Um romance de amor na Viena «fin du siècle».
Processo—Cinemascópio e Eastmancolor.
Distribuição — Sonoro Filme.
Classificação — 12 anos.

Coliseu

Companhia Internacional de Revistas Vienenses, estreia, amanhã, no Coliseu, em 2 sessões, a revista de grande montagem. «Campanas de Viena»

Sem duvida, o mais sensacional acontecimento da temporada teatral é, amanhã, no Coliseu, a estreia da grandiosa companhia internacional de Revistas Vienenses que, em duas sessões (20-30 e 22.45), apresenta a revista «Campanas de Viena».

E' um dos mais belos espectáculos do Mundo, esplendoroso de luxo, com uma montagem faustosa, linda musica, cenários de encanto, guarda-roupa, segundo modelos de Paris, corpo de baile vienense, e as melhores estrelas da actualidade, entre outras Franz Joham, Herta Frankel, Renita Kramer, Gustavo Ré, Laura Dnoso, Beny Deus, e a vedeta parisiense Bela Tildy.

A super revista «Campanas de Viena» em 2 actos e 26 quadros, é original de Artur Kaps e Franz Joham, com musica de Carlo Pezzi, Kaps, Alguceró, Strauss e Offenbach. 65 figuras.

«Campanas de Viena» é a revista mais representada do Mundo.

Bilhetes á venda.

ELE & ELA

Guardado está o bocado

Pequenas noticias

PELA POLICIA

DESVIO DE DINHEIRO E PRATAS — A Polícia Judiciária enviou ao Tribunal Criminal um processo em que é queixosa a firma Perfeito & C.ª, com sede no Porto, e arguido um seu ex-empregado, que acusa de ter desviado cobranças feitas em Lisboa e objectos de prata que trouxera para vender também na capital. A importancia total do desvio é de 42.105 esmudos, e o arguido confessou tê-lo praticado.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Braço de Prata Clube efectua-se amanhã, ás 21 e 30, um baile abrilhantado pela orquestra «Bleu Moon».

SERÕES DA F. N. A. T.

No dmingo, dia 28, haverá no ginásio do Liceu Camões um serão para trabalhadores, dedicado pela F. N. A. T. aos sócios do Sindicato Nacional dos Trabalhadores em Carnes do Distrito de Lisboa. Os bilhetes encontram-se á disposição dos sócios e suas famílias na sede daquele organismo, a partir de terça-feira, dia 23.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um brinco de ouro e outro de fantasia; um cão branco com malhas pretas; e uma cadela; uma lata e cerca de um metro de rede; dois tampões de roda de automóvel; um tampão de depósito de gasolina; um bocado de tubo de escape; dois veus de senhora; uma pequena mala com limões e morangos; um macaco de automóvel; quatro amostras de corda; o bilhete de identidade e outros documentos em nome de, João Liberto Monteiro da Ponte; uma bilha de leite; um cartão sindical em nome de Artur Angelo Dias; dois sapatos de criança; um par de luvas de homem; um relógio de pulso para homem; um varão de ferro e uma mola aspiral; um boné de criança; um alfinete fantasia; um porta-moedas com dinheiro; uma carteira com fotografias; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; um sapato «barbatana em borracha»; um lenço com ramagens, para senhora; e uma luva de senhora.

A Jugoslávia

pede a extradição de Pavelitch

BELGRADO, 19. — A Jugoslávia pediu oficialmente á Argentina a extradição do «leader» croata Ante Pavelitch, segundo foi anunciado pelo conselheiro de Estado, Milan Bartos numa conferência de Imprensa. Informou que o pedido foi feito ao Governo argentino em 16 de Abril, depois de se terem provas de que Pavelitch está realmente na Argentina.

Salientou que o Governo de Perón não cumprira os seus compromissos em matéria de extradição para com a Jugoslávia e reafirmou que o seu país assegura inteira reciprocidade, ao Governo argentino, em matéria de extradição de criminosos. — (A. N. I.).

Terminou em França

a greve dos ferroviários

PARIS, 19 — A grève da S. N. C. F. terminou ás 0 horas, normalizando-se o tráfego ferroviário tanto nas estações dos arredores como nas grandes gares parisienses—Saint Lazare, Nord, L'Est, Austerlitz e Lyon. Como estava previsto, também os ferroviários da província retomaram o trabalho. Notícias de Bordeus, Clermont-Ferrand, Montluçon, Calais, Marselha, Rennes, Lyon e Grenoble anunciam que o tráfego ferroviário recomeçou normalmente.—(F. P.).

Homenagem em Tábua

a um funcionário da C. G. D.

TABUA, 18 — Um grupo de amigos prestou homenagem ao tesoureiro da filial da Caixa Geral de Depósitos, nesta vila, sr. Artur Gomes, que atingiu, o limite de idade. O homenageado, que é pessoa muito estimada em toda a região, recebeu dos seus amigos um relógio e um alfinete de gravata, acompanhados de uma mensagem assinada por mais de setenta pessoas.

Recebo com interesse as notícias que me dá o Snr.

ADÃO CAMISEIROS

Passo em breve, pelo seu estabelecimento, para escolher o Casaco Sport e a Calça. Desejo que me mostrem esses botões de «Ponta de Veado» de que me falam os meus amigos. Têm originalidade e como tal pretendo ser um dos primeiros a usá-los.

OBRIGADO

Rua Augusta, 238
LISBOA

A 30.ª sessão do INCIDI

(Continuação da página central)

nal da religião e costumes; e, ao mesmo tempo, na aceitação e assimilação dos estilos — na musica, na arquitectura, na alimentação, nos divertimentos— o que enriqueceu e quase universalizou a vida dos Portugueses no Mundo. E tudo isto era ao mesmo tempo protegido e encorajado pelas instruções e leis. Tudo isto era o génio português, justamente a materialização, em vida e acção, dos princípios que hoje este insigne Instituto aprovou.

Não hesito em dizer que o Brasil nunca seria uma grande expressão do génio português se tivesse conservado as estreitas semelhanças com a Pátria da cultura original. Mas não: adoptando novos ritmos musicais, novas técnicas caseiras, inserindo no velho tronco, sem cortar as grandes veias, novos ramos coloridos, o português afirmou a sua verdadeira vocação expansionista. Saudando o Brasil, rico de nova seiva, eu saudo o velho e comum génio português».

E a terminar, o sr. comodoro Sarmento Rodrigues disse:

«Estou muito grato aos homens e á Providência que me permitiram assistir e presidir a uma reunião desta categoria e com um tema incomparável. Trouxe-me o destino para este lugar, a mim que levo quase uma vida inteira a trabalhar e a lutar pela unidade perfeita da minha Pátria. Unidade fundada sob o signo da fraternidade, da tolerancia, da compreensão humana.

Tenho combatido todos os privilégios ou primazias que possam basear-se em origens raciais ou geográficas. Os meus compatriotas, os meus amigos, não os distingo pelo tom da sua pele ou pelos seus credos religiosos. São cristãos, hindus, mahometanos, parses, budistas, dos melhores obreiros desta Nação, tendo tantos deles dado a vida pela Pátria. E todos nós nascidos na Europa ou Indonésia, na Africa, na India, no Extremo Oriente, no respeito das tradições e culturas, dentro duma atracção que razões seculares determinaram, temos o mesmo orgulho de ser Portugueses.

Eis a razão, caros colegas e congressistas, porque considero para mim um grande desígnio da Providência o ter sido indicado para presidir a uma sessão cujas conclusões consagram a minha própria formação moral, a de todos os cidadãos da Comunidade Luso-Brasileira e que são os ideais de todos os membros do nosso INCIDI».

«Diário de Lisboa»

Ainda a propósito da passagem do 36.º aniversário do «Diário de Lisboa», tiveram a gentileza de nos enviar saudações os srs. professor Celestino de Vasconcelos, Edmundo Frescata, D.ª Arminda Gonçalves, os administradores da Socopra, a Sociedade Musical União do Beato e a Cooperativa Portuguesa dos Proprietários.

Morto em casa
há mais de um mês

GRANDOLA, 18 — Um homem de 50 anos, que vivia sózinho, não dava, há muito tempo, sinais de vida. Os vizinhos, que suspeitavam que algo de anormal se passava, resolveram espreitar pelo telhado da casa, deparando então com o corpo do referido individuo em estado adiantado de decomposição.

Chamados os representantes da autoridade, aqueles verificaram que a morte fora provocada e se dera há mais de um mês.

Como apenas se sabe que o homem era natural de Alvalade, enquanto se espera pelo relatório da autópsia, procede-se a diligência para determinar a sua identidade.

SORTEIO DE BENEFICÊNCIA

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários «Cruz de Malta», a fim de angariar meios para adquirir novo material clínico e cirurgico e uma ambulancia, organizou um sorteio constituido pela emissão de 300 mil bilhetes a 1 escudo cada um e prémios valiosos, entre os quais, um automóvel.

O PORTO pelo telefone

Bicicleta motorizada contra uma camioneta

PORTO, 19 — Recolheu ao Hospital de Santo António o comerciante Joaquim Alves Maia, de 50 anos, casado, do Monte, Goupilhares, Gaia, que no lugar da Igreja, daquela freguesia, foi embater com a bicicleta motorizada que montava contra uma camioneta de carga guiada por José Maria Pereira da Cunha e que sofreu vários ferimentos e traumatismo craniano.

Camioneta contra électrico

Quando, uma camioneta dos serviços de limpeza da Camara parada esta manhã, na Rua de Cedofeita, foi chocar com um «eléctrico» e, do choque resultou ficarem feridos os empregados daqueles serviços José Acácio da Silva, de 36 anos, morador na Rua Gomes Freire, 132, e António Conceição Brás, de 23 anos, residente no bairro de S. João de Deus, 89. Conduzidos ao Hospital de Santo António, o primeiro ficou ali internado e o outro recolheu a casa depois de tratado de várias contusões.

Entrega de diplomas a «socorristas»

Efectuou-se esta tarde, pelas 16 e 30, na sala de aulas da Escola de Enfermagem D. Ana José da Costa, do Hospital de Santo António, a entrega de diplomas de «socorristas» aos agentes da P. S. P. que concluiram o seu curso, que funcionou sob a orientação do dr. Frazão Nazaré, tendo como monitor o enfermeiro Guilhermino.

Ao acto assistiu o sr. major António Maria Reymão Nogueira, comandante da P. V. T. que se deslocou propositadamente de Lisboa.

Sanatório do Monte Alto

A Assistência aos Tuberculosos do Norte abriu concurso publico para o equipamento da lavandaria do Sanatório do Monte Alto. Os concorrentes poderão consultar os respectivos cadernos de encargos na sede daquela instituição, na Rua de Cedofeita, 603, ou na Comissão de Construções Hospitalares, na Avenida António Augusto de Aguiar, 19, em Lisboa. Também se procedeu ontem á abertura das propostas para o equipamento radiológico daquele sanatório, cuja empreitada tem a comparticipação do Estado.

Carregamento de Sal

Procedente de Santa Pola, no Sul de Espanha, entrou esta manhã em Leixões o vapor espanhol «Castillo Aulencia» com cerca de três mil toneladas de sal que se destinam ao Grémio dos Farmacêuticos.

Automovel roubado

Na Rua Faria Guimarães apareceu abandonado o automóvel GH 19-36 que, conforme noticiámos, havia sido roubado ao sr. Mário Pereira Dantas. O referido veículo não tinha qualquer avaria, e apenas o depósito da gasolina estava vasio.

Engraxador gatuno

O sr. Manuel Maia, de Mafamude, Gaia, queixou-se á P. S. P. contra um engraxador que se ausentou com cinco cortes de fazenda que o queixoso lhe entregara para guardar.

Exposição de pintura

Inaugura-se amanhã, no salão de festas do Coliseu do Porto, uma exposição de quadros a óleo, com motivos de Portugal e da Galiza, da pintora Alexandrina Chaves Berger.

O tempo no mar

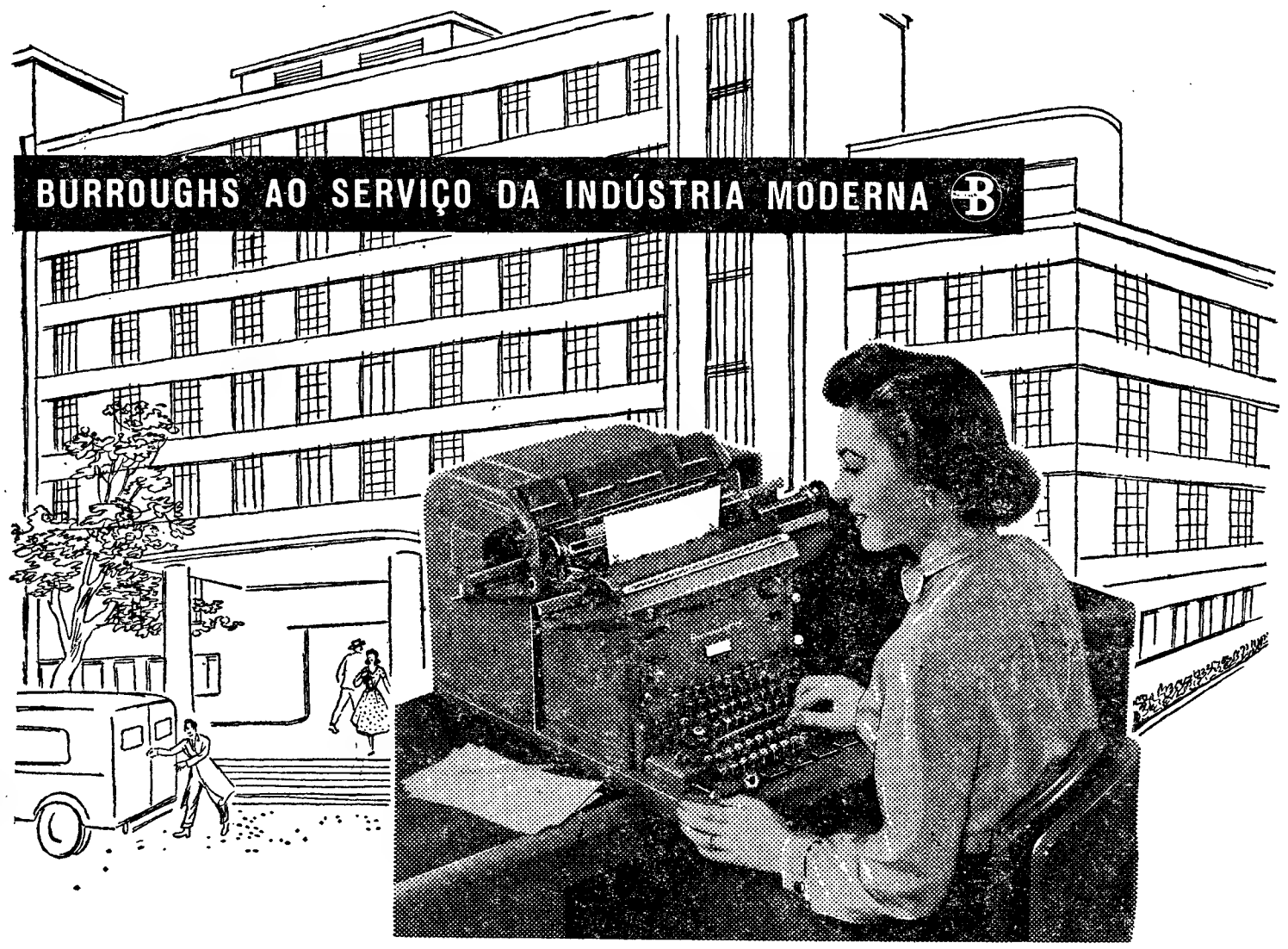
O tempo no mar melhorou e as traineiras da pesca do arrasto e da sardinha, que há dias se encontravam abrigadas em Leixões, já puderam hoje sair para as suas fainas.

As obras de ampliação
do Sanatório D. Carlos I

O Sanatório D. Carlos I (Sanatório do Lumiar) está a beneficiar de obras de ampliação e beneficiação, cujo projecto inclui a construção de uma unidade satélite. O corpo «A» desta nova unidade custará 6.753.100$00. O concurso para a adjudicação da respectiva empreitada de construção está marcado para o próximo dia 10 de Maio, ás 16 horas, na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

///

Está aberto concurso de admisssão para o preenchimento, por contrato, das vagas de chefes de secção existentes no quadro permanente da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos.



Máquina de contabilidade com multiplicação directa automática.

BURROUGHS oferece a gama mais completa de máquinas especialmente concebidas para facilitar a diversidade de trabalhos de contabilidade exigidos pela indústria moderna:

Custo de obras • Salários • Stocks • Orçamentos técnicos

★

MÁQUINAS DE SOMAR, CALCULAR, FACTURAR E ESTATÍSTICA. MÁQUINAS DE CONTABILIDADE E MICROFILME

Uma boa organização no seu escritório aumenta-lhe os lucros. Eis porque a aquisição das máquinas Burroughs não constitui uma despesa. A Burroughs põe ao seu dispor técnicos competentes que o ajudam a resolver os seus problemas de contabilidade

Peça literatura gratuita ou uma demonstração sem compromisso ao representante da **Burroughs**

ROBINSON, BARDSLEY & CO. LTD.

AV. 24 DE JULHO, 3, 1.º - TEL. 32991 (P. P. C.) - LISBOA

COIMBRA — Bairro Marechal Carmona, Rua C, 3 — Tel. 3228 • PORTO — P. Carlos Alberto, 128-A, 1.º — Tel. 24007 - 20293

Ex.mos Automobilistas e Camionistas

Prefiram para tratar dos vossos carros a GARAGEM SANTA LUZIA, na Rua D. Estefania, 109-111 (Frente á Rua Dr. Alexandre Braga)

Elevadores para qualquer tonelagem

Produtos exclusivamente V A C U U M

Centro de Medicina Dentária

Assistência exclusivamente médica

PREÇOS DE POLICLÍNICA

Consultas permanentes das 9 ás 21 horas

C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 66 49 91

O armamento inglês

(Continuação da 1.ª página)

a ignorar o verdadeiro poder de destruição delas.

Estas perspectivas são pouco animadoras. Entretanto, o ministro da Defesa vai dizendo que se trata, não de fazer a guerra mas de a impedir. Tem ele a certeza de que todos os países se recusarão a correr o risco do emprego dessa capacidade de represália, a qual significa a destruição recíproca e comum? Ninguém tem hoje duvidas de que, se isso acontecesse, mais de metade da Humanidade pereceria na provação, mas ninguém acredita no bom senso dessa mesma Humanidade.

Evitar a guerra e não a fazer

Diz-se que se os Ingleses tomarem a decisão de declarar que as armas que se preparam para usar serão apenas usadas em legítima defesa contra um inimigo que os ataque — esse inimigo é a Russia, a qual já fez essa declaração — a guerra não estalará nunca porque os dirigentes, por toda a parte, se oporão, desesperadamente, a que tal aconteça. Esse é também o pensamento expresso pelos autores do Livro Branco sobre a defesa nacional inglesa, os quais dizem no prefácio deste que «todos os planos que contem se destinam, fundamentalmente, a evitar a guerra e não a fazê-la».

Como se ajustam estas palavras ás realidades do nosso tempo? Vivemos numa época em que os ditadores — e mesmo aqueles que fingem não o ser — lutam para conservar o Poder e em que os incidentes internacionais de pouca monta tendem perigosamente a agravar-se alargando o fosso que separa as grandes potências hostis. Se efectivamente é assim, devemos desde já rezar fervorosamente para que a capacidade de represália que os actuais dirigentes ingleses se propõem criar não chegue nunca a ser empregada. As razões deste voto são tão simples e claras como óbvias.

A miragem da defesa contra as armas nucleares

Embora o Governo britanico o não diga no Livro Branco, todos sabemos que não há defesa eficaz contra um ataque com armas nucleares, transportadas em aviões ou projécteis. Mas diz que «não existem meios seguros de impedir os efeitos indirectos desses ataques, acrescentando, paradoxalmente, que, apesar disso, é conveniente prever certas medidas destinadas a limitar os referidos efeitos. Falo com o conhecimento que tenho do assunto, visto que, no desempenho do cargo de ministro da Defesa da Grã-Bretanha e depois disso pelo estudo aturado do assunto, tenho razões para supor que o conheço suficientemente. Pois bem: direi que só á custa de biliões de libras—despesa incomportável com o rendimento das nações mais ricas, é possivel criar um sistema de defesa passiva, o qual, além da construção de abrigos de eficácia duvidosa, exige a deslocação de populações inteiras.

Julgo preferivel, por isso, encarar de frente os factos, enquanto é tempo, ou na esperança de que ainda seja tempo. A tarefa essencial que compete aos homens do nosso tempo é a de, por meio de negociações, conseguir um acordo sobre a limitação do nivel actual dos armamentos, procurando, ao mesmo tempo, melhorar as nossas relações com os países vizinhos e evitando com os outros divergências que possam transformar-se em motivos de guerra declarada.

A missão das forças e as armas classicas

Finalmente devemos contribuir, quanto em nossas forças caiba, para melhorar o funcionamento da O.N.U., prestigiando-a e emprestando-lhe condições de existência realmente eficazes. Quer isto dizer que vamos pôr de parte as nossas forças e as nossas armas, confiando o futuro exclusivamente á panóplia nuclear? O próprio Governo inglês se recusa a aceitar essa hipótese e o Livro Branco acentua que os nossos compromissos contraídos em diversas parte do Mundo — na Europa, no Médio Oriente e no Sueste asiático — continuarão a ser honrados como complemento da capacidade de represália que se propõe construir. Assim, a Grã-Bretanha manterá as suas forças no nível actual ou noutro mais baixo, na terra, no mar e no ar, tanto no quadro da N. A. T. O. como no das outras alianças. Ora era isso precisamente que muitos Ingleses alarmados pela evolução dos acontecimentos há muito pediam, sendo os seus pontos de vista considerados heréticos.

Um exército, uma armada e uma aviação inuteis

Ao que parece, a decisão de limitar os contingentes britanicos que se encontram no continente europeu desagradou a alguns aliados da Grã-Bretanha, os quais classificam aquela iniciativa como um incentivo a que outros procedam da mesma forma e como uma contribuição segura para diminuir a capacidade de resistência da N. A. T. O. Estes reparos merecem resposta adequada, a qual deve ser dada por duas formas.

E' tempo de esses aliados da Grã-Bretanha — especialmente a Alemanha — darem a participação efectiva que há muito se espera deles. Por outro lado, estou convencido de que as reduções previstas nos contingentes britanicos estacionados na Europa em nada afecta a sua eficiência. Mantemos em serviço divisões que apenas o são no nome mas que não têm de divisões os contigentes, o material ou a função. Muitos dos seus componentes são empregados em tarefas que, em caso de emergência nada teriam com a realidade da guerra.

Uma das sobrecargas que o contribuinte na Grã-Bretanha paga dolorosamente resulta do numero excessivo de homens incorporados nas forças armadas. Durante anos seguidos, afirmei que, apesar do seu custo, a investigação cientifica e o aperfeiçoamento técnico nesse domínio são incomparàvelmente mais baratos do que a manutenção de um exército, uma armada e uma aviação que há muito tinham deixado de corresponder á natureza da sua missão.

MEIO SÉCULO DEPOIS

A exposição de pintura e escultura

na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Esta 53.ª exposição anual de pintura e escultura, denominada Salão da Primavera, é sofrivel. Razoávelzinha, como escreveria qualquer Acácio nacional, com brotoeja crítica. O conjunto é agradável, como vista de longe uma cidade ou uma paisagem. Mais perto «in loco», cruzando as terras pedregosas ou as vielas acanhadas, é que os senões aparecem. Quanto a nós, o pior mal não é o da técnica, geralmente. Para isso lá está o juri selectivo da exposição, a abrir ou a vedar o caminho ás peças artisticas. O que é censurável é a falta de renovação dos nossos artistas. Fixados o género e a maneira não saem deles. E nós a sabermos que A é paisagista e gosta dos tons claros; B dado ás naturezas mortas, com mais frutos ou menos flores, e que outra vez ainda — há quantos anos meu Deus! — repete a estereotipia; que C, mesmo mal, patenteia sempre um quadro de composição, onde as figuras são irmãs gémeas de outras que no ano anterior vimos, com certo interesse, mas que constituem agora «cliché» batido; que D trepa a serra e vai até á ria; quer ser populista ou G, de um doce primitivismo cimabuesco ou giottesco.

Meus amigos: é preciso ter nervos. Pintar, esculpir diferente. Renovarem-se. Transformarem-se. Serem bifrontes como as vetustas máscaras romanas. Fazerem das telas, se não caleidoscópios, qualquer coisa de cambiante, movel de imagens, acompanhando o século, os costumes, a moral ou a antimoral, como se a superficie dos quadros fosse o quadrante animado de uma televisão. A «receita», mesmo bonita, o «molho», embora saboroso, tornam-se, com o andar do tempo, enjoativos, desagradáveis ao paladar.

Veja-se Lisboa. Quanta coisa bela há para pintar! Vinhamos da exposição da Sociedade Nacional das Belas-Artes num «eléctrico», direitos — tortos ou ondulados nos carris — á Praça de Camões, quando passámos pelo jardim de S. Pedro de Alcantara. Estava um sol de oiro fino, as árvores rumorejavam, com a renda verde e subtil das folhas ainda novas, havia crianças brincando e, nos bancos, pares de namorados, conquistavam o ceu da felicidade, de um azul ferrete de água marinha. Reformados, passeavam de cá para lá. Talvez algum poeta estivesse vislumbrando através da grade a urbe moirisca, com a sua brancura de gilaba do Mogreb, a que pesadas molés de velhos conventos dão ainda um aspecto josefino. O que não podemos descrever eram a caricia do ar, sedoso como asas de borboletas; o polen doirado que escorria do espaço; os bibes das crianças, que tornavam nitida a imagem de malmequeres com os fulvos cabelos em corola amarela, nem a serenidade da tarde, a doçura extasiada das almas que ali, em poucos metros de refugio, com os *espadas* a cortar o transito, e o tilintar irritado e burburinhante dos carros eléctricos, haviam criado um pequeno paraíso, isolado da multidão. Quantos pintores nos podiam ter dado aquele momento! Aquele — e outros tantos outros, naquele sitio e em tantos outros!

Mas vamos lá á exposição. Entre outros elementos afirmativos, que se destacam, independentemente, dos «notáveis», devemos citar Machado da Luz, que veio do exotismo nipónico — curiosa inspiração! — para um colorido admirável, de que um «Nu» de nacar, envolto em gamas de pastel azul, é um primor de forma; Gouveia Portuense, com uma paisagem oftalmica de searas maturadas, que reverbera luz, em epilepsias ardentes á Van Gogh e Alvaro Duarte de Almeida, que além da «Rustica», figura, definindo um tipo rácico, é o pintor das frias serranias, de penhascos meditabundos, abandonados desde o caos, e que empedernidos parecem ainda modelar a combustão telurica que os criou.

Evidentemente, há outros. Sofro do pecado de os ter esquecido, mas o publico, mais demorado na visita, há-de encontrá-los, porque a beleza é como o diamante: mesmo através das gangas, cintila.

E sigamos agora a ordem do catálogo. Lá está mestre Varela Aldemira com um retrato bem desenhado, cheio de caracter, do dr. Cruz Alvura. A pintura é uma coisa séria, para não repetir que é arte mental na alma deste artista. Animou Varela de uma cor demasiadamente quente o rosto do modelo? Não tanto, se virmos que o deve ter pintado num dos gabinetes do Supremo Tribunal de Justiça, de pesados damascos vermelhos, ao pé de um bufete de pau santo, em frente da incorrupta Temis. Rogerio do Amaral explora a técnica de dois artistas portuenses, mas a sua paleta é limpida. Fortunato Anjos descobre sempre novas perpectivas nas serranias de Gouveia. Aquele primeiro plano está bem marcado. O negro dos pinheiros, contrasta com os verdes do fundo, numa tapeçaria de tons aveludados. João Barata expõe uns sobreiros fortes, de tendões musculosos, que exprimem bem a planicie heroica. E seguem-se, entre outros: Barata Moura, com dois retratos; José Basalisa, que parece renascer com aquela «Abobora Menina», de fresca tonalidade; Nery Capucho, em dois aspectos da Caparica; Raul Carapinha, assáz laborioso, apesar de carregado de anos, reliquia simpática destes certames; Abel Cardoso, louvando o seu Minho; Lauro Corado, sempre vigoroso, com um *Outono*, em Portalegre que é um cantico de suave luz; Albino Cunha que apresenta os netos; Marisa d'Emarghi, que, mais pelo impressionismo da cor do que pela objectividade da matéria, se dsitingue em «Veneza»; e Romano Esteves, com uma pujante natureza morta e um expressivo tipo do «Angolano», melhor agora, já livre das canseiras do Museu de Arte Contemporanea, que tanto lhe deve, sob a égide de Columbano.

Outro nucleo: Jaime Ferreira, do Porto que, como Jaime Isidoro, mantém uma maneira curiosa; Agostinho da Fonseca, com um agreste trecho da Serra do Gerez, de natureza real; Eduarda Lapa, romantica, nas tranquilas águas do Rio Antuã, de Estarreja, que murmuram endeixas; Lauro de Almeida que obteve a segunda medalha; Lázaro Lozano que, no grupo grotesco, revela o sangue goyesco da raça castelhana; Selma Marschall, com uma impressão quente de cor e calor do porto de Beiruth; Eduardo Mendes, paisagista impressivo; Narciso de Morais, colorista ridente, e Ventura Moutinho, com lilases, roxos e azuis crepusculares.

Jaime Murteira em «Manhã do Ribatejo» (a região encontrou o seu artista) é forte. Aquele ultimo plano, fosco de névoa, com as árvores em fileira, é tocado com maestria. Mário de Oliveira (arquitecto) tem em «Campos Verdes» um trecho de pintura expressiva e de dificil realização.

Mais expositores ainda: António Perdigão e Pedro Pinto, cada um na sua maneira. João Reis apresenta um unico quadro: *Nazaré*, que é belo. O realismo coa-se através da ficção. Há nele um intenso dramatismo. Figuras de mulheres embiocadas, entre uma fileira de barcos e um pescador de pé, num plano superior, olham ao fundo o mar, verdadeira concha de argento, cintilante de iriados reflexos. Foi-lhe atribuida a medalha de honra, e isto diz do valor da obra.

Mário Eduardo de Passos Reis, valoriza-se de ano para ano. E' um realista, sincero, espontaneo, que sabe o valor das gamas da paleta. Pinta a verdade — e gostamos sempre de o ver, embora a sua arte, despida de efeitos possa á primeira vista parecer sóbria. Mas tem conteudo. José Ribeiro dá-nos, liricamente, uma Sintra umbrosa e romanesca, confidencial de amores de velhos parques de infantas defuntas. José Dias Sanches, que está lá para a Galiza, marca com as «Margens do Rio Minho». Aquilo é forte, crespo, montanhoso, com o filete de água, gume de alfange, a cortar os alcantis temerosos.

O retrato da gentil «Maria Teresa», de Reinaldo Silva, tem juventude e distinção.

«O pote de Massarelos», de Alda Machado dos Santos, ocupa um dos topos do salão. Flores, frutos, cores delicadas, subtilizados, em que o sliêncio como que nos fala. Os seus pinceis não só sabem tocar, como amar, femininamente, os pequenos nadas. Admirável pintora, que tão artista é e que consegue musicalizar as tintas, arrancando-lhes verdadeiras melodias de suavidade emocional. Está o que se vê e para além alguma coisa mais se divisa — o espírito da matéria. António Saude está representado por três telas, á espátula, todas de Figueiró dos Vinhos (paisagens), Silva Lino o mesmo de sempre. As suas obras são uma espécie de «feerie». A floresta, da Serra de Sintra, é uma bela composição. Ainda Isolino Vaz, com «Auto-Retrato», e Tulio Vitorino, com «Travessia Dificil», em que uma neve espessa cobre a terra montanhosa.

Na escultura, há que ver o «Busto de Maria Pilar», de Anjos Teixeira, muito gracioso; Vasco Conceição, que talhou em mármore cinzento «Beleza Adormecida»; José Farinha, que passou para o bronze, expressivamente, a máscara de Correia da Costa; «Os galos», de Celestino Tocha, assaz decorativos; Julio Vaz, com um busto de Silva Lino, e Delfim Maia, escultor animalista.

Exposição Martin Maqueda em Aveiro

O pintor sevilhano António Martin Maqueda expôs no salão nobre do Grémio do Comércio, em Aveiro, com grande êxito, retratos a óleo do rev.º arcebispo-bispo e de alguns das mais representativas figuras da cidade, além de quadros representando paisagens nortenhas, aguarelas, gravuras em metal e ensaios de ceramica com motivos tauromáquicos.

Chás Medicinais «HERBIS»

USADOS NA ALEMANHA HÁ 50 ANOS

N.º 1 — Dissolvente do ácido úrico
N.º 2 —Regularizador da circulação
N.º 3 — Depurativo do sangue
N.º 4 — Azia e más digestões
N.º 5 — Bronquites
N.º 6 — Nervos e insónias
N.º 7 — Rins e bexiga
N.º 8 — Fígado e vesícula
N.º 9 — Hemorroidal
N.º 10 — Tónico do coração
N.º 11 — Laxativo suave

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

Pacotes de 100 Gramas

Sesseñta ovos
ao pequeno almoço

RIO DE JANEIRO, 19 — Nicolas Hawes, um camponês de 25 anos, bateu todos os «records» de apetite. Pela manhã, toma 60 ovos, ao meio-dia almoça dois quilos de linguiça e um quilo de queijo, e, como complemento, seis a dez litros de leite. Ao jantar, diminiu as quantidades, comendo dois repolhos, quilo e meio de tomates e quase cinco quilos de verdura. Não come carne e acredita que o seu apetite provém do facto de acordar ás 5 horas e de trabalhar ao ar livre, o dia inteiro. Nicolas mede 1 metro e 80 centímetros e pesa apenas 79 quilos. — (L.).

Lord Malvern:
em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 19. *(Pelo telefone).* — Viajando em comboio especial desde a fronteira portuguesa, chegou esta manhã a Lourenço Marques, o ex-primeiro-ministro da Federação das Rodésias e Niassalandia, Lord Malvern. Era aguardado na estação central desta cidade pelo sr. governador geral de Moçambique, secretário provincial eng.º Pinto Teixeira, e muitas outras altas individualidades.

Lord Malvern permanecerá nesta capital alguns dias em visita particular. — (L.).

Incidentes no mar
entre pescadores
russos e ingleses

ABERDEEN (Escócia), 19 — Um barco de guerra britanico partiu hoje deste porto de pesca para investigar se, de facto, como dizem os pescadores, os arrastões soviéticos estão a tentar dificultar a acção dos barcos ingleses nos bancos de pesca do arenque, no mar do Norte.

Tripulações inglesas regressadas ontem da faina ao largo da costa da Noruega voltaram a afirmar que os barcos russos têm estado propositadamente a destruir as redes e linhas dos pescadores britanicos. — (A. N. I.).

JOIAS RELOGIOS
CASA ANIBAL TAVARES
R. DA PRATA 95-97
PRATAS ARTISTICAS

As dissenções
entre os Franceses
fixados na Argélia

ARGEL, 19 — A Comissão de Antigos Combatentes da Argélia difundiu um comunicado com o seguinte título: — «Uma comissão mendesista de acusações contra a França, poderemos nós tolerá-la na Argélia?» — censurando Mendès-France pelas suas opiniões relativas ao problema argelino, e na qual expressamente declara:

«A Argélia não poderá tolerar que estes derrotistas venham impudentemente até ao nosso território continuar a sua obra de destruição. Se os poderes publicos cometem o erro de autorizar que essa comissão venha dasafiar-nos e insultar-nos, apelaremos para a consciência nacional e para a honra dos antigos combatentes da metrópole e da Argélia e para a grande massa dos cidadãos. A nossa capacidade de tolerancia e resistência á traição e á calunia tem limites». — (F. P.).

18 vítimas de actos de terrorismo

CONSTANTINA, 19. — Os insurrectos intensificam os seus actos de terrorismo no departamento de Constantina. A noite passada, invadiram a pequena povoação de Menar e degolaram sete muçulmanos, na presença das respectivas familias. Seguidamente, lançaram fogo a numerosas cabanas e mataram as cabeças de gado que encontraram.

Perto de Constantina, os rebeldes assaltaram vários casais agrícolas, matando três europeus e oito muçulmanos. — (A. N. I.).

RESTAURANTE
CHAVE D'OURO
— DOMINGO PASCOA —
JANTAR ESPECIAL
com
CONCERTO
Marcam-se as mesas restantes

Vai casar a Fátima?
Mande fazer o seu Banquete no Café Restaurante
AVE MARIA — Tel. 41

O chefe do Governo turco
manifesta-se contra
a libertação do arcebispo Makarios

ANKARA, 19—O chefe do Governo tureo, Adnan Menderes, manifestou, numa declaração radiodifundida, o seu pesar pelo facto de a Grã-Bretanha ter libertado o arcebispo Makários, e a sua surpresa de ver o Governo grego tomar parte no regozijo que assinalou a chegada a Atenas do arcebispo de Chipre. E afirmou:

«Nós sabiamos que essas manifestações tinham sido preparadas há já várias semanas. Um facto houve que mais chamou a nossa atenção do ponto de vista das regras internacionais: o Governo grego, em peso, tomou oficialmente parte nessas cerimónias que ele próprio organizara. Não se poderá encontrar prova mais evidente da colaboração entre a Grécia e Makários. A responsabilidade das palavras e actos do arcebispo cai toda sobre o Governo de Atenas. A Grécia parece querer fazer desse padre um heroi e mesmo um motivo de adoração. Para nós não é mais do que um terrorista notório».

Depois de censurar a decisão tomada pela Grã-Bretanha, disse:

«Devo, no entanto, frisar que as relações anglo-turcas são bastante amistosas». — (F. P.).

A minoria turca de Chipre receia um aumento do terrorismo e insiste pela partilha da ilha

ISTAMBUL, 19 — O «leader» da minoria turca de Chipre, dr. Fazil Kutchuk, falando numa conferência de Imprensa, declarou que os cipriotas turcos defenderão os seus direitos com todos os recursos de que dispuserem, no caso de a Inglaterra permitir que Makários entre em Chipre.

Acrescentou: «Sabemos que, em tais circunstancias, o terrorismo aumentaria grandemente e, se tal se verificar, os cipriotas turcos dar-lhe-ão batalha, em legítima defesa».

Concluiu reiterando o desejo de que o Governo turco insista na partilha de Chipre. — (A. N. I.).

CAIU NO MAR
um avião japonês

TOQUIO, 19. — Um aparelho da aviação naval caiu no mar perto de Iwakuni, no Oeste do Japão. Dos 10 passageiros, sete desapareceram e três salvaram-se — anuncia a Polícia japonesa. — (F. P.).

Guy Mollet
apresenta hoje
o seu programa
de austeridade financeiro

PARIS, 19 — O presidente do Conselho Guy Mollet convocou para hoje uma reunião do Gabinete francês para apresentar o seu «programa de austeridade financeira», cujo principal objectivo é a redução de 250 biliões de francos nas despesas com a administração civil e os serviços militares.

Tanto Mollet como o seu ministro das Finanças, Paul Ramadier, estão firmemente convencidos de que só á custa de cortes drásticos no orçamento das despesas se conseguirá impedir a desvalorização do franco e evitar que a França se debata com uma grave crise inflacionária.

Segundo afirmam observadores políticos, Mollet apresenta-se hoje, perante o seu Gabinete, «couraçado» com o apoio unanime dos «leaders» do seu Partido, os quais, após uma série de conferências realizadas durante todo o dia e que prosseguiram esta manhã, chegaram á conclusão de que, de facto, só um «programa de austeridade financeira» poderá salvar, neste momento, a França. — (A. N. I.).

As tentativas
para a unificação
dos dois partidos
socialistas italianos

ROMA, 19 — O Partido Socialista Italiano (de Pietro Nenni) rejeitou as condições postas ontem pelo Partido Socialista Democrático, para unificação dos dois partidos.

Uma nota distribuida pela direcção do partido de Nenni declara: «Esta direcção teve conhecimento da demissão de Matteo Matteotti do cargo de secretário do Partido Socialista Democrático devido á nova recusa da sua proposta no sentido de se pôr termo á colaboração dos socialistas democráticos com o Governo. Depois desta recusa e depois da demissão de Matteotti, as condições indicadas para a unificação revelam a vontade determinada de impedir todo o progresso para a unidade socialista e limitam-se a constituir uma diversão interna para mascarar uma crise agravada pela demissão do secretário do Partido. Esta situação, claramente oposta aos princípios e á política socialistas definidos pelo Congresso de Veneza, impede mesmo qualquer discussão... A política da unificação socialista só poderá voltar ao bom caminho se o Congresso do Partido Socialista Democrático inverter as posições tomadas pela maioria actual da direcção do Partido». — (F. P.).

Arquivado o processo
do bombista louco

NOVA YORK, 19 — Depois de analisar o parecer dos psiquiatras que o observaram, o Tribunal de Kings County resolveu cancelar o processo de George Metesky — o «bombista louco de Manhattan» — por irresponsabilidade.

Metesky foi internado no hospício de Matteawan, mas é possível que tenha ainda de responder perante o Tribunal do condado de Nova York. — (A. N. I.).

AOS PAIS DO BÉBÉ ABANDONADO

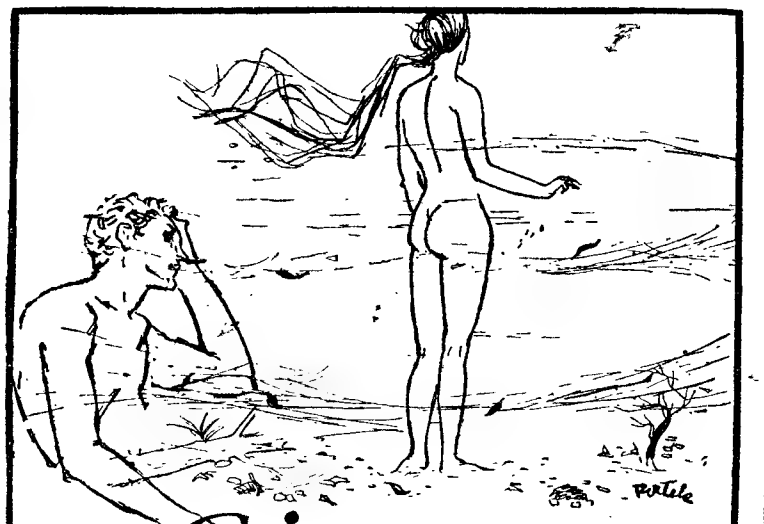
Sem ter obtido resultado no meu primeiro apelo há dias publicado, dirijo-me aos vossos corações para recolherem vosso adorável bébé. Minha situação de rapariga solteira e empregada, não permite que tome conta da criança. Evito participação às autoridades para se não criarem maiores complicações, e consequente escandalo. Estou numa situação aflitiva, embora o vosso encantador bébé se encontre bem. Imploro a vossa urgente comparência em minha casa.

RIBATEJANO
(Reconhecido oficialmente de utilidade turística)
SALVATERRA DE MAGOS — TELEFONE 14
DOMINGO DE PASCOA — Almoços e jantares com festa ribatejana
A tarde — CHÁ-DANÇANTE
Todos os sábados almoços com folclore regional e chá dançante
Informações e reserva de mesas em Lisboa — Telefone 770320
Brevemente: o que será RIBATEJO EM FESTA no RIBTEJANO!!!

CASINO ESTORIL
DEVIDO À SOLENIDADE DO DIA ESTÁ HOJE ENCERRADO
AMANHÃ — Sábado de Aleluia
ESTREIA de RENÉE LAMY
Vedeta da canção francesa
EM 6 UNICOS ESPECTACULOS (Maiores de 17 anos)

CADA GARRAFA DE
Sonasol
Indicado especialmente para louças, vidros, mosaicos, superfícies lisas, etc.

VIDA literária



Cinzas

por João de Barros

Eu bem sei, eu bem sei que não devia
Prender-me á tua graça... Eu bem conheço
Quantos remorsos hão-de ser o seu preço
Destas horas supremas de alegria!

Mas a vida afinal, é sempre o dia
Que vai passar... E o bem que eu desconheço
Se fosse o que desejo, o que estremeço,
Nem o sonho maior o sonharia!

De tão eterno, igualaria a morte!...
Por isso eu quero, em meu abraço forte,
Ter a ilusão que foge, e que me encanta...

Que me importa, depois, que venha a dor?
— Bastam as cinzas quentes deste amor
Para abafar os gritos na garganta!

(Desenho de Jardim Portela)

O PRETO NO BRANCO

Congressos e Concursos

de RAMADA CURTO

Fui sempre um grande apreciador de Congressos, sejam eles do que for. O que se ouve nos Congressos substitui com vantagem o que se lê nos livros. E ler é muito mais massador do que ouvir. Uma comunicação oral sobre a cultura da beterraba nos terrenos baldios feita a um Congresso de «beterrabeiros» é sempre uma coisa curiosa e espectacular. O congressista levanta-se para falar sobre a beterraba e são todas as teorias, as estatísticas, as doutrinas, os tratados, os compêndios, as teorias que há sobre a beterraba. E' possível que se as mostrarem ao orador ele não saiba distinguir uma beterraba de um rabanete ou de uma cenoura, mas depois de o ouvir e ás teorias, ás estatísticas, ás doutrinas e aos tratados que ele citou sobre a beterraba, não pode restar duvida a ninguém que se está em frente de um grande «beterrabeiro». Há quem tenha o talento especial da comunicação e nasça com a vocação de congressista. Como há também quem nasça para fazer concursos.

No meu tempo de escolar coimbrão não faltava a um acto de conclusões magnas — que era como se chamava aos doutoramentos. E como estas provas eram pela própria lei classificadas de «provas de exibição» eu delirava com aquilo. O lente em cima, o candidato em baixo, ora agora dizes tu, ora agora digo eu, primeiro lance argumentativo, segundo e terceiro lances do mesmo género e a breve trecho o meu gozo estético atingia o auge quando arguente e «arguido» falavam ao mesmo tempo e nem eu os entendia nem eles se entendiam um ao outro. Nesta altura tocava a «charamela» e eu trauteava entre dentes o hino académico, entusiasmado. «Où sont les neiges d'antan» — como diz o poeta François Vilon. Ficou-me o gosto desse tempo, de maneira que sempre que posso vou espreitar o concurso ou meter o nariz no Congresso.

Fazer ciência de casaca é di-

(Continua na página central)

Vítor Hugo

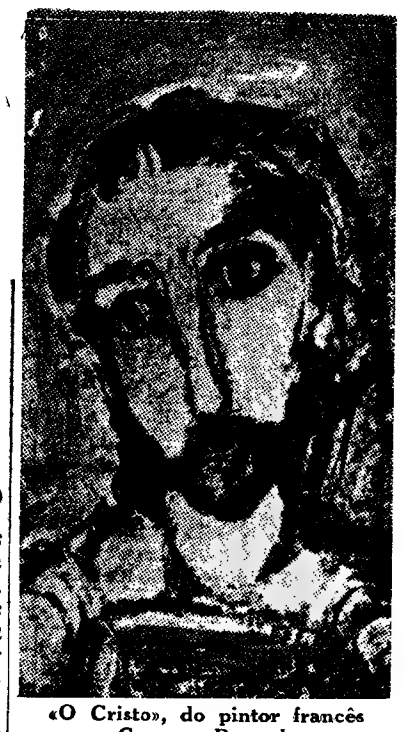
queria falar com Deus

De José Maria Peman, em «Informaciones», de Madrid:

«Vítor Hugo morreu como um roble derrubado. E nem, então, se despojou do seu olimpismo. Ouviram-no murmurar no seu leito de morte:

—Ver a Deus!... Falar-lhe!... Tenho de me preparar!...

Alguém o imaginou lendo a Deus um bem preparado discurso em alexandrinos. O poeta estava persuadido de que só Hugo podia defender Hugo ante o Juiz Supremo. Disse-o no seu testamento: «repito a oração de todas as igrejas... Peço uma oração a todas as almas!».



«O Cristo», do pintor francês Georges Rouault

Nada como um bom livro

O bibliotecário William Lowndes participou recentemente no programa da BBC «The Northcountryman. Contou a história de uma senhora de proporções um tanto avantajadas que irrompeu uma bela manhã na sua biblioteca, pedindo-lhe um romance «grande».

—E' preciso que seja um livro grosso, bem pesado—sussurrou ela com ar de segredo.

«Então — continuou o sr. Lowndes—dei-lhe o «Anthony Adverse», aquela maciça novela histórica, publicada por volta de 1930 e que há pouco foi reeditada.

A senhora sopesou cuidadosamente o livro.

—«óptimo — disse ela — é bem o que eu queria».

A curiosidade levou-me a perguntar:—«Diga-me, porque é que a senhora quer exactamente um livro grande?».

Ela olhou-me bem de frente, rosto aberto num sorriso.

—Eu gosto de ler na cama, mas o meu marido ronca como o diabo e eu preciso de algo bem pesado com que lhe dar na cabeça de vez em quando!».

Centenários de 1957

Alguns centenários que se devem celebrar, em Portugal, este ano: Fialho de Almeida, o nosso maior contista; Sampaio Bruno, admirável ensaista literário e avisado sociologo. e Francisco Barros Lobo (Beldemonio) jornalista, novelista e primoroso tradutor. E' possivel que haja mais, que algum leitor curioso venha a lembrar. Em França comemoram-se este ano, o centenário do nascimento dos poetas Harancourt Dorchain e H. C. Read e o centenário da morte de Alfred Musset, Beranger e Eugéne Sue.

O ano de 1957 marca ainda o bicentenário do escultor Canova e do físico Reaumur.

os nossos contos

CIUME E VIOLETAS

Havia dias em que nem mesmo saía do quarto. Andava para trás ou para diante ou então sentava-se e apoiava os cotovelos na mesa. Tinha duas chamas de loucura nos olhos pretos. Uma vez, encheu um copo de água, bebeu e atirou-o pela janela. Quando reparou, sentiu-se infinitamente cansado e triste. Por momentos, veio-lhe a curiosidade de saber aonde tinha caído o copo. Ficara meio escondido num canteiro de violetas e o ar estava todo perfumado. Mas logo pensou noutra coisa.

por *Paula Monteiro*

Agora, na luz forte da tarde, é que se via bem a palidez do rosto e a barba de muitos dias. Os olhos pareciam redondos e fitavam, com uma estranha insistência, a maçaneta da porta. Num dado momento, pareceu escutar. Havia, agora, nos passos leves e cautelosos. Estremeceu, quando a maçaneta girou, parecendo-lhe que fazia muito barulho.

Olhou a rapariga como se visse através dela. No vestido azul, havia dezenas de florinhas lilazes e cor-de-rosa, e via-se que se tinha penteado cuidadosamente.

Ele não se mexeu. As duas chamas dos olhos apagaram-se, de repente, mas continuou a olhá-la.

—Não pude, não pude vir. Sabes bem que se pudesse tinha vindo.

(Continua na página central)

«Campesinos», tela de Rafael Zabaleta

Pantera em bronze, do escultor Trémont

Como se fez amar

a obra dum poeta

Em Málaga (Espanha) organizado pelo «Instituto Nacional de Enseñanza Média Femenino», inaugurou-se, nos Salões da Sociedade Económica de de Amigos do País, uma larga exposição de desenhos infantis, inspirados na obra Prémio Nobel da Literatura 1956, Juán Ramón Jimenez «Platero y yo». A exposição consta de óleos, desenhos a lápis, tinta da China e aguarelas. Os trabalhos expostos foram executados por crianças até aos quinze anos de idade que frequentam as escolas e centros de ensino secundário.

ACABA DE APARECER

O Homem Contemporâneo

(SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA)

POR

DOMINGOS MONTEIRO

Todos os problemas do Homem de Hoje num livro excepcional

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos aos Distribuidores Gerais :

SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL

Trav. do Sequeiro, 4, 1.° — LISBOA — Telef. 25545

DESPORTOS

Uma fase do jogo da noite em Alvalade

O JOGO NOCTURNO EM ALVALADE

As duas faces do Sporting

encontraram um Atlético inofensivo

Dos «quatro grandes», também o Sporting se safou na jornada de ontem, sombria por demais para dois daqueles clubes, em boa verdade, a turma «leonina», ganhando merecidamente, não deixou a sensação de agrado que oferecera contra o Sevilha. Parece-nos que a relativa facilidade com que o «team» chegou a 2-0 o tranquilizou muito, exageradamente. E, por via disso, a sua exibição teve duas faces totalmente distintas. Uma, durou vinte minutos, quer dizer, até o segundo golo dos «alvalades». Nessa fase, o Sporting jogou bem, disciplinadamente (em relação ao jogo, observe-se...), sempre em movimento, através de um futebol largo, amplo, decisivo. Faltou, até certo ponto, remate mais exacto. Houve, realmente, alguns golos perdidos pelos dianteiros «leoninos», mas as duas bolas marcadas compensaram, um tanto, essas falhas. O ponto de Vasques foi simplesmente magnífico, admirável. O Atlético, sem duvida, bateu-se bem. A sua defesa nunca se perturbou (ao contrário do que sucedeu com a dos «leões») e Orlando teve espírito de iniciativa para levar, aqui e além, a bola até á defensiva sportinguista. Todo o onze da Tapadinha se orientou num sentido mais de defesa que de ataque, aparecendo Legas em reforço das linhas atrasadas. Mas foi, sempre, uma turma animosa, desenhando bem o seu jogo a meio terreno, mas claudicando nitidamente ao encaminhar-se para as balizas. Isto, todavia, não impediu que Carlos Gomes tivesse algum labor... No ultimo quarto de hora deste tempo o Sporting baixou e o Atlético foi ganhando consistencia e afoiteza. Bem se viu que era assim depois do intervalo.

Efectivamente, os «verdes» pareciam outros. O grupo desarticulou-se notóriamente, admitindo certo predomínio global dos «atléticos», especialmente a meio terreno. Aí, o grupo da Tapadinha manobrava á-vontade. Fez um golo no seu melhor período e tendo mostrado capacidade para ir mais além, não soube explorar alguns lances. Exceptuando o momento do golo, pode dizer-se que os «brancos» foram inofensivos no resto do tempo, mesmo quando jogaram melhor que os contrários. Que, aliás, eram uma sombra do Sporting inicial, digamos, sem contelha, como uma defesa de afligir e um ataque «descomandado» claramente. Só para o final, depois de ter marcado o terceiro tento quase inesperadamente (para não dizermos imerecidamente) é que os «leões» subiram um podaço, dando que fazer a um Sebastião atento e decidido. Mas, no final da partida, o Atlético esteve mais perto do segundo ponto que o Sporting de quarto. E não há exagero dizendo-se que o esforço do «team» da Tapadinha bem merecia, e até exigia, diferença apenas de uma ponto...

Pérides teve uma primeira parte agradável. Mas Vasques foi brilhante na vintena inicial de minutos e Hugo também, baixando devido a um percalço que o deixou lesionando. A defesa «leonina» fraqueja. Travaços esteve numa noite infeliz. Gomes pareceu abstracto em mais de uma jogada...

Orlando distinguiu-se, jogador hábil para qualquer lugar. E também Sebastião, Oliveira, um tanto «massacrado», Legas e Castiglia. Equipa voluntariosa, perdeu-se muito a meio terreno. Sem isso...

As equipas:

SPORTING — Gomes; Caldeira, Galaz e Pacheco; Pérides e Osvaldinho; Hugo, Vasques, Pompeu, Travaços e Martins.

ATLÉTICO — Sebastião; Tomé, Orlando e V. Lopes; Castiglia e Rui Maia; Mesiano, Legas, Martinez, Oliveira e Rosário.

ARBITRO: Virgílio Leitão.

Ao intervalo: 2-0. Golos de Pompeu e Vasques. No segundo tempo: 1-1. Pontos de Castiglia (a fazer 2-1) e Travaços.

Resultado final: Sporting, 3-Atlético, 1.

PROVAS DE AUTOMOBILISMO

A VIII Volta a Portugal

disputa-se no próximo mês

O Clube «100 á Hora» vai realizar a «VIII Volta a Portugal», que será a primeira prova de automobilismo desportivo depois de revogada a restrição imposta pela crise de carburantes.

A maior prova do calendário automobilístico português, que conta para o campeonato nacional de condutores, deve iniciar-se em 23 de Maio e comporta um total de 1.867 quilómetros, sendo a maior etapa a de Monte Gordo ao Porto, por Vila Franca de Xira, na distancia de 1.027 quilómetros. Estão previstas no regulamento — o qual aguarda aprovação superior — nove provas complementares: duas em Lisboa (Praça do Império), antes da partida e após a chegada; uma em Monte Gordo (Algarve); uma de Covilhã a Gouveia; uma na serra do Marão; uma no Porto (4 voltas em velocidade pura no Estádio do Lima); uma na Figueira da Foz; uma em Sintra (rampa da Pena, em velocidade); e uma no Estoril. Pelo sr. Fernando Stock, campeão de Portugal, foi sugerida a abolição do circuito do Estádio do Lima, por, na sua opinião, não possuir interesse desportivo nem financeiro, sugestão que vai ser devidamente apreciada pela comissão desportiva do «100 á Hora».

A «VIII Volta a Portugal» destina-se a cinco grupos de carros — «Turismo», «Turismo Especial», «Grande Turismo», «Grande Turismo Especial» e «Sport de série». Cada grupo englobará quatro classes, excepto o ultimo, que terá apenas duas. Haverá taças para os três primeiros de cada classe, três taças para principiantes e prémios especiais para senhoras e equipas de clube. Da comissão de honra farão parte os srs. ministro das Comunicações, governador civil de Lisboa, director-geral dos Desportos, comandante da Polícia de Viação e Transito e chefe dos Transportes Terrestres. O director da prova será o sr. João Flores de Barros.

Perderam a cabeça

por causa da bola...

A cena passa-se no campo de futebol de Loures, entre adeptos dos clubes e discute-se a maneira como está a decorrer o jogo. Os jogadores perderam a cabeça e o publico também que defende pontos de vista a murro e a pontapé. Depois vem a calma e o arrependimento, mas é sempre tarde para evitar ou atenuar os seus efeitos. O trabalhador Timóteo e o ajudante de motorista Cachopro são dois velhos conhecidos. Encontram-se muitas vezes nos campos de jogos, mas nem um nem outro chegaram sequer a saber-se os nomes ou apelidos. Sucede que o Timóteo deu um soco a um espectador com quem estava em desacordo, obrigando este a fugir. O amigo Cachopro deu com o chapeu de chuva na cabeça do amigo Timóteo, que lhe produziu um ferimento. Foram ambos presos por um sargento da Guarda Republicana e presentes no Tribunal de Polícia, onde expuseram as suas razões, o nervosismo que se apoderou deles com a discussão da bola e a defesa das respectivas «claques», pois, cada um tem o seu grupo favorito. Mas são amigos, desde que não discutam a bola e não estejam um ao pé do outro a assistir ao decorrer dos desafios, está claro. No entanto, um e outro são boas pessoas e o primeiro é até homem de juizo e pai de seis filhos. As testemunhas de defesa disseram de um e de outro o melhor que se podia dizer. Mas o amigo Cachopo foi condenado em dezoito dias de prisão, remiveis a 20$00, três dias de multa a 15$00, 100$00 de imposto e 120$00 de indemnização ao ofendido. A pena foi-lhe, porém, suspensa por dois anos.

Concurso de fados

O jornal «A Voz de Portugal» vai eleger a «rainha das cantadeiras dos bairros de Lisboa» e o «marialva do fado», aos quais serão atribuídos cartões de profissionalismo, uma viagem de avião a Moçambique, contratos, taças de honra e valiosos prémios de firmas comerciais. Para isso, haverá no sábado, no Clube Desportivo da Graça, a 3.ª eliminatória do Grande Concurso de Fados de 1957. Prestarão provas os concorrentes: Julieta Lopes, Mário Fernandes, Virgílio Coelho e Guilherme Viegas, do Clube Desportivo da Graça; Maria de Lourdes Lopes, do Lisboa Clube Rio de Janeiro; Joaquim Manuel Ferreira, do Grupo Desportivo da Mouraria; Jaime Silva, do Grupo Recreativo dos Hospitais Civis de Lisboa; e Manuel da Silva Pereira, do Grupo Desportivo da Lapa. O programa inclui as atracções Abílio Herlander, Odete Rosa, Moisés Campelos, António Silva, Alexandre Cruz, Agostinho Dias e o cantor José Ramos, que dirige o espectáculo.

AOS PAIS DO BÉBÉ ABANDONADO

Sem ter obtido resultado no meu primeiro apelo há dias publicado, dirijo-me aos vossos corações para recolherem vosso adorável bébé. Minha situação de rapariga solteira e empregada, não permite que tome conta da criança. Evito participação às autoridades para se não criarem maiores complicações, e consequente escandalo. Estou numa situação aflitiva, embora o vosso encantador bébé se encontre bem. Imploro a vossa urgente comparência em minha casa.

HÓQUEI EM PATINS

Portugal tem esta noite

contra o grupo da Itália o seu primeiro jogo difícil

MONTREUX, 19 — *(Especial para o «Diário de Lisboa»)* — A primeira jornada do torneio internacional de hóquei em patins, disputada ontem á noite, correspondeu perfeitamente ao que a comissão organizadora aguardava.

O Clube Rinque Hóquei de Montreux viu o pavilhão cheio de publico entusiasta, o que significa não ter a tradicional prova da Páscoa, este ano dotada com a taça «Lusitania», perdido o grande interesse que lhe é votado, desde a sua primeira edição desenrolada em 1946.

A ronda inaugural tem sempre para os técnicos das equipas um sabor muito especial — o da análise da capacidade dos adversários. Essa análise, na noite de ontem, se bem que não permita, como é óbvio uma conclusão que possa considerar-se como definitiva, consente que se diga terem-se apresentado os oito «cincos» bem preparados, nos aspectos atlético e técnico.

Entretanto, os Italianos revelaram menos homogeneidade que nos anos anteriores.

Espanha e Portugal parecem destinados a discutir, mais uma vez, a supremacia. Isto porém, não significa que não haja que ter em conta a Alemanha, a Inglaterra e a própria Holanda... A Suíça desiludiu, demonstrando falta de coesão e pouca eficácia no ataque.

No desafio de hoje, os Portugueses defrontarão os Transalpinos que, de certo, desejam demonstrar que a sua capacidade é superior á evidenciada ontem.

Leonel Costa, no entanto, mantém-se optimista, tendo-nos declarado que a despeito dos Transalpinos serem um obstáculo sério, está esperançado em ultrapassá-lo.

A Espanha defronta, esta tarde, os Alemães, não podendo os Espanhois considerarem-se, «a priori» vencedores, porquanto os Germanicos além de duros, são voluntariosos e de grande poder atlético, o que é de considerar dado que a duração dos encontros é de quarenta minutos. Apesar disso, a Espanha é favorita.

O desafio de hoje, entre a nossa equipa e a italiana é arbitrado pelo suíço Martinetti.

O hóquei patinado português tem, desde ontem, mais um «internacional» — Acursio, o excelente futebolista e hoquista do F. C. Porto, que tem a particularidade de ser o jogador mais alto que está no Torneio de Montreux (1,86 m.). Os Espanhois demonstram particular atenção ás possibilidades do jogador nortenho.

✠

Na lista dos marcadores, o alemão Ruck está no primeiro posto, com seis golos, seguido de Van Dinter (holandês), com quatro; e de Rocca (espanhol) e Mário Lopes (português) com três, cada.

✠

Falta fazer uma referência á estreia como «internacional» do árbitro Antero de Perdigão, que produziu excelente trabalho, sendo a sua arbitragem classificada como a melhor da noite.

Resultados

1.º dia

Alemanha-Holanda... ...	7-6	(4-2)
Espanha-Suíça...	5-1	(3-0)
Itália-Inglaterra...	4-3	(1-3)
PORTUGAL-Bélgica ...	6-0	(3-0)

Calendário

Hoje (á noite): Alemanha-Inglaterra; Suíça-Bélgica; e Itália-**PORTUGAL** (22 e 10 m).

Dia 20 (de tarde): Inglaterra-Bélgica; Alemanha-Itália; Espanha-Holanda.

Dia 20 (á noite): Alemanha-Bélgica; Suíça-Itália; Inglaterra-**PORTUGAL** (22 e 10 m.).

Dia 21 (de tarde): Bélgica-Espanha; Suíça-Inglaterra; Holanda-**PORTUGAL** (16 e 40 m.).

Dia 21 (á noite): Bélgica-Holanda; Suíça-Alemanha; Espanha-**PORTUGAL** (22 e 10).

Dia 22 (de tarde): Holanda-Itália; Inglaterra-Espanha; Alemanha-**PORTUGAL** (16 e 40).

Dia 22 (á noite): Inglaterra-Holanda; Suíça-**PORTUGAL** (21 e 20); Espanha-Itália.

PROVAS DE SKI

Aproveitando as férias da Páscoa e as boas condições nas pistas da serra da Estrela, o Ski Clube de Portugal, de colaboração com o Clube Nacional de Montanhismo, promove hoje e amanhã, as provas «S. C. P.» (1.ª, 2.ª e 3.ª séries), «Covilhã» (2.ª série) e «C. P.) (3.ª série) que fazem parte do calendário da presente época mas que, devido ao mau tempo não foi possível levar a efeito mais cedo.

Dada a hipótese de o Clube Nacional de Montanhismo não poder realizar no domingo próximo a prova «Circuito», ultima do calendário, o Ski Clube de Portugal fará disputar uma corrida só para corredores da 1.ª série, para a qual conta com uma valiosa taça.

Os acessos ao planalto da Torre podem fazer-se tanto pela Covilhã (Nave de S. António e Espinhaço do Cão) como por Seia (estrada da Lagoa Comprida).

FUTEBOL

Mais de 5.000 contos por um jogador !...

LONDRES, 19. — Consta que o «Juventus» de Turim pagou 55.000 libras (cerca de 4.500 contos) ao Leeds United por John Charles, o conhecido futebolista galês. Este, pela sua parte, receberia 10.000 libras. — (F. P.).

Um jogo em Luanda

LUANDA, 19. — A selecção dos naturais de Leopoldville, jogando com habilidade e rapidez, derrotou o Sporting Clube de Luanda, por 4-1. Mokuna, que jogou no Sporting e foi o mais destacado jogador da equipa, evidenciou o seu potente remate. — (L.).

QUEDA GRAVE

de um estudante que seguia de bicicleta

OLHÃO, 19 (Pelo telefone) — No hospital desta vila deu entrada em estado grave o estudante Celestino João Pinto, de 16 anos, filho do motorista da firma Martins & Pereira, sr. Celestino Santos. Celestino João seguia na sua bicicleta motorizada na estrada de Quelfes quando colidiu com um automóvel conduzido pelo dr. Joaquim Saraiva.

Rita, o excelente guarda-redes do Caldas, num salto aparatoso, bloca firmemente o esférico, ante as vistas do interior-direito «encarnado», Salvador, e dos seus companheiros Saraiva e Fragateiro

Tito, extremo-direito do Belenenses, tenta passar o defesa setubalense Graça

Gama, o decidido guarda-redes do Torriense, sai da baliza para deter um lance ofensivo dos Cufistas

TAÇA DE PORTUGAL

Porto, Lusitano e Torriense devem ter assegurado a passagem aos Quartos de Final

Com uma jornada incompleta, correspondente á 1.ª mão dos «oitavos de final», prosseguiu ontem, com o seu quê de ineditismo, que advem da realização de encontros a meio da semana, o torneio da «Taça de Portugal».

Ficou por disputar o desafio Marítimo-Académica, por impossibilidade de deslocação da equipa coimbrã, disputaram-se encontros a horas desencontradas e uma partida foi jogada á noite. Como se vê, o cunho de regularidade das provas da F. P. F. não foi, desta feita, o mais perfeito.

Os resultados que apuraram foram os seguintes:

Benfica-Caldas	0-0
Sporting-Atlético	3-1
V. Setubal-Belenenses	3-1
C. U. F.-Torriense	1-2
F. C. Porto-Arroios	5-0
Lusitano-Covilhã	4-0
Vianense-Barreirense	3-3

Inegávelmente a «Taça» entrou, agora, na sua fase mais importante, quase se podendo dizer que começou agora... O apuramento das dez equipas destinadas a juntarem-se ás cinco primeiras do campeonato nacional da 1.ª Divisão e ao representante das ilhas, fez-se com uma amplitude que não tem sido normal nas «edições» anteriores, tendo de admitir-se que estão, presentemente, na prova os melhores grupos da actualidade.

A jornada de ontem — quinta da competição — revestiu-se, por isso, de grande interesse até porque o acasalamento dos grupos estava feito de modo que só um desafio era de vaticínio certo (F. C. Porto-Arroios). Os outros previam-se equilibrados e, com efeito, á excepção do Lusitano-Covilhã, não se verificaram resultados por demais expressivos. Tanto melhor para o interesse da competição.

Neste breve relance, vejamos, agora, o comportamento dos três «maiores» de Lisboa. O Sporting foi o unico que venceu, mas sem ter conquistado uma vantagem de tentos que torne fácil a sua deslocação para a Tapadinha, no próximo domingo. Naturalmente os «leões» levarão a melhor.

O Benfica não pôde ir além de um empate, e isso constituiu, a bem dizer, a surpresa da jornada de ontem. Era de exigir mais aos «encarnados», aureolados com o seu título de campeões nacionais. Na realidade, jogando em casa, contra o 12.º classificado do nacional, o Benfica fez um péssimo resultado, que o conduzirá cheio de preocupações ás Caldas da Rainha. De modo que o empate de ontem só pode ter tido a virtude de emprestar ao jogo de depois de amanhã uma expectativa especial.

O Belenenses, em Setubal, foi o menos afortunado, perdendo em Setubal e sem ter de que se queixar. A desvantagem de dois golos não é desanimadora, admitindo-se perfeitamente a recuperação.

Outra equipa da A. F. L. que esteve em acção foi o Torriense, que se deu ao luxo de ser a unica a ganhar no campo do adversário.

Relativamente ao jogo de Evora surpreendeu, apenas, a expressão do resultado. Naturalíssima, portanto a vitória do Lusitano que deve ter sentido bem a necessidade de obter um resultado tranquilizador (várias causas influiram no resultado). Na verdade, o avanço de quatro golos é apreciável.

O desafio F. C. Porto-Arroios foi o que teve desfecho mais de harmonia com as previsões, fornecendo o melhor resultado da «ronda». Todavia, mesmo considerando os 5-0, temos de convir que o Arroios resistiu bem aos sub-campeões nacionais, excedendo o que se poderia exigir, mas sem, evidentemente, deixar pensar num volte-face.

Finalmente, o Vianense-Barreirense. O empate é sobremaneira honroso para os Minhotos e força os Barreirenses a uma melhor aplicação no desafio de depois de amanhã. Lembremos que o Barreirense na 2.ª eliminatória fez melhor campo do adversário do que no seu. A lembrança serve aos dois — Barreirense e Vianense.

Em conclusão, as perspectivas quanto aos «quartos de final» são estas: Porto, Torriense e Lusitano asseguraram ontem a sua qualificação: Barreirense, Sporting e Belenenses podem encarar a sua sorte sem pessimismos, mas sem excessos de confiança; Benfica tem a sua situação deveras periclitante. Isto falando dos de maior cotação que ontem se exibiram.

BASQUETEBOL

A regra dos Trinta-Segundos foi vivamente discutida na reunião de Munich

Na reunião dos delegados das Federações Europeias de Basquetebol e da Bacia do Mediterraneo, efectuada recentemente, em Munich, na Alemanha, sob a presidência do sr. Williams Jones, secretário-geral da F. I. B. A., foram tratadas vastíssimas e importantes questões.

O principal problema versado, foi, sem duvida, o da regra dos *trinta segundos*. Este tema originou viva discussão, pois vários delegados, entre os quais o de Portugal, discordaram da sua introdução, sem se saber necessariamente os resultados práticos de tão radical transformação nas Leis do Jogo.

Portugal ao apresentar a sua discordancia fundamentou o seu ponto de vista, especialmente, no que diz respeito á parte económica, dado que da transformação da lei, resultam encargos que não está em condições de suportar.

A discordancia de Portugal foi apoiada, fortemente, pelos delegados da Itália e da Hungria, que afirmaram que os seus países não podiam, também, suportar semelhantes encargos.

Entretanto, os delegados da Jugoslávia e da Russia afirmaram ter, já, os seus países efectuado experiências, aliás com bons resultados.

Contrariando a afirmação dos delegados anteriores Robert Busnell, declarou que a utilização do sistema, em França, não se apresenta viável, mas que, apesar dos inconvenientes que a nova lei possa trazer, não via motivos para que não se fizesse a experiência, propondo que no próximo encontro Hungria-França fosse já aplicado o sistema em discussão.

Por seu turno, o delegado da Hungria, a cuja Federação compete a organização do encontro, uma vez que o Congresso assim decidiu, disse que iria tomar as necessárias providências para que a aplicação da Regra dos «Trinta segundos» se verificasse já, neste, encontro internacional.

*

Robert Busnell — um dos mais competentes técnicos do Mundo — na sua longa dissertação sobre a questão dos *Trinta segundos* disse que a alteração aprovada, em Melbourne, tinha sido á primeira vista um remédio contra a doença que ultimamente aflige o basquetebol moderno — o congelamento da bola!

Desta maneira, era de se aplicar a regra até que em 1960, em Roma, no Congresso, se descobrisse novo «antibiótico»...

O dr. Securi, da Itália, explanando a questão afirmou que as experiências nos encontros internacionais não resolviam o assunto e, por isso, era de opinião de que todas as Federações Nacionais deviam fazer as suas experiências e dar a sua opinião á F. I. B. A. até 31 de Dezembro, do corrente ano.

Todos os delegados concordaram e votaram favoravelmente.

Encerrando a discussão, o sr. William Jones afirmou que no Campeonato do Mundo de 1958, a disputar na cidade de Santiago do Chile, em Outubro, daquele ano, seriam aplicadas as novas regras.

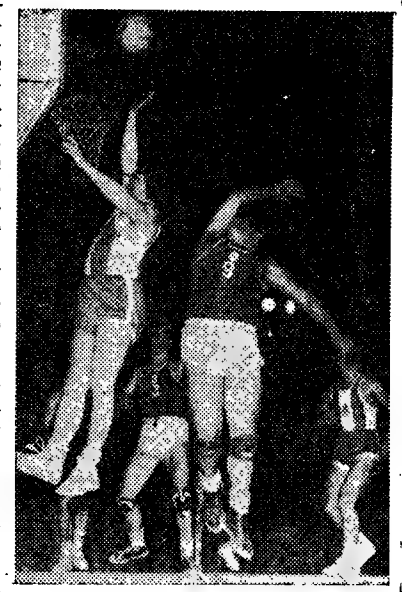
Entretanto, no campeonato mundial feminino, a disputar éste ano, elas não seriam adoptadas.

*

A importante firma suiça Omega, por intermédio do delegado do seu país apresentou na reunião um aparelho idealizado especialmente para a aplicação da Regra dos Trinta Segundos.

E', na verdade, uma máquina pequena e simples, de facílimo manejo, que possui um grupo de seis lampadas de cor verde e vermelha. Estes grupos são comandados por um outro aparelho, quase portátil, que possui três interruptores. Um deles destina-se á contagem dos cinco e trinta segundos, outro assinala o «tempo morto» e, finalmente, o terceiro coloca em movimento toda a aparelhagem.

As experiências efectuadas foram satisfatórias e o delegado suíço informou de que a Federação do seu país se coloca á disposição das congéneres, para troca de impressões acerca da nova aparelhagem.



F. C. PORTO-BENFICA, PARA O CAMPEONATO NACIONAL DE BASQUETEBOL — Bento não pode evitar que Mendes obtivesse mais dois pontos para a equipa nortenha

GINÁSTICA

Sessões de divulgação em Alvalade

Terminou ontem, no Clube Atlético de Alvalade, uma série de três festivais de ginástica, dedicados aos moradores do moderno e populoso bairro, com o propósito de difundir as virtudes da prática da ginástica.

Na segunda-feira, exibiram-se as seguintes classes: mista, de 5 e 6 anos; mista de 8; e rapazes de 11 a 12. Na terça-feira: mista de 3 a 4 anos; rapazes de 9 e 10; e meninas de 9 a 11. E ontem: mista de 7 anos; rapazes de 1 3 a 16; meninas de 12 a 16; e homens—que foram dirigidas pelos professores D. Lavínia Pais, Eugénio Carvalheira e Fernando Chaves.

Nas três sessões, numerosa assistência aplaudiu com justiça as interessantes demonstrações, que proporcionaram, na verdade, magnífica propaganda.

LIVROS E A

CONTOS E NOVELAS | COMENTARIOS DE ARTUR P

O ÚLTIMO ROMANCE DE THOMAS MANN

«As confissões de Felix Krull Cavalheiro de Indústria»

A entrevista do aventureiro com D. Carlos

Eis o ultimo romance de Thomas Mann, o maior escritor alemão do século. O autor dos «Buddenbrook» volta, com economia diferente, através de uma figura curiosíssima, polifacetada, cambiante, divergente, a dar-nos um dos seus temas favoritos: a desagregação, a ruina, a morte de uma família da classe média. Psicólogo implacável, amargo e triste. Thomas Mann em «As confissões de Felix Krull, cavalheiro de industria», parece dar-nos, tão perto está da verdade humana, uma autêntica biografia. E' dessa família que sai esse rebento, o qual parece reflectir as incertezas e as duvidas de uma época, e tanto vive, como simula

JOÃO PATRICIO

"Miradouro do Mundo"

Dois volumes de João Patrício sobre temas literários, económicos e sociais

Com o belo titulo «Miradouro do Mundo», publicou agora o nosso brilhante colaborador sr. dr. João Patrício, dois densos volumes, legendados, respectivamente, de «Temas económicos e sociais» e «Temas literários». João Patrício pode considerar-se um verdadeiro temperamento de intelectual, que se debruça sobre a nossa época, observando tanto as reacções da matéria como do espírito. Daí estes dois volumes, que embora tenham a mesma designação são de conteúdo diferente.

João Patrício caracteriza em «Temas económicos e sociais» os aspectos do esforço tecnicista do indivíduo, aponta resultados esclarece duvidas, comenta com penetrante acuidade o que há ainda a realizar. Fá-lo com superioridade mental, elevando os problemas, como que descarnando-os de tudo quanto possa ser acidental ou secundário, para nos mostrar a sua mais íntima estrutura.

João Patrício sabe ver, comentar. Nada escapa á sua análise. Tem notas modelares, que se caracterizam por uma objectividade que chega a surpreender. Há nele outro aspecto que se deve salientar—uma genuina emoção, uma sincera fraternidade pelos seres menos afortunados, o desejo profundo de resgatar, no indivíduo, integralmente, os seus valores morais.

«Temas literários» é obra de um memoralista sagaz. Dir-se-ia que o dr. João Patrício regista todos os dias, num diário íntimo, as suas observações, os seus estados de alma, os acontecimentos grandes ou pequenos da vida cultural. Mosaico variegado esse que, de certa maneira, reflecte a nossa época, e tem um alto interesse, porque o autor, já como ensaista, já como crítico nos dá uma série brilhantissima de temas, de juizos, de expressões que demonstram uma excepcional cultura e uma força de exegese que raramente se combinam ou equilibram no mesmo temperamento.

Os dois volumes de «Miradouro do Mundo» descobrem-nos vastas perspectivas. Batidos pelo sol da inteligência, vão mesmo além do nosso tempo.

a sua personagem. São particularmente intensas, tanto como pintura de costumes, como caracterologia do heroi, a sua vida como criado, num hotel de luxo, em Paris, em que se estiliza de tal maneira que nada o diferencia dos hóspedes de categoria principesca; a sua aventura com uma milionária, sequiosa de sensações incandescentes e que o ama, carnal, sàdicamente, sabendo que ele lhe roubou as joias; e, por ultimo, a sua estadia em Lisboa. Sabe-se que Thomas Mann tinha nas veias, por parte da mãe, sangue português. Quase todas as referências toponímicas de Lisboa estão certas. Felix Krull, que viaja sob outra identidade, tem uma entrevista com um rei, que deve ser D. Carlos, a quem é apresentado pelo diplomata representante do seu país. O diálogo é curioso, palpitante, embora, como é natural, o romancista, que não conheceu o monarca, não tenha captado a sua psicologia. Thomas Mann dá um admirável exemplo aos romancistas de como é possível fundir a realidade material das figuras, circunstancias, ambientes, com a criação, próprimente, subjectiva. No fundo é o mesmo problema das artes plásticas que negam, mesmo no verismo, a fotografia exacta—porque seria vulgar e, de modo algum espiritualmente recriada.

«As confissões de Felix Krull, cavalheiro de industria» definem um tipo que entrou na literatura. Thomas Mann fica como o Stendhal da nossa época. Quase geométrico no desenho das entidades humanas, se não matemático no peso das almas e das consciências. A figura como que se veste, no carnaval da vida, de expressões de máscaras de identidades diferentes—plural, sendo uma.

E' pena que a morte tivesse interrompido este romance, mas ele termina numa etapa da existência da personagem, exactamente em Lisboa, o que lhe dá, de certo modo, um final. No entanto, nós sentimos em potência o que seria esta obra imensa e tentacular, que reflecte, num só indivíduo, dezenas, se não centenas de outros numa variadede empolgante. **(Estudios Cor).**

«Destroços»

de Marques Gastão

Marques Gastão constroi rápidamente a sua obra. Vemo-lo multiplicar-se em livros, novelas, crónicas, num labor intenso e brilhante, como querendo medir a fugacidade do tempo na ampulheta doirada onde não há, infelizmente, um grão a mais, com o seu inquieto e multiforme talento, no qual se nota sempre o quer que seja de angustia espiritual e mesmo de duvida pessoal.

Mas pergunta-se: será a arte, para os verdadeiros artistas, tão subjectiva? O unico caminho da felicidade da alegria, da humana redenção terrestre? Olímpicamente, Goethe disse que não, vivendo, magníficamente, como um príncipe da Renascença, rodeado de luxo, de triunfos, de lindas mulheres, enfim de todas as volupias materiais e espirituais do Mundo.

O «Werther», que escreveu, transpondo um caso pessoal, desencadeou na Alemanha uma vaga de suicidios. No entanto, o velho Fausto germanico saboreava a glória indiferente á tremenda hecatombe passional, como aqueles deuses crueis em cujas entranhas de bronze da sua mitica simbologia, os povos antigos, para lhes apaziguar as cóleras e propiciar os fados, queimavam a fogo lento, num repugnante sacrifício, as vítimas inermes.

Marques Gastão, já o dissemos uma vez, não acredita nos homens, talvez porque o tivessem ferido profundamente. Se há cicatrizes na sua alma, como no seu corpo, elas não fecharam ainda, manam sangue. Doem sempre. Basta retirar a mão do peito para a ver humida, vermelha de um eruor onde se misturam as lágrimas de uma juventude amarga e desamparada. Nunca mais o esquecerá. Ele—é a primeira personagem dos seus livros. Podem ter os herois dos romances e novelas os mais diferentes heteronimos, que sempre reconhecemos o autor, qualquer que seja o disfarce da identidade.

São aspectos reais, integrados ou transfigurados, do que viveu, do que sofreu, do que lutou. E' um caso nitido de transversão, Dir-se-ia mesmo que os seus antigos recalcamentos, desesperos sombrios, crises dramáticas de pão quotidiano ou de indiferença humana—têm, imperiosamente, de se libertar, como literatura, para dar um pouco de serenidade, de confiança, de esperança á sua consciência.

Há, pois, em Marques Gastão um combate que permanece para além das circunstancias. Como se depois de um duro e implacável Inverno, de folhas mortas, sem sorrisos de luz, gotejante de chuva, enlameado, não apenas na Terra, mas no próprio Céu, a Primavera, mesmo a botecelliana que ele conhece tão bem, com o diadema de ouro e celinescas pedrarias, na doce e mistica madona florentina, jamais pudesse, não dizemos, voltar ás margens do Arno, mas á sua alma entenebrecida, desolada, dilacerada pelo passado.

Marques Gastão memorializa-o em traços indeleveis. Se por um lado, a sua sensibilidade o actualiza numa permanente confluência literária, por outro, não lhe podemos negar uma forte sugestão papinesca que, porventura, encontra o seu homem, não no espírito imitativo, mas porque, no duplo aspecto psico-somático (desintegramo-los para dar mais substancia á imagem), ele é, afinal, um prototipo verídico, concentrado como que assinado pelo truculento escritor italiano.

Encarnação concreta em que a realidade literária se consubstancia com a verdade humana, *avant la lettre*. De resto, em Marques Gastão houve sempre uma afinidade electiva por certos herois literários tão perturbantes como contraditórios, amassados em luz e sombra, alguns mutilados, que tentam superar, por uma metafística por vezes alucinada, outras monstruosas, o que a condição, o meio e o destino lhes nega.

Perguntaram um dia a um filósofo o que era. Respondeu, com simplicidade: «*Um simples homem sobre a Terra!*»

Réplica humilde, analitica, geométrica que procura apenas dimensionar um organismo vivo, igual a tantos, onde intermitentemente fulge uma centelha espiritual. Deve ser este o pensamento de Marques Gastão — o resto será orgulho, cinzas, pó, nada! O mais grave, porém, embora com certa feição peripatética é que o autor de «Destroços» continua a não acreditar no seu irmão homem. *Homo homini lupus!* — exclamou Plauto.

Mas uma frase, embora gravada em bronze, não pode postular uma ética. Quando muito, servir ou explicar uma circunstancia. Plauto o disse, mas mais tarde, nos montes *pensierosos* da Umbria, no azul do crepusculo que cai lustralmente das alturas misticas, um homem rude e feio que, talvez, fosse a sombra de Cristo, estendia a mão lacerada de estigmas ao lobo sanguissedento e cruel, ungindo-o de graça e reabilitando-o no amor da criação. Era São Francisco de Assis!

Na sua descrença pelo género humano, Marques Gastão volta os olhos para o Infinito. Procura tornar visivel a imagem de Deus. E' à sua luz, o seu viático, a sua redenção! Mas não seremos nós todos — não sei se isto será genuinamente ortodoxo — o seu reflexo, trilhando o áspero caminho da perfeição? Quem alcança o Tabor das ressurreições? Já alguém disse que não haveria a doçura do perdão, se não existisse o mal do pecado.

Mas não queremos ir mais longe. Pretendemos apenas extrair deste novo livro de contos de Marques Gastão o seu mais profundo significado, por vezes, imerso na penumbra.

«Destroços», que é dedicado ao insigne poeta João de Barros, é uma etapa decisiva da vida literária de Marques Gastão. São *destroços* da vida, de almas, de destinos, em naufrágio, através dos quais o autor procura os valores imortais

MARQUES GASTÃO

do espirito. Faliu a criatura. O Mundo divagá. Mas para além de tudo, há uma certeza que arde como um fogo eterno.

Muitos contos são impressionantes pela verdade vivida sobre si próprio pelo autor ou observada em exóticas escalas, através do vasto Mundo. Destacamos *Tania*, apontamento fugaz, mas incisivo; outro onde se descreve o «stress» de uma alma, que a musica apazigua com o seu génio ardente e magnetizador; «*O diário de um velho actor*» em notas emocionantes de amargura; «Arrogancia», de aguda realidade documental; «Misticismo», onde se projecta a confissão de uma mulher que procura a branca paz dos lírios de um claustro — e muitos outros que afirmam um talento propulsor.

«Destroços», sem naufrágio, afinal, porque no intenso debate da sua consciência, pesando o bem e o mal e procurando alcançar o seio de Deus — Marques Gastão declara:

«Tenho a luz acesa!» — titulo de uma das novelas que é uma confissão. Que ela arda sempre, eis o que, sinceramente, desejamos!

Investigação

EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO DA NATUREZA NO LIVRO DA MONTARIA

por Mário Martins

É bem curioso este pequeno estudo do sr. Mário Martins. Supomos mesmo que, pela primeira vez, a matéria é devidamente tratada. Como viam, na Idade Média, os homens a Natureza, independentemente, da interpretação rustica? Partindo desta base, o padre Má-

«A Virgem do Papagaio», pintura d
Nacional d

"A VIDA QUOTIDIANA"

não é apenas mais uma colecção, mas

UMA NOVA VISÃO DA HISTÓRIA

Os melhores especialistas e os melhores tradutores congregaram-se para expôr ao publico como eram e como viviam os povos da antiguidade nas épocas mais brilhantes da História.

O primeiro volume acaba de ser posto à venda

A VIDA QUOTIDIANA DOS AZTECAS

NAS VÉSPERAS DA CONQUISTA ESPANHOLA

por **JACQUES SOUSTELLE**

tradução do Dr. António José Saraiva

Uma civilização prodigiosa e bárbara, que os conquistadores destruiram no séc. XVI. O império mexicano de um dos povos mais estranhos da História.

Um cuidado volume ilustrado... 45$00

PEDIDOS A

LIVROS DO BRASIL, LDA.

RUA LUZ SORIANO — LISBOA

UTORES

ORTELA

do Martins, S. J., referindo-se a Portugal e analisando o famoso «Livro da Montaria», de D. João I, dá-nos, com a sua vasta cultura, numerosos elementos sobre a caça, a arte de Nemrod, a flora e a geografia peculiares do País, tanto no tempo de D. Afonso IV, como na época do Principe Perfeito.

Vale a pena reproduzir estes períodos da «Experiência e conhecimento da Natureza no livro da Montaria», adoptando a ortografia de hoje para a voz do vencedor do Salado:

«Contam-nos as *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal* que o bispo D. Bernardo, enviado pelo Papa fez ao rei D. Afonso IV, o «Bravo», um «formoso razoado fundado na Santa Escritura», acerca da paz. Ás quais razões El-Rei respondeu e disse: «Vós me falais em teologia, e eu sei mais beber que dela, por que me pareça que são já horas».

Horas para ele se retirar.

O ilustre investigador comenta a cena, dizendo:

«Aqui temos nós dois homens bem medievais e bem diferentes, cada qual metido no seu mundo: um teologo arrazoador e um rei cheio de fome, metido nas brenhas da guerra e da caça. Evidentemente, D. Afonso IV não olhava para os veados como um simbolo de Cristo, nem para um galo sonoro como significando o pregador evangélico. A mundividência do mistico não coincidia em tudo com a do homem da rua nem com a do filósofo, embora todos eles cristãos».

Mas onde o autor penetra mais fundo é na exegese do «Livro da Montaria». Por ele se vê que D. João I era um bravo caçador. O «Livro» do rei nada tem de teórico, ou de literário. É feito das suas experiências cinegéticas, em que muitas vezes, parece, arriscou a vida, tanto na caça aos javalis, como aos veados. Explica pormenorizadamente a técnica que deve seguir-se, com poderosa observação dos costumes dos animais, chegando ao ponto de esmiuçar a sua corpulência em relação ás pegadas que deixam nos terrenos moles. Conhece-lhes as traças, sabe onde eles melhor se acoitam, dá-nos noções climatéricas das várias regiões de Portugal, chegando a ter pena que para o porco bravo não tivessemos charnecas grandes assim como as de Santarém». Onomatopaicamente reproduz a «ladradura» dos alões, e o grito de montaria, então, usado: *«ey lo vai! ey lo vai!»*.

Esclarece ainda o rev. Mário Martins: «Neste livro escrito para instrução dos monteiros, seguem-se os conselhos uns atrás dos outros, não livrescos mas de um homem curtido por ventos, sóis e frios de mil caçadas: vejam *bolir o monte no trilho do javali e procurem: scutar o struido dos paaos ou das aguas ou o abalamento dos pedras porque o porco passe*».

Os capítulos do «Livro da Montaria» são numerosos, e o sr. Mário Martins lembra certo passo de Fernão Lopes, em que afirma ter o infante D. João, unico irmão do Principe Perfeito feito «a mais fremosa azcuma do seu braço».

«Meteu nada menos que a lança pelos *polpoões da coxa* do javali e cortou-lhe os *ossos e as juntas*, até sair pela espádua».

Qual o Português de hoje que seria capaz de fazer o mesmo? Devia ser de ferro, giganteo, com um braço de hercules, tal devoto de Santo Huberto.

E o notável investigador conclui o seu estudo, escrevendo:

«O conhecimento da Natureza, na Idade Média, não o devemos procurar sómente nos contemplativos, de olhos mais postos no Ceu do que na Terra. Nem exclusivamente nos filósofos, geralmente pouco preocupados com o concreto imediato e individual. Temos de ir também ao empirismo dos homens que, levados embora pelo gosto ludico da caça, se curvavam sobre a terra-mãe, suas plantas e animais, aspirando o Mundo pelos cinco sentidos. E neles talvez descubramos não uma filosofia mas, sim, uma atitude filosófica—neste caso, a valorização da experiência e a busca do pormenor como fonte necessária do saber concreto, em torno das coisas da Natureza.

Rubens, que pertence ao Museu Anvers

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 17.ª pagina)

ficilimo. O colarinho aperta e dificulta a circulação do sangue no cérebro. O juiz deixa cair os seus argumentos de alto sobre a cabeça do candidato que está em baixo. E são muitos contra um! Eu tenho um fundo de sadismo e deliro com aquilo. Lembra-me uma história que me contavam em pequeno e onde havia uma preta que queria ser branca e bonita e para tanto consentiu que lhe tirassem a pele. Como a operação era dolorosa ela dizia: «Muito custa a ser bonita!». E' o caso. No Congresso é pouco mais ou menos o mesmo, mas é mais fácil. Sobe o sujeito á tribuna e declama e raciocina e deduz e conclui e cita em defesa do seu ponto de vista.

Mas há, por exemplo, outro congressista que não concorda, sobe pela sua vez á tribuna e diz tudo ao contrário e insinua que o primeiro orador é parvo ou não sabe nada daquilo. Já me sucedeu estar de uma vez ao pé do primeiro quando estava a falar o segundo e ouvir este resmungar — «Pudera! Falas assim porque «te corre» e cada um canta conforme lhe soa a musica. Descarado!». Depois aquilo embrulha-se tudo, fala um terceiro, um quarto, por ai fora, até se esgotar a inscrição. Neste Congresso, onde se passou isto há muitos anos, lembro-me ainda de que se tratou a certa altura da Fome. E' claro que era a fome dos outros.

Eu gostei imenso de ouvir. Casualmente tinha almoçado muito bem nesse dia. Porque assim como há a «bête à concours» há a «bete à Congrés» — na expressão francesa conhecida. Em todo o caso, diga-se o que se disser, é bonito, é guindado, é cientifico. Será teórico mas ciência é teoria. E' preciso ter uma teoria e só depois da teoria bem assente é que se passa á técnica para realizar. O que é preciso é como eu aprendi em tempos, o que é preciso é «estabelecer o conceito». Sem estabelecer o conceito, nada feito. E' claro que um congresso de bombeiros quando o «fogo arde» não é vantajoso. Mas as mais das vezes é. Esclarecem-se problemas, debitam-se as «Lições d'urso» muito bem estudadas, põem-se as teses sobre vários aspectos. Eu gosto. O que é pena é que na maior parte dos Congressos não haja o professor que marque a nota. Se houvesse, estou certo de que só os que fossem da opinião do mestre é que «passavam». O resto era corrido a zeros na caderneta. Mas não admira que eu goste do processo porque na minha vida não faço outra coisa; discuto e falo, mas no final há três senhores vestidos de preto que põem a nota na caderneta. O que me vale é que quando há «chumbo» o reprovado não sou eu. Sim, porque lá por minha conta nunca fui a concurso nenhum. Fui a actos e chegou. Agora em Congressos já tenho entrado. Há muitos anos. O que não impede que me tenha ficado o gosto. E é por isso que sempre que posso assisto a concursos e congressos.

RAMADA CURTO

★ Colette
★ Picasso
★ Montherlant

Os 3 imortais do século XXI

Quem são os escritores e artistas franceses que, no próximo século, desfrutarão da imortalidade? Um semanário parisiense fez um inquérito, género Gallup, recolhendo três mil respostas, nos mais diversos meios sociais. Os nomes que obtiveram maior numero de sufrágios foram Colette, autora do «Cheri», Picasso, artista espanhol, que engendrou depois das épocas «cor-de-rosa» e «azul», onde nitidamente se vislumbrava a influência de Goya, o cubismo; e Montherlant, romancista e dramaturgo, bastante ácido, se não mesmo cruel, mesmo antes das concepções dramáticas de Anouilh. Obtiveram também muitos sufrágios: o arquitecto Le Corbusier e Jean Cocteau, ao qual, por todos o conhecerem, não exigimos bilhete de identidade.

Os nossos contos

(Continuação da 17.ª página)

E torceu as mãos, desejando ardentemente que ele olhasse para outro lado, que não a tivesse ali, pregada á porta, com aqueles olhos apagados de cego. Começou a chorar baixinho.

—Oh querido, querido!

Ele fitou-a, com ódio, e sentou-se na beira da cama. Olhava, agora, pela janela, mas da mesma forma, como se não visse.

Ela repetiu:

—Oh querido, querido!

Ele irritou-se:

—Diz-lhes que não posso. Compreendes? Não posso. O homem tem lá ido, não?

Ela baixou a cabeça.

—Ainda casas com ele, ainda. Parece que te estou a ver.—Riu-se com amargura, sacudindo-se muito.—Vais toda de branco, o veu a arrojar pelo chão, flores brancas de laranjeira. Fazem uma grande boda. Por que não lhe dizes que não podes—percebes—não podes casar com ele?

—Já disse.

—E ele?

—Disse-me que esperava, que eu havia de pensar melhor, que...

—Idiota! E eles querem-no, a ele, está claro... por que não lhes contas?

Ela pôs-se, de novo, a chorar baixinho.

—Vês aquela carta em cima da mesa?—continuou o rapaz—Pois bem. Escrevi a contar-lhes tudo, tudo. Nem sequer a abriram. Mas é absurdo, não vês como é absurdo? O que eles querem é que te cases com o outro e pronto. Mas eu mato-o!

Apertou-a nos braços. Continuou a olhá-la com ódio, aproximando muito os olhos, e beijou-a nos lábios, raivosamente.

—Mato-o.

Sem saber porquê, ela sentiu-se feliz. Parecia-lhe que podia, agora, contar-lhes tudo e que eles haviam de compreender as coisas porque falaria sem medo nem vergonha. Era tão natural, não era? Não esconderia nada, nada, e toda aquela angustia havia de acabar como os sonhos maus.

—Não podemos viver nesta tortura. Vou contar-lhes tudo.

O corpo do rapaz era ainda sacudido por violentos soluços, e dava a impressão de ser mais delgado. Então ela falou-lhe num murmurio, e as suas palavras eram carinhosas e doces como as que se dizem aos doentes e aos torturados.

Ele tinha as pálpebras caidas e, quando as ergueu para ela, parecia que duas asas tinham levantado voo. As olheiras, sem a sombra franjada das pertanas, ficaram menos roxas.

—É-me impossível—disse ela—é-me impossivel casar com ele. Sabes isso, não sabes? Aconteça o que acontecer, é-me impossivel.

Mas, na rua, ela sentiu, de novo, como seria difícil contar-lhes aquelas coisas. Só de pensar nisso, invadiu-a toda uma grande vergonha, e a pequena cabeça loira, quase de criança, pendeu-lhe como uma flor quebrada.

O ar, agora, estava mais fresco, mas não era desagradável senti-lo no pescoço e nos braços. Caminhava sem olhar para os lados, com um vago ar de sonambula e, por momentos, murmurou:

—Cheirava a violetas. Notei logo, quando abri a porta, que cheirava a violetas.

PAULA MONTEIRO

«Os comedores de batatas», de Van Gogh

BIOGRAFIAS

Maurois

Nasceu em 1885, em Elbeuf, na França, Émile Herzog, que é universalmente conhecido como André Maurois. Descendente de uma familia alsaciana que emigrou para França em 1871 resolvida a ser francesa, fez os seus estudos em Rução. Obteve um diploma em filosofia e, a conselho de Alain, seu mestre, trabalhou, durante dez anos, numa fábrica de tecidos pertencente á familia, mas sempre desejando ser escritor.

Agente de ligação junto ao exército inglês durante a Grande Guerra de 1914-1918, publicou, em 1918, Os silêncios do coronel Bramble *(edição sua, de mil exemplares apenas), que o tornou logo conhecido. Voltando á direcção da fábrica, Maurois deixou-a pouco a pouco pela literatura.*

Em 1939, foi eleito membro da Academia Francesa. Vivendo de 1940 a 1945 nos Estados Unidos, pôde suavizar a nostalgia da pátria ensinando e fazendo cursos de literatura francesa em várias universidades.

Publicou os seguintes romances, além do já mencionado: Os discursos do dr. Ó Grady *(1921);* Meipe *(1926);* Bernard Quesnay *(1926);* Viagem ao País dos Artícolas *(1928);* Climas *(1929);* O pesador de almas *(1931);* O circulo de familia *(1932);* A inglesa e outras mulheres *(1933);* O instinto da felicidade *(1934);* A máquina de ler pensamentos *(1937);* Sempre o inesperado acontece *(1946);* Terra prometida *(1946);* *várias biografias:* Ariel ou a vida de Shelley *(1923);* *Disrael (1927):* Byron *(1930);* Lyautey *(1931);* Eduardo VII e sua época *(1933);* Chateaubriand *(1938);* George Sand *(1952);* Olímpia *(V. Hugo), (1954);* *além de vários ensaios e também memórias.*

Sobre André Maurois, disse um critico: toda a sua carreira tem sido vivida em função da literatura. Nem a glória, nem a fortuna o afastaram do trabalho persistente. E' o tipo acabado do gentilhomem da pena.

Maurois casou em 1912 com uma jovem russa — Janine de Szymkiewcz, que morreu em 1912. Sua segunda mulher é Simone de Caillavet, neta de madame Armand Caillavet, que foi a musa de Anatole France. E' considerado o escritor francês mais traduzido.

Da Editorial Minerva recebemos o romance «O Tesouro», do escritor alemão B. Traen, traduzido para a nossa lingua por Angelo Dinis. Misterioso e arrebatante.

COMPANHIA
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PATRIA» 27 de Abril	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 23 de Abril.
«UIGE» 4 de Maio	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 29 de Abril.
«GANDA» 16 de Maio	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 14 de Maio.
«LUANDA» 21 de Maio	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (quando necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town** (quando necessário). **Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia** (quando necessário). Carrega em Lisboa até 19 de Maio.
«IMPÉRIO» 30 de Maio	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.** Carrega em Lisboa até 26 de Maio.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

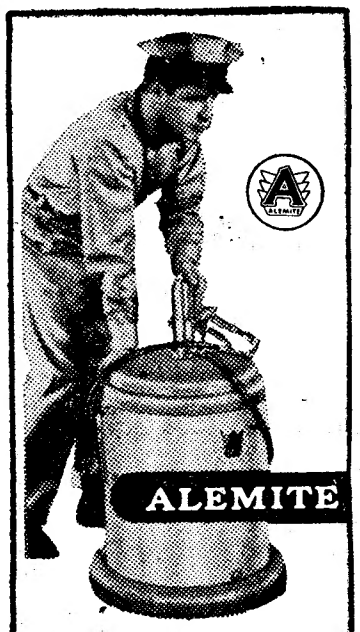
LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 5 de Maio	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Santos e Rio de Janeiro.**
28 de Maio As 12 horas	Com escala por **S. Vicente**, para: **Salvador, Rio de Janeiro e Santos.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 1 de Maio 8 de Junho As 16 horas	Com escala por **Vigo e Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Port Everglades (Miami).**

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 30131/8
PORTO: Rua Infante D Henrique, 9 — Tel. 23342



MATERIAL DE LUBRIFICAÇÃO

★

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA UMA MODERNA ESTAÇÃO DE SERVIÇO

★

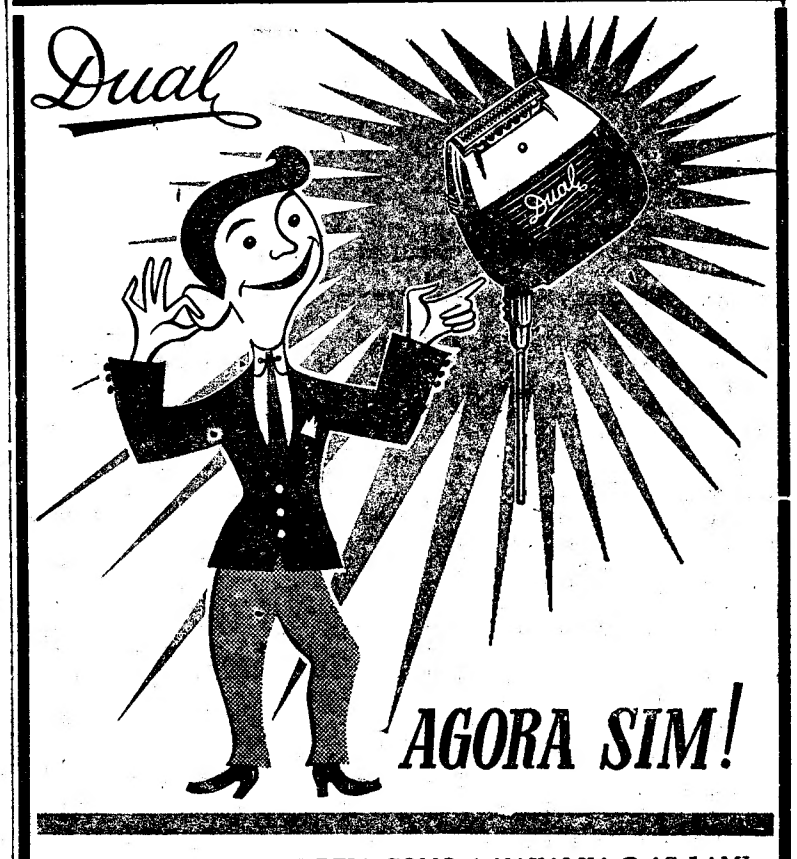
OS MOTORES PNEUMÁTICOS DAS BOMBAS DE LUBRIFICAÇÃO SÃO GARANTIDOS POR VINTE SETE MESES

★

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se em PORTIMÃO, na casa Pedro Dias, Limitada.



A MAQUINA QUE BARBEIA COMO A NAVALHA E AS LAMINAS, SEM NENHUM DOS SEUS INCONVENIENTES

Corta só os pêlos. Não irrita a pele. Barbeia rápidamente. Não cansa a mão

MAIS UM PRODUTO DE PRECISÃO DA FLORESTA NEGRA DO FAMOSO FABRICANTE DOS GIRA-DISCOS Dual

A venda em todo o País nos Agentes:
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
GEP

HORARIO DOS COMBOIOS
SEVILHA

Para visitar esta linda cidade espanhola e o Sul da Espanha utilize o novo serviço combinado que a C. P. estabeleceu através da fronteira de Vila Real de Santo António.

O transporte é feito em caminho de ferro nos percursos portugueses e em autocarros nos percursos espanhóis, sendo a travessia do rio Guadiana assegurada, por carreiras de barcos a motor com horários adequados

HORARIO

Lisboa — Partida: 8.50 (19.30, Ayamonte; 21.15, Huelva), **Sevilha** — Chegada: 23.35.
Sevilha — Partida: 8.00 (10.15, Huelva: 12.05, Ayamonte), **Lisboa** — Chegada: 21.25.
Partida de Lisboa ás terças, quintas-feiras e sábados.
Partida de Sevilha ás segundas, quartas e sextas-feiras.

ALGUNS PREÇOS

Lisboa a Sevilha: 1.ª classe, 219$80; 3.ª classe, 166$00.
Évora a Sevilha: 1.ª classe, 209$00; 3.ª classe, 158$70.
Faro a Sevilha: 1.ª classe, 98$60; 3.ª classe, 81$40.

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas.

FRANÇA
Feira de Lille
(de 4 a 19 de Maio de 1957)

ESPANHA
Feira de Valença
(de 1 a 20 de Maio de 1957)

SUIÇA
Feira de Basileia
(de 27 de Abril a 7 de Maio de 1957)

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio)
— no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia) — Telef. 848471.

O novo Hertig
CERTINA

"O AMIGO CERTO" DE SEMPRE,

valorizado com os últimos melhoramentos da moderna técnica suiça de relojoaria de precisão,

é ainda mais perfeito

SOCIEDADE ANÓNIMA KURTH FRÈRES FÁBRICA CERTINA GRENCHEN / SUIÇA

Conheça a sua terra

como País industrial

Ainda que o prazo de entrega das fotografias para a exposição «Conheça a sua terra como País industrial» no Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, só termine no próximo dia 20, têm-se recebido no S. N. I. grande quantidade de trabalhos sobre curiosissimos aspectos das nossas industrias, o que, se vai revelar um aspecto do País, quase desconhecido, patenteia desde já, por parte dos industriais e amadores fotográficos o maior e melhor espírito de colaboração com o objectivo que o Secretariado pretende atingir. A exposição garante um panorama profundamente esclarecedor, não só do desenvolvimento atingido no momento actual, mas de tudo quanto se vai e é preciso realizar pelo esforço individual, colectivo ou do Estado. Encontram-se já completamente concluidos os trabalhos de planificação, que foram orientados no sentido de completar os conhecimentos facultados pela Feira e pelo Congresso das Industrias, não só ás pessoas directamente interessadas por este sector da vida nacional, mas a todos aqueles que anseiam por conhecer mais profundamente Portugal.

VIDA MUSICAL

Concerto da Pró-Arte na Casa da Imprensa

A delegação do Mobil Clube iniciou, há poucas semanas, como foi noticiado e com bastante relevo, uma muito louvável integração na cultura musical, através das bem organizadas actividades da Pró-Arte. Pudemos finalmente assistir a um dos concertos, o 3.º, da projectada série, totalmente preenchido por um programa de violino com piano, por Vasco Barbosa e sua irmã Grazi Barbosa.

A sala é muito simpática, tem ambiente; faltam-lhe talvez alguns estofos ou a intervenção de matéria porosa, para corrigir uma certa crueza da sonoridade. E Vasco Barbosa elaborou um programa em que podia recorrer aos seus excepcionais dotes de «virtuose», sempre vibrantemente musico, como nas Arias Boémias e no Sapateado de Sarasate e na Dança do Fogo de Falla, transcrição de Kochausky. Rendeu também preito á memória de seu pai, Luís Barbosa, tocando com profunda emoção a sua bonita «Romance»; e brincou com a pecinha de fácil mas gracioso caracter, «Banjo e rabeca», de W. Kroll, compositor contemporaneo americano, segundo nos informa a sucinta nota do programa.

Vasco Barbosa também dedicou um grande pedaço da sua atenção a sólida arte violinística de Setecentos, com a Sonata de Vivaldi-Respighi, e com a Chaconne de Bach numa versão com piano, de Schumann, com a qual não concordamos muito. E não teve receio de incluir nesta sua colaboração a Sonata em sol menor, obra-prima de Debussy, de que deu uma boa interpretação em que não se esmerou menos Grazi Barbosa, de resto muito atenta em todo o programa.

FRANCINE BENOIT

Concerto em Vila Franca de Xira

Para encerramento do ciclo de realizações culturais e artísticas com que a Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira solenizou o seu 10.º aniversário, desloca-se áquela vila, na próxima segunda-feira, a Orquestra de Concerto da Emissora Nacional, que dará ali um concerto ás 21 e 30, com um atraente programa, no qual colaboram os solistas: soprano Maria Teresa de Almeida, violinista Vasco Barbosa e barítono Hugo Casais.

Concerto no Pavilhão dos Desportos pela Banda da G. N. R.

Realiza-se no domingo, ás 14 horas, no Pavilhão dos Desportos, por iniciativa da C. M. L., mais um concerto pela banda do Comando da G. N. R. dirigida pelo maestro sr. cap. Alves Ribeiro, sendo livre a entrada do publico. O programa é o seguinte: «6.ª Sinfonia» (Pastoral), de Beethoven; «Alentejo» (Suite sinfónica), de Joaquim Augusto; «Escalas...», de Jacques Ibert; e «Donna Dianna» (Abertura), de Von Reznice.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTODIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
Rua do Carmo, 11

Reclamações locais

A distribuição de correio em Unhais da Serra

UNHAIS DA SERRA, 19.—Esta localidade não tem frequentemente distribuidor de correio. Outrora teve distribuidor efectivo, o qual levava também a correspondência a uma aldeia vizinha. Depois de reformado, o correio passou a ser entregue por pessoas assalariadas dos C. T. T., que não se mantêm no lugar e são, por isso, substituidas constantemente. Assim, por vezes, a correspondência fica retida na estação por se desconhecer o destinatário, com manifesto prejuizo do comércio, industria e, de uma maneira geral, de toda a povoação.

Numa terra de dois mil e quinhentos habitantes, centro industrial e estancia balnear, faz falta um carteiro efectivo, para não se dizer que é indispensável. Para mais, há vários aglomerados populacionais dentro desta localidade, que ainda não têm distribuição domiciliária de correio.

Chama-se para o facto a atenção das entidades competentes.

A população de Abrantes é prejudicada pelo horário de uma camioneta de passageiros

ABRANTES, 19.—Chama-se mais uma vez a atenção da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres para a necessidade de se alterar o horário da carreira de Abrantes-Bemposta-Ponte de Sor, que serve em grande parte a massa escolar desta região que frequenta a Escola Industrial.

Para facilitar o regresso dos alunos, foi alterado o horário das aulas, que terminam ás 17 horas. Apesar disso, a camioneta da carreira só parte ás 18 e 10, o que está a criar dificuldades aos alunos e a seus pais. Solicita-se á Empresa Claras a modificação do horário da partida, para as 17 e 15, dando-se, assim, satisfação ás justas reclamações dos interessados, e espera-se que a direcção-geral referida tenha também em atenção os legítimos interesses da população.

AOS NOIVOS
OU CORPO DIPLOMÁTICO
Fornece lanches de casamento e «cocktails» ou aluga só louças.
Travessa das Mercês, 9, 2.º - Esq.
Telefone 368931

Dizem os leitores...

Do sr. José Pérez Féria, residente em Lisboa, na Rua Gonçalves Crespo, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

«Sendo um leitor regular do v/ jornal, e tendo sempre verificado que o mesmo, pela isenção e honestidade da sua orientação, se coloca sempre em defesa dos fracos, venho relatar-vos um facto que presenciei e que me repugnou, pela barbarie e insensibilidade que demonstra, e que me pareceu indigno de se ter verificado no local onde se registou.

Ao entrar, no sábado, ás duas horas, no meu serviço, deparei, junto á porta da minha repartição, com um pequenito de uns 8 ou 9 anos, a chorar, com a cara e o fato cheios de sangue, que vertia de uma ferida que apresentava na cabeça. Tinha também várias equimoses na cara e nos braços.

Perguntando-lhe o que lhe tinha sucedido, explicou-me que, tendo entrado furtivamente com um companheiro da mesma idade, na Quinta do Colégio dos Padres Maristas das Amoreiras, para brincarem (e possívelmente—julgo eu—para comer algumas nêsperas), tinha sido apanhado pelo guarda da referida quinta que, pegando num pau, e na presença de dois padres, que estavam ali a organizar jogos para as crianças pensionistas do colégio, lhe tinha dado várias pauladas, até o deixar naquele estado.

O pequenito usava óculos, mas o referido empregado não atendeu nem a esta circunstancia nem á sua pouca idade, e desancou-o dentro do melhor estilo e tradição nacionais, pois já Arnaldo Gama, no seu «Sargento-Mor de Vilar» exprimia esse sentimento de «cacete», quando dizia para o 33: «*Oh 33, se eles não se portam bem, pau neles*».

Procurei levar o rapazinho ao Dispensário que existe junto á esquadra da Polícia do Rato, onde pensei que lhe poderiam fazer um curativo de urgência, mas, encontrando-o encerrado, levei a criança á esquadra, entregando, desta forma, o caso á autoridade competente.

Mas, ainda que legítimamente, o selvagem empregado seja devidamente castigado, não me sentiria em bem com a minha consciência de homem civilizado, sem relatar este lamentável sucedido ao «Diário de Lisboa», para que não se repita e se não possa concluir que «se S. Francisco de Assis amava as criancinhas, os seus continuadores espirituais apreciam bem mais as nêsperas», seguindo estranhos processos pedagógicos de educação da juventude».

FOGÕES
A. MARTIN
GAZCIDLA ou GÁS da cidade

OFICIALMENTE APROVADOS E ESTAMPILHADOS

NA CIDADE, NO CAMPO, NA PRAIA, ONDE QUER QUE ESTEJA, PODE USAR ECONÓMICAMENTE O FAMOSO A. MARTIN, UM FOGÃO GRANDE E DE LUXO PELO PREÇO DUM PEQUENO FOGÃO VULGAR

A. MARTIN REPRESENTA 100 ANOS DE EXISTÊNCIA AO SERVIÇO DAS DONAS DE CASA DE TODO O MUNDO

APRESENTAÇÃO LINDÍSSIMA EM PURO ESMALTE BRANCO ALTAMENTE RESISTENTE

UM FOGÃO DE CATEGORIA AO ALCANCE DE TODOS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37 - Telef. 59181-2-3 - LISBOA
AGENTES REGIONAIS:
Norte: M. SIMÕES JR., LDA
Rua de Santo António, 208 — Telef. 25582 — PORTO
Sul: AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO
Rua de Santo António, 57 - FARO

Sociedade Geral

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU

N/M «ANA MAFALDA» em 25/4
(VIA LEIXÕES E FUNCHAL)
Carrega para Bissau em 22 e para Cabo Verde em 23 de Abril
Carga frigorífica em 24 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª 2.ª e 3.ª classes

N/M MANUEL ALFREDO em 10/5
(VIA LEIXÕES)
Carrega para Bissau em 7 e para Cabo Verde em 8 de Maio
Carga frigorífica em 9 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª classe e turística

Para: PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO E MOÇÂMEDES

N/M «ALENQUER» em 1/5
(VIA LEIXÕES)
Carrega em Lisboa de 25 a 30 de Abril
Passageiros de 1.ª classe

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES

A' carga em HAMBURGO, BREMEN e ANVERS

N/M «ANDULO»
De 15 a 24 de Abril e em Lisboa sòmente para Matadi em 30 de Abril

N/M «BORBA»
De 6 a 15 de Maio e em Lisboa sòmente para Matadi em 21 de Maio

N/M «BRAGANÇA»
De 27 de Maio a 5 de Junho e em Lisboa sòmente para Matadi em 11 de Junho

N/M «BRAGA»
De 17 a 26 de Junho e em Lisboa sòmente para Matadi em 2 de Julho

Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN e HAMBURGO

A carga nos portos de Angola

N/M «BRAGA»
De 28 de Abril a 14 de Maio

N/M «ANDULO»
De 19 de Maio a 4 de Junho

N/M «BORBA»
De 9 de Junho a 25 de Junho recebe carga para o Havre

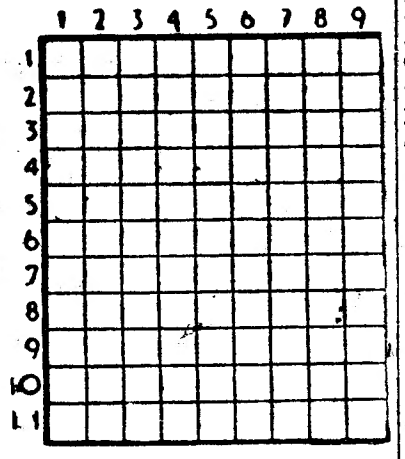
N/M «BRAGANÇA»
De 1 a 16 de Julho

Chamamos a atenção dos srs. passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagem

TRATAR EM:
LISBOA: Rua do Comércio, 39-Telef. 26314/5.
PORTO: Rua Sá da Bandeira 82-Telef. 27363.

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 1873



HORIZONTAIS: 1 — Defendes. 2 — Utensílios com que se tira a cinza do forno. 3 — Deus dos rebanhos. Vês. Céu. 4 — Rei dos Amalecitas. Copo. 5 — Divisão duma casa. Verbal. 6 — Batráquio. 1050 em romano. 7 — Acontecimento. Rezam. 8 — Artigo definido. Igual. Pedra de amolar. 10 — Polipeiro que serve para fazer joias. 11 — Emparelharem.

VERTICAIS: 1 — Capas. Ave de rapina. 2 — Apanhas. 3 — Doutor. Içais. Aqui. 4 — Rio da Russia. Macacos americanos. 5 — Poesia. Altar. 6 — Paladar. Ornato para o pescoço. 7 — Campeão. Equipar. Soletra. 8 — Ssossegam. 9 — Lago salgado do Turquestão. Rio da China.

Solução do problema n.º 1872

HORIZONTAIS: 1 — As. Dor. Ar. 2 — Sapo. Orna. 3 — Anal. Duas. 4 — Arameis. 5 — Armim. 6 — Em. Eia! Al. 7 — Sais. Soba. 8 — Era. Srs. 9 — Ré. Dom. E's. 10 — Caria. 11 — Amor. Mais.

VERTICAIS: 1 — Asa. Reserva. 2 — Sana. Maré. 3 — Para. Ia. Có. 4 — Dólares. Dar. 5 — MMI. Por 6 — Rodeias. Mim. 7 — Ruim. Os. Aa. 8 — Anãs. Abre. 9 — Rãs. Alasses.

CAMISAS BRANCAS
AS MELHORES QUALIDADES
OS MELHORES PREÇOS
TORRE EIFFEL
104—RUA DO CARMO—106

«LISBOA»

A estreia, no Cabo, do filme «Lisboa», serviu de ensejo a que a gerência do «Van Riebeeck»—um dos melhores cinemas daquela cidade, manifestasse o seu apreço pelo nosso País, engalanando, de colaboração com o Consulado de Portugal, o salão de entrada, com bandeiras e cartazes, expondo uma colecção de fotografias de monumentos e motivos portugueses. Simultaneamente, a firma «Mann George & Co.», agentes da Companhia Colonial de Navegação, apresentou, numa das suas montras, alguns cartazes e fotografias sobre Portugal e sobre o filme «Lisboa».

No dia da estreia, senhoras portuguesas, vestindo trajes regionais, receberam no «Van Riebeeck» os convidados e acompanharam-nos aos seus lugares.

Vestidos de Malha
Lindos modelos
a 360$00 esc.
e muitas novidades em
Conjuntos de Malhas
Visitem a
CASA MAX
193-A - R. D. Estefania - 193-F

ENCICLOPÉDIA

Afidos, familia de insectos de pequeno tamanho, com antenas de três a sete artelhos; dois olhos compostos, três olhos simples ou nenhum; duas asas ou nenhuma, sendo mais frequente a falta de asas nas fêmeas. Os afidos são, em geral, verdes, ás vezes com franjas de outras cores. Alimentam-se do suco de flores e talos, ás vezes de raizes, de determinados vegetais. Muitos segregam pelo anus um liquido açucarado que é muito procurado pelas formigas. Causam graves prejuizos porque chupam a seiva das plantas, em sociedade, multiplicando-se, e fazendo com que murchem os rebentos tenros, ou produzindo neles monstruosidades.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—*Programa A*—Ás 18: Noticiário e o «Martírio de S. Sebastião», de Debussy; 19: A oratória «Isaias», de Tansmann; 19 e 46: «Stabat Mater», de Verdi; 20: Pio XII e os grandes problemas do homem, pelo dr. António de Azevedo Pires; 20 e 15: «Sinfonia em ré menor», de César Frank, pela Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Furtwaengler; ás 21: Noticiário; 21 e 15: «Funerais», de Liszt; 21 e 30: 3.º episódio da «História de Fátima», numa realização de Miguel Trigueiros, segundo elementos do livro de João de Marchi; 21 e 50: Programa do Grupo Coral Aleluia; 22 e 10: Histório do Teatro; 22 e 40: «Fantasia em dó maior», de César Frank, em orgão, por Dupré; 22 e 55: «Matias, o Pintor», de Hindemith, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo autor; 23: Junção dos emissores—Programa pela «Schola cantorum», do seminário de Évora.

Programa B—Ás 22 e 10: Transmissão de Montreux, do relato do desafio de hóquei em patins, da Taça das Nações Portugal-Itália, pelo nosso enviado especial Artur Agostinho, com comentários por Olivério Serpa; 23 e 5: Musica de tecla: «Soneto 104, del Petrarca», de Liszt, por Simon Barere; «Preludio em sol maior», de Rachmaninoff, por Geza Anda, e «Luar», de Debussy, por Leonard Pennário.

RÁDIO CLUBE—Ás 20: Noticiário; 20 e 5: missa de Requiem, de Brahms.

RÁDIO RENASCENÇA—Ás 18 e 30: Terço e sermão da Paixão, pelo rev. padre Francisco Barreiros, da basílica dos Mártires.

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA—Ás 21 e 30: Abertura; 21 e 33: A juventude no Mundo: n.º 8, do Serviço Internacional de Actualidades para Crianças; 21 e 45: A Paixão de Cristo nos primitivos portugueses; 22: Noticiário e actualidades nacionais e internacionais; 22 e 20: Intervalo; 22 e 25: Diálogo de «Maria e de Jesus na Cruz»—Mistério medieval francês; realização de Álvaro Benamor; 22 e 35: A virgem na arte; 22 e 55: Ultimas notícias.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL Á'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental, o vento é fraco de vários rumos. O Céu está pouco nublado por acção de uma massa de ar seco e relativamente quente, transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre os Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 12°; Porto, 16°; Lisboa, 17°; Faro, 18°; Funchal, 17°.

PREVISÃO ATE' A'S 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ: — Céu pouco nublado. Vento fraco de Nordeste rondando para Norte e tornando-se moderado durante a tarde ao longo do litoral Oeste do continente. Pequena subida de temperatura.

ARTAZ DO DIA

CINEMAS

TIVOLI—«O Mártir do Calvário».
POLITEAMA—«O rapaz e a bicicleta».
EDEN—«Nossa Senhora de Paris».
MONUMENTAL — «Serenata».
CONDES—«A ultima valsa».
ROMA—«Istambul».
AVIS—«A ultima valsa».
ODEON—«Um anjo negro».
CAPITÓLIO — «Miguel Strogoff».
OLIMPIA—«Vidas turbulentas».
TERRASSE—«O recruta e o gaiato».
JARDIM—«O rei dos reis».
PROMOTORA—«Um dia na vida».
IDEAL—«O milagre de Fátima».

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Abril de 1927 publicava uma crónica de Norberto de Araujo que, de Sevilha, e com motivo de canto «flamenco», dizia: «Em Portugal temos o «fado». E' certo que os fadistas o vão estragando com variações ridículas; mas, quando ouço alguns idiotas desdenharem do «fado» porque é um canto «dissolvente», dá-me vontade de lhes pedir que venham a Espanha ver como os artistas e os escritores ajudam a conservar o que é popular em todas as suas fontes originais de beleza, porque é nelas que reside a aristocracia de uma nação, a sua élite, pelo menos a inspiração básica de todas as suas correntes nacionais».

O SR. PASCOAL

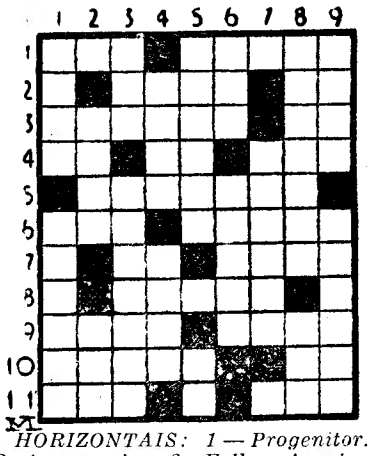
Desenhado especialmente para o «Diário de Lisboa» por VILHENA

— Olá, Pascoal! Então, tornaste a cair na esçada?

EFEMÉRIDES

No dia 19 de Abril de 1588 morreu em Venesa o pintor Veronese; no mesmo dia de 1824, Byron, no de 1881 morreu Disraeli, e no de 1882 nasceu Getulio Vargas.

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)
Problema n.º 864



HORIZONTAIS: 1 — Progenitor. Desta maneira. 2—Falha. A mim. 3—Fiz resplandecer. Base. 4—Pronome pessoal. Em doses iguais (abrev.). Rio da Ásia Central, tributário do lago Balcache. 5—Crueldade. 6—Oceano. Bafeje. 7—Estrépito de desmoronamento. O que. 8—Rei lendário do País de Gales, cujas aventuras serviram de assunto ao Cíclo da Távola Redonda. 9—Privilégios. Deus dos ventos. 10—Ribeira do distrito de Beja, afluente do Guadiana. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 11—Rate. Negativa.

VERTICAIS: 1—Tem possibilidade. Dentar. 2—Atreve-se. Escavado. 3—Pau-ferro. Fere com as unhas. 4—Cidade da Roménia, á beira do rio Maros. Homem pouco sociável. 5—Praias. Pertences. 6—Afasta-se. Esmurre. 7—Maculado. 8—Suplique. Planeta satélite da Terra. 9—Dividi ao meio. Torno pomposo.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 863

HORIZONTAIS: 1—Atarantar. 2—PELOS. Ulo. 3—Ria. Praia. 4—Em. MAUS. 5—Satura. 6—Tá. Amo. 7—Obumbra. 8—Sra. Ir. 9—Aru. Uso. 10—PAGAM. Man. 11—Aram. Tais.

VERTICAIS: 1—Apresa. Upa. 2—Teima. OS. Ar. 3. Ala. Braga. 4—Ró. Mutuaram. 5—Asparam. Um. 6—Rua Bi. 7—Tuas. Arruma. 8—Ali. Ema. Sai. 9—Roam. BONS.

Provébio: PELOS MAUS PAGAM OS BONS.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO A — União—Estrada de Benfica, 592, 594. Tel. 780092; Alegria—Estrada de Benfica, 277-C 281, Tel. 780511; Canto—Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência, Lgo. Rego, 91. Tel. 773728; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77. Tel. 779480; Cabrita—Campo Grande, 220, 222. Tel. 772397; Barbel—Avenida de Roma, lote 2, JAA. Tel. 776235; Zil—Avenida da Igreja, 9-D. Tel. 778380; S. João de Deus—Rua Pedro Ivo, 1-A, 1-B. Tel. 725140; Imperial—Avenida Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 726860; Bentozinho—Avenida Óscar Monteiro Torres, 38-A. Tel. 774920; Avenidas (Das)—Avenida da Republica, 27-A. Tel. 42532; Oliveira Viegas—Rua Viriato, 27, 27-A, frente ao «Avis Hotel». Tel. 48966; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação. Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 399237; Grijó—Rua do Grilo, 25; Banha—Estrada de Chelas, 173, 175. Tel. 392241; Frazão—Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90, 92. Tel. 847019; Ziler—Rua de S. Tomé, 54, 56. Tel. 22835; Central da Penha—Rua da Penha de França 58, 60. Tel. 849245; Damásio & Cordeiro—Rua Morais Soares, 56-C. Tel. 847708; Estefania—Rua Pascoal de Melo, 90. Tel. 44438; Confiança—Avenida Almirante Reis, 46. Tel. 42453; J. Ribeiro, Ld.ª—Largo das Olarias, 33. Tel. 28843; Salutar—Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade. Tel. 53694; Pinto—Rua de Campolide, 11. Tel. 49210; Almeida—Rua Silva Carvalho, 136. Tel 663226; União—Rua Saraiva de Carvalho, 119. Tel. 663643; Castro, Suc.—Rua de S. Bento, 199-A. Tel. 660513; Restelo (Do)—Rua Duarte Pacheco Pereira, lote 9, Pedrouços. Tel. 610741; S. Jerónimo—Rua dos Jerónimos, 8-C. Tel. 638916; Biotifar—Rua D. João de Castro, 27-B. Tel. 638824; Correia de Azevedo—Rua Luís de Camões, 48, 50. Tel. 638625; Bairrão—Rua Prior do Crato, 25. Tel. 661321; Paiva da Costa, Ld.ª—Rua da Lapa, 105. Tel. 664414; Lys—Rua da Esperança, 17, 19. Tel. 660913; Barreto—Rua do Loreto, 30. Tel. 27284; Luís Magalhães—Rua de Santa Marta, 15-A/B. Tel. 46490; **Teixeira Lopes—Rua Áurea, 154, Tel. 24816;** Oliveira—Rua da Prata, 240. Tel. 21415—A—.

FARMACIA TEIXEIRA LOPES

Rua do Ouro, 154

Está hoje de serviço

AVISO

HORARIO DOS COMBOIOS
LINHA DO SUL
Ramal de Aljustrel
Tranvias de Vila Real de Santo António a Lagos

Previne-se o publico de que, no período de 14 a 23 de Abril de 1957, efectuam-se, diáriamente, os comboios n.ºs 8.011 e 8.012, entre Lisboa e Vila Real de Santo António-Guadiana, n.ºs 8.844, 8.845, 8.846 e 8.847, entre Aljustrel e Castro Verde-Almodôvar e a automotora n.º 9.728, entre Faro e Lagos.

No mesmo período deixa de se efectuar a automotora n.º 9.730, entre Faro e Lagos.